

Do Somme ao Tejo: a vida e obra de Henri Breuil e sua contribuição para a Pré-história portuguesa¹

Luís Raposo*

Resumo

Henri Breuil, um dos mais proeminentes pré-historiadores da primeira metade do séc. XX, especialmente no que se refere ao estudo das indústrias líticas do Paleolítico e da arte rupestre de todos os períodos da pré-história, encontra-se muito ligado à história das investigações e aos progressos dos conhecimentos da Arqueologia pré-histórica portuguesa. Esteve em Portugal, pela primeira vez em 1916, quando ocorreu um conhecido incidente de que aqui se dão alguns detalhes adicionais. Regressou em 1918, mantendo nos anos seguintes frequente correspondência epistolar com José Leite de Vasconcelos, aqui publicada e da qual resultou a devolução a Portugal e ao Museu Etnológico Português da estela calcolítica de Arronches. Regressou novamente, por maior período de tempo e com maior impacte nos estudos paleolíticos, durante os anos da 2.^a Guerra Mundial, quando trabalhou em colaboração intensa e profícua com Georges Zbyszewski. E voltou finalmente, em anos sucessivos, especialmente durante os invernos, até ao final da vida.

Para além do acompanhamento mais detalhado do impacte da obra de Breuil nos conhecimentos sobre a Pré-história portuguesa, realiza-se no presente estudo uma apresentação global da sua personalidade e da sua obra, acompanhada esta por tratamento estatístico e gráfico que visa pôr em evidência as principais tendências evolutivas que exprime ao longo de mais de 6 décadas de produção bibliográfica, num total de mais de 8 centenas de títulos.

¹ O presente artigo resulta da adaptação e desenvolvimento de conferência sobre o mesmo tema proferida no Instituto Franco-Português em 4 de Junho de 1996, integrada no ciclo de "Homenagem a Henri Breuil", organização conjunta da Embaixada de França em Portugal e da Comissão Instaladora do Instituto Português de Arqueologia.

* Arqueólogo. Director do Museu Nacional de Arqueologia, Praça do Império, 1400 Lisboa.

Résumé

Henri Breuil, un des plus éminents préhistoriens de la première moitié du XX^{ème} siècle, en particulier dans le domaine de l'étude des industries lithiques du Paléolithique et de l'art rupestre de toutes les périodes de la Préhistoire, possède de nombreux liens avec l'histoire des recherches et des progrès de la connaissance au sein de l'Achéologie préhistorique portugaise. Il vint au Portugal pour la première fois en 1916, séjour au cours duquel eut lieu un incident dont on donne ici quelques détails nouveaux. Il est revenu au Portugal en 1918, en échangeant, au cours des années suivantes, une nombreuse correspondance avec José Leite de Vasconcelos. Ces contacts, ici présentés, eut pour effet la restitution au Portugal et au Musée Ethnologique Portugais de la stèle chalcolithique de Arronches. Henri Breuil séjourna plus longuement au Portugal pendant la Second Guerre mondiale, période au cours de laquelle il marque plus profondément les études paléolithiques à l'occasion de sa collaboration intense et précieuse avec Georges Zbyszewski. Il revint régulièrement au Portugal par la suite, surtout lors des périodes d'hiver et ce jusqu'à la fin de sa vie.

Outre le suivi détaillé de l'impact des travaux de Breuil sur les connaissances relatives à la Préhistoire portugaise, on profite l'occasion pour faire une présentation globale de sa personnalité et de son oeuvre, accompagnée d'un traitement statistique et graphique dont le but est de mettre en évidence les principales tendances évolutives observables au cours de six décennies d'une production bibliographique comptant plus de huit cent titres.

Faz agora trinta anos que em Portugal se prestou pela última vez publicamente homenagem ao Abade Henri Breuil. É certo que em ciência, domínio da memorização escrita por excelência, nunca as obras dos grandes mestres ficam esquecidas, porque, no silêncio das bibliotecas e na agitação das mesas de trabalho, elas continuamente nos interpelam, na nossa humilde demanda por sucessivas aproximações a verdades afinal tão escorregadias e provisórias como as dos que nos precederam. Mas, atenta à erosão do tempo, que nós próprios, arqueólogos e pré-historiadores, tão bem reconhecemos, na rude materialidade das nossas jazidas, manda a razão que demos ciclicamente testemunho daqueles que gostosamente guardamos no nosso álbum disciplinar. Nada mais oportuno, portanto, do que trazer ao convívio das novas gerações a vida e a obra de alguém que ficou conhecido como o “Papa da Pré-história”, aquele que, nas palavras de Luis Pericot-Garcia, “conheceu os pioneiros, recolheu deles a herança e deixou aos vindouros uma ciência madura, pronta para os mais altos voos” (Pericot-Garcia, 1957, p. 486).

Infelizmente, o autor das presentes linhas está longe de corresponder ao perfil ideal da pessoa que legitimamente poderia evocar a figura do Abade. Não foi dele discípulo, não chegou sequer a conhecê-lo pessoalmente; não foi portanto cativado pela chispa do olhar, a elegância da ironia, o prodígio da memória ou a vivacidade do raciocínio apontados unanimemente por todos os que tiveram o privilégio de com ele privar; cresceu para a Pré-história na época “pós-Breuil”... e julgou até, certo dia, na sua insensata juventude, que os ensinamentos de tão grande patriarca estariam ultrapassados, como se a sedução por novas teorias pudesse diminuir a solidez das aquisições positivas anteriores e fizesse esquecer os intensos combates da única personagem que, durante uma vida de intensa labuta, conseguiu manter a chama que levou a Pré-história das suas origens oitocentistas até à explosão disciplinar do pós-guerra, da qual todos somos ainda tributários. Permita-se, pois, que, como superação do nosso distanciamento geracional, iniciemos esta evocação pedindo emprestadas as seguintes palavras introdutórias: “Dar-vos conhecimento do Abade Breuil, Senhoras e Senhores, é uma tarefa ousada porque ele nos coloca na situação de visitantes que são convidados a percorrer um parque magnífico e que devem aí descobrir sucessivamente os seus esplendores: um jardim à francesa com a sua ordenação

racional, as suas perspectivas infinitas, as suas flores organizadas segundo as leis de uma harmonia cuidadosamente calculada; um jardim inglês de curvas imprevisíveis onde a liberdade se conjuga com a fantasia, onde cada desvio reserva uma surpresa; e, no centro do parque, um pequeno bosque fechado, impenetrável, no meio do qual o olhar distingue com dificuldade algumas belas flores iluminadas pelo sol. O jardim à francesa, é a obra científica do Abade Breuil com as suas grandes orientações que guiaram toda a sua existência de sábio. O jardim inglês, é a própria personalidade do Abade, tão rica que desafia a descrição, mas cheia de humor e de uma fantasia que fazem a felicidade dos seus amigos. O pequeno bosque no centro do parque é o jardim secreto da sua alma, que ao seu pudor desagradava revelar” (Roche, 1966, p. 287). Faz trinta anos que o Abade Jean Roche assim iniciava a sua lembrança do Abade Breuil. Sem poder igualar a vivência e expressão poética daquele que no nosso país foi até ao presente um dos principais continuadores da obra de Breuil, resignemo-nos à condição de percorrer resumidamente os principais passos da sua vida, para depois deles respigar uma meia dúzia de questões-chave e finalmente recordar os contornos da sua ligação ao nosso país em geral e ao Museu Nacional de Arqueologia, em particular.

Chamámos a esta evocação “Do Somme ao Tejo” e fizemo-lo com óbvia intenção. O Somme é uma espécie de lugar fundacional da Pré-história moderna. É o Paraíso onde pela primeira vez uma Europa rigidamente vitoriana foi obrigada a reconhecer que também possuía selvagens. Selvagens certamente impudentes, nus e, o que era mais extraordinário, tão antigos que custava a imaginar: “Falamos de um tempo mais além dos tempos, mais além de todas as tradições. Aí, já não se trata de séculos e, nessa noite dos dias escoados, nessas trevas, guiamo-nos pela menor luminosidade. À falta de monumentos, é preciso contentarmo-nos com a sua poeira, e à falta de indivíduos, eles mesmos, com o traço que os seus passos deixaram” – dizia Boucher de Perthes nas suas “Antiquités celtiques et antédiluviennes”, em 1864. Ora foi no cenário profético por onde deambularam Picard e Perthes, entre Amiens e Abbeville, que Henri Breuil, pela mão do amigo da família que era Geoffroy D’Ault du Mesnil, geólogo e mineralogista natural de Abbeville, teve alguns dos primeiros contactos de terreno com a Pré-história. Foi nesse cenário que haveria de conhecer Vitor Commont. E foi ainda aí que ciclicamente regressaria, executando os levantamentos exaustivos que passaram a constituir durante décadas a base da cronologia e interpretação cultural do Paleolítico Inferior e Médio europeu e serviram de referência essencial para o trabalho realizado no Baixo Tejo, quando Portugal teve a felicidade de o acolher, durante os conturbados anos da 2.^a Guerra Mundial. A tudo isto voltaremos adiante. Vale a pena, porém, recuar até aos momentos que precederam as primeiras deslocações do jovem Breuil ao vale do Somme.

Henri Breuil, de seu nome completo Henri Edouard Prosper Breuil, nascera em 28 de Fevereiro de 1877, em Mortain, na Manche, sendo filho de Lucie Morio de l’Isle e Albert Breuil, magistrado, procurador da República, colocado no ano seguinte em Clermont-de-l’Oise, onde Henri viria a frequentar a escola primária, até 1887, ano em que transitaria para o colégio dos padres maristas, em Senlis. Ouvira já falar na escola primária em Pré-história, quando o seu professor, cuja memória guardou por toda a vida, até fazer dele o primeiro a quem comunicou a sua entrada para o Colégio de França em 1929, lhe deu como exercício de lei-

tura um texto com a descrição da descoberta da sepultura neolítica e do sítio paleolítico de Aurignac (v., por exemplo, as referências feitas em Breuil, 1936, p. 56). Tinha então oito anos e talvez o vírus da Pré-história o tenha tocado desde aí, mas apenas se manifestou mais tarde. Em Senlis, muito tímido e fechado sobre si, o jovem Breuil, certamente sob influência do exemplo paterno, começa por desenvolver o gosto pelas ciências naturais: apanha e estuda borboletas, organiza herbários, coleciona escaravelhos. Mais tarde, em 1898, o seu primeiro trabalho científico versará sobre temas entomológicos (“Observations de différentes anomalies chez les insectes”). Dir-se-ia que teve um começo de naturalista, aliás idêntico ao de Charles Darwin. Mas com uma grande diferença: ao contrário de Darwin, que abandonou a carreira eclesiástica antes de ser ordenado pastor e dedicou a vida às ciências naturais, Breuil, depois de hesitar sobre o destino a seguir, acabou por abraçar o sacerdócio, trocando também a Natureza pelo estudo do Homem.

Em 1895 entra no Grande Seminário de Issy-les-Moulineaux. E pode dizer-se que começou então a extraordinária sequência de acasos que a Providência colocou no seu caminho, de modo a numerosas vezes fazer dele “o homem certo, no lugar certo”. Em Issy, numa época em que Evolucionismo e Pré-história eram ainda olhados com desconfiança pela maior parte dos padres, Breuil terá como professor e mestre o Abade Guibert, que ali ensinava a compatibilidade das novas teorias científicas com a fé católica, divulgando as obras de Gabriel de Mortillet ou Émile Cartailhac, assim como a revista *L'Anthropologie* – que, mal sabia ele, viria depois a converter-se num dos principais portos de abrigo da obra de um dos seus jovens seminaristas. Desperto para a Pré-história – “há na Pré-história qualquer coisa a fazer e você deveria aplicar-se nisso”, dir-lhe-ia o Abade Guibert ao aperceber-se dos seus interesses (Breuil, 1936, p. 57) – o jovem Henri passa então a frequentar durante as férias a casa d'Ault du Mesnil, no Somme. Breuil jamais o esquecerá, afirmando mais tarde que foi Du Mesnil, “espírito muito judicioso e inimigo das teorias arrojadas” (Breuil, 1921, p. 162), quem “desvendou à minha primeira juventude os mistérios das casca-lheiras do Somme”, desde Saint-Acheul a Montières, passando pelo Champ de Mars, em Abbeville. Foi ainda ele quem lhe possibilitou a primeira experiência de escavação arqueológica, em Campigny, na companhia de Louis Capitan, e o apresentou aos grandes pré-historiadores da altura.

Entretanto, transitando para o Seminário de S. Sulpício, Breuil encontra como colega de carteira um outro companheiro para toda a vida: o cónego Jean Bouyssonie. E foi a convite deste, natural de Brive-la-Gaillarde, que em 7 de Julho de 1897, não sem a dificuldade de uma primeira estadia fora da família, partiu para uma visita aos sítios pré-históricos do Sudoeste, na Corrèze, Dordonha, Gironde e Landes, conhecendo homens como Elie Massénat (um dos primeiros a publicar peças de arte móvel paleolítica), François Daleau (o descobridor das gravuras de Pair-non-Pair), Emile Rivière (escavador das grutas de Grimaldi e descobridor da caverna pintada de La Mouthe), Denis Peyrony (o jovem professor da escola primária de Les Eyzies, que depressa se tornaria num dos seus mais fieis amigos e colaboradores) e sobretudo Edouard Piette, de quem se torna discípulo e próximo colaborador.

Piette, na segurança dos seus provectoros 70 anos de idade, foi para o jovem Breuil um verdadeiro raio iluminante – um relâmpago que lhe iluminou o caminho a seguir, como diria mais tarde ao tomar posse pela primeira vez posse do

cargo do Presidente da Sociedade Pré-histórica Francesa (Breuil, 1936, p. 58). Senhor da mais notável colecção de objectos de arte móvel, provenientes em grande parte das suas próprias escavações em Brassempouy, Mas d'Azil, Gourdan, Lortet, Arudy, etc., Piette tinha simultaneamente para oferecer a Breuil quer a realidade material dos seus objectos, bem mais cativante do que as ilustrações em livros, quer a ousadia intelectual das suas ideias. Não esqueçamos ter sido talvez ele o único grande pré-historiador que desde o início aceitara a autenticidade da chamada "Arte das Cavernas", não hesitando por exemplo em escrever a Émile Cartailhac logo após a notícia da descoberta das pinturas de Altamira, declarando-se convencido da sua atribuição ao Paleolítico Superior, ou à "Idade da Rena", como então se dizia. E Breuil, nos seus vinte anos cheios de projectos, não pôde deixar de ficar seduzido, decidindo nesse longínquo dia 17 de Julho de 1897 abraçar a tempo inteiro a causa de Pré-história, mesmo antes de ser ordenado padre.

Passa então a participar em todos os trabalhos de campo de que tem conhecimento e a frequentar as mais importantes reuniões científicas da época. Em 1899, "invade" a 28.^a sessão do congresso da Associação Francesa para o Progresso das Ciências, com nada menos de 5 comunicações, sobre temas que vão desde as indústrias paleolíticas ("L'Industrie des limons quaternaires dans la région comprise entre Beauvais et Soissons") até aos materiais da Idade do Bronze ("Coup l'oeil sur l'Âge du Bronze dans les départements de l'Aisne, l'Oise et la Somme"). Partindo das áreas geográficas próximas da sua residência familiar, o jovem Breuil parecia ainda tactear o terreno, à procura de um campo de estudo específico – o qual começa a definir-se logo depois, quando os seus centros de interesse imediatos se deslocam da Picardia e do Pas-de-Calais, para o país da grutas, a Sudoeste.

Houve, porém, que vencer duas interpostas dificuldades. Em primeiro lugar, a orientação que lhe dera Ault du Mesnil, sugerindo-lhe que se dedicasse ao estudo da Idade do Bronze – o que Breuil fez durante algum tempo, enquanto a "Idade da Rena" lho permitiu. A ordenação sacerdotal, em segundo lugar. Saído padre em 9 de Junho de 1900, Breuil deveria normalmente integrar uma diocese, onde lhe seria atribuído o *munus* pastoral sobre uma paróquia. Firme na sua opção pela Pré-história, e desinteressado de uma carreira exclusivamente eclesiástica (conta-se mesmo que, mais tarde, já ele pré-historiador conceituado, alguém lhe teria comentado: "Mas, Senhor abade, com a sua ciência, a sua inteligência, o senhor poderia ter avançado na hierarquia da Igreja e tornar-se, por exemplo, cardinal"; ao que ele teria retorquido, bem humorado: "Que me importa, dado que me tornei o papa da pré-história"), Breuil procurou um Bispo que pudesse compreender os seus interesses, dispensando-o das ocupações paroquiais. Encontrou-o em Soissons, na pessoal de Monsenhor Deramecourt, que o liberta para a Ciência e profeticamente lhe augura: "Vous sérez du Collège de France".

Liberto para a Pré-história, Breuil inicia de imediato uma carreira tão vertiginosa e prolongada no tempo que foge a toda a tentativa de síntese e, até, de entendimento racional, no quadro das escalas de valores e dos conceitos de bem-estar social que hoje se tornam comuns. Dezenas de sítios visitados em cada ano; participação em numerosíssimas escavações e levantamentos de terreno; intervenção activa em congressos e outras reuniões científicas; lições, cursos, seminários; constantes deslocações em França e fora dela, por toda a

Europa, África e grande parte da Ásia. Em certo sentido, com a sua disposição de viagem constante, o recém-ordenado Abade Breuil era, no dealbar do séc. XX, o exemplo vivo – e dos mais notáveis – daquilo que este século trouxe de novo ao percurso histórico da humanidade: a facilidade de movimentação, de realização dos mais exóticos itinerários, de contacto entre pessoas as mais diversas, enfim, de construção da aldeia global em que vivemos. Como, dirigindo-se directamente ao assinalar o seu octogésimo aniversário, viria a dizer um dos seus discípulos dilectos e futuro Director do Instituto de Paleontologia Humana, Lionel Balout, “o senhor foi, Mestre, o turista mais ávido de tudo ver e mais apressado que existe. Não permanecia em local nenhum e preferia voltar ano após ano. Salvo nos países longínquos, as suas viagens são jornadas levadas a cabo num ritmo espantoso... Até 1920, os meios de transporte frequentemente rústicos ainda o obrigavam a dirigir as suas viagens numa só direcção; mas depois, com o automóvel, tudo se mistura, porque tudo se encontra sobre o seu caprichoso caminho: cascalheiras e saibreiras, grutas e abrigos, arte” (Balout, 1963, p. 15). Foram, continua Lionel Balout, “sessenta anos de viagens que praticamente nada conseguiu interromper, nem mesmo as duas guerras mundiais, cada ano vários circuitos em todas as estações, encadeando-se de tal modo que por vezes não vos deixavam mais do que o tempo para refazer as bagagens; muitas mais noites passadas ao acaso de quartos de amigos, de hotéis e pensões, sob a tenda ou debaixo das estrelas... tal é, ao longo do tempo, o balanço de uma existência de Sábio, quer dizer, uma existência em tudo oposta à estabilidade do recolhimento em bibliotecas, em museus ou em laboratórios, que passam por ser o apanágio dos homens de ciência. Simplesmente, tudo querendo conhecer da sua ciência, o senhor tudo também quis ver” (*id.*, *ibid.*).

Logo em 1900 Breuil toma a decisão de cursar ciências. Acaba por licenciarse em 1904 em Ciências Naturais, pela Universidade de Paris, adquirindo assim uma base de conhecimentos simultaneamente histórico-humanística e geopaleontológica que o colocavam entre os mais bem apetrechados pré-historiadores da altura. No mesmo ano, contacta pela primeira vez com Émile Cartailhac, durante o Congresso Internacional de Paris. Cartailhac, professor de Antropologia e de Arqueologia, director desde 1869 da conceituada revista “*Matériaux pour l’Histoire naturelle et primitive de l’Homme*”, que viria a ter sequência na revista *L’Anthropologie*, a partir de 1890, autor de vasta bibliografia, era um dos mais eminentes pré-historiadores da altura, conhecendo amplamente a Pré-história europeia e particularmente ibérica (recorde-se, a propósito, a sua participação no Congresso de Lisboa de 1880 e a publicação de uma das primeiras sínteses sobre a Pré-história peninsular, “*Les âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*”, 1886).

Conhecer Cartailhac seria, pois, uma obrigação e um privilégio para qualquer jovem em início da carreira. Mas não bastava. Era forçoso atrair-lhe a simpatia e suscitar-lhe confiança – o que o jovem Abade viria a alcançar nos anos seguintes, através da sua actividade, participando em escavações, visitando os mais diversos sítios, fazendo equipa com Capitan e Peyrony, entre outros, acabando, enfim, por ter a felicidade de com eles, em 1901, realizar a primeira sensacional descoberta da sua vida: a caverna de Les Combarelles. Em carta ao amigo Abade Bouyssonie, datada de 10 de Setembro de 1901, Breuil exclamava entusiasmado: “Hurra! por uma descoberta, e de que envergadura: uma imensa gruta de mais de três centenas de metros com gravuras em mais de metade do

comprimento; figuras de animais gravados, sobretudo cavalos, mas também antílopes, renas, mamutes, cabras. Chego a crer que sonhei: cair ali, assim sem saber, como se tivesse encontrado um calhau numa estrada. E o que nós trabalhamos ontem; fiz o decalque de 18 animais; há alguns esplêndidos... Ao todo passei dez horas na gruta; estou morto de cansaço, mas contente! Extraordinário, ah! Agradeço à Providência..." (cit. por Perelló, 1994, p. 51). Semanas depois, Peyrony, sozinho, descobriria outra gruta da mesma importância, Font-de-Gaume – logo acudindo Breuil ao local. De imediato, as duas descobertas são apresentadas em sessões da Academia das Ciências de Paris, realizadas ainda no mês de Setembro. É o espanto no mundo científico, por duas razões: as descobertas em si mesmas; e a mestria como o jovem Abade Breuil registara os motivos artísticos e argumentava em abono da antiguidade paleolítica dos mesmos.

Nos meses imediatos, desencadeia-se uma viragem decisiva entre os mais ilustres pré-historiadores de então, que anteriormente se tinham recusado a admitir a autenticidade paleolítica daquela arte. No Congresso da Associação Francesa para o Progresso das Ciências de 1902, em Montauban, ainda existe resistência a admiti-lo, mas rapidamente todos se declaram convencidos pelas provas estratigráficas, paleontológicas e geoquímicas expostas por Breuil, somadas aos argumentos tipológicos resultantes da comparação entre os motivos e os estilos dos animais pintados e os dos animais representados nos objectos de arte móvel, que Piette colecionara nos anos anteriores. Émile Cartailhac, que mais tinha contribuído para a negação da antiguidade da "Arte das cavernas", ao recusar a autenticidade das pinturas de Altamira, descobertas em 1879 pelo Marquês Marcelino de Santuola, é dos primeiros a reconhecer o erro, fazendo publicar logo depois (1902) na revista *L'Anthropologie* uma nota da maior dignidade pessoal e científica sugestivamente intitulada "Les cavernes ornées de dessins. La grotte d'Altamira, Espagne. 'Mea culpa' d'un sceptique". Nela resumia as circunstâncias em que tomara conhecimento da descoberta da Altamira, durante o Congresso de Lisboa de 1880, quando o pré-historiador espanhol Juan Vilanova y Piera, amigo de Santuola, aqui tinha feito distribuir um opúsculo do Marquês dando notícia das pinturas ("Breves apuntes sobre algunos objetos prehistoricos de la provincia de Santader"), convidando ao mesmo tempo os congressistas para as visitar, no seu regresso aos países de origem. É curiosa a correspondência trocada com o Marquês por alguns dos congressistas. Sempre cordata, alegavam as mais variadas razões para não poder corresponder ao convite. Henri Martin, impressionadíssimo com a visita feita à Citânia de Briteiros, considerando estimáveis as pinturas, aconselhava mesmo o Marquês a seguir o exemplo dos pré-historiadores portugueses, de Martins Sarmiento, por exemplo, que comparava a Schliemann, procurando cidades como aquela, porque certamente as haveria em Espanha (sobre o assunto v. a síntese apresentada na excelente obra biográfica de Eduardo Rippol Perelló sobre o Abade Breuil, que utilizámos amplamente no presente texto: Perelló, 1994).

Cartailhac, pelo seu lado, tinha razões para ser particularmente desconfiado. Havia ainda grande resistência, sobretudo clerical, à admissibilidade da existência de uma humanidade pré-histórica. "Tome cuidado! – diziam-lhe antes de vir a Lisboa – querem fazer uma partida aos pré-historiadores franceses! Desconfie dos clérigos espanhóis." "E eu desconfiei!" – admite. Ainda assim, no seu regresso a França, pediu a Edouard Harlé, engenheiro de Caminhos de Ferro do

Midi, que lá fosse, fazendo um relatório do que realmente ali existia. Harlé pronuncia-se pela falsidade das pinturas, apresentando argumentos que hoje nos podem fazer sorrir (“porque teriam subsistido, enquanto todos os traços de fumo das lareiras cheias de restos animais desapareceram! Não havendo luz natural, porque não se vêem as manchas negras de modos de iluminação fumarenta! Os animais do painel central têm os aspecto tão fresco! Os bois deviam parecer auroques mas pelo contrário apresentam diferenças tanto em relação aos auroques, como diferenças importantes entre eles! O autor daquelas pinturas nunca tinha visto auroques!”), mas convenceram Cartailhac, penalizando-o tanto pelo erro cometido que no artigo de 1902 acima citado acaba por afirmar: “Estamos hoje mais habituados às surpresas no domínio da nossa arqueologia pré-histórica. Na nossa juventude acreditávamos tudo saber, mas as descobertas dos senhores Daleau, Rivière, Capitan e Breuil, e sobretudo as admiráveis escavações e coleções artísticas do senhor Piette mostram-nos que a nossa ciência, como as outras, escreve uma história que não se terminará jamais, e cujo interesse cresce sem cessar”.

Reconhecida a argúcia intelectual e capacidade de trabalho de Breuil, Cartailhac lança ao jovem abade o convite da sua vida: acompanhá-lo numa expedição a Altamira, a fim de proceder a um levantamento minucioso das pinturas e ao seu estudo científico. Obviamente, Breuil aceita, de braços abertos, tamanho privilégio. Tomam o comboio em Irún no dia 28 de Setembro de 1902 e passam em Altamira algumas semanas de trabalho intenso, entre crescente inquietação de Cartailhac pela escassez de verbas disponíveis, situação que Breuil resolve entregando ao Mestre o modesto pecúlio que meses antes recebera de Piette, como paga dos desenhos que lhe fizera e ele, para seu espanto, resolvera pagar, como prova da qualidade do trabalho executado. É o próprio Breuil quem nos conta o método de registo utilizado e as dificuldades por que passou: “Tive de fazer de cada grande figura uma cópia geométrica a partir de um primeiro esboço à mão alçada em que anotava as dimensões; estas eram tomadas por Cartailhac e Nardo (o guia da gruta) entre os pontos que, tombado sobre um saco com feno, eu lhes ia indicando com uma cana. Então saía da sala obscura para ir à claridade da entrada de modo a transportar a triangulação obtida da figura para a escala de um quinto, voltando depois aos meus sacos de feno. Tudo estava iluminado por dois simples candelabros em forma de trempe, cada um dos quais levava na parte superior 10 velas de estearina ordinária (a lâmpada de acetileno não estava ainda em uso). Então, com lápis corrente realizava o desenho, voltava à luz do dia e, com uma folha transparente, transportava este desenho cuidado para uma folha de papel Watman fixada sobre um tabuleiro. Sobre esta folha realizava a figura à vista do modelo, em pastel e esfu-minho, mas não a aguarela que não poderia secar na atmosfera húmida da gruta...” (cit. em Perelló, 1994, p. 11).

O resultado foi o que ainda hoje se vê: no imediato, uma coleção notável de desenhos coloridos, que permanecem um das mais expressivos levantamentos das pinturas de Altamira, e algumas fotografias onde se vê um jovem e elegante abade sentado à entrada de uma gruta, com a sotaina coberta por pingos de estearina...; a prazo, uma sucessão de textos científicos, que culminam com a imponente monografia de 1906 sobre Altamira (“La caverne d’Altamira à Santillane, près de Santander, Espagne), primeira de uma série de obras idênticas sobre “As pinturas e gravuras murais das cavernas paleolíticas” (Altamira, Font-

-de-Gaume, cavernas cantábricas, Pasiéga, Pileta, Combarelles), patrocinadas pelo Príncipe Alberto do Mónaco.

Poder-se-ia supor que, mergulhado nas maravilhas de Altamira e deslumbrado pelo reconhecimento científico e mundano que as mesmas lhe conferiam, o jovem Abade deixaria acomodar-se. Nada de mais errado. Enquanto estudante de Ciências Naturais em Paris e ao terminar a licenciatura, sendo-lhe oferecido em 1905 o lugar de *privat-dozent* na Universidade de Friburgo, na Suíça, onde ficaria até 1910, Breuil ver-se-ia confrontado com toda uma outra problemática: as civilizações materiais do Paleolítico, sejam os níveis de *habitat* das grutas e abrigos do Sudoeste, atribuíveis principalmente ao Paleolítico Superior (à mesma “Idade da Rena” das pinturas e gravuras), sejam as ocupações mais difusas documentadas nos terraços fluviais da Picardia e Pas-de-Calais. Dedicar-se-á a ambas as matérias nos anos seguintes, como veremos.

Ocorre então um segundo regresso ao Somme, ocasião em que pela primeira vez conhece Vitor Commont, esse modesto professor primário de St. Acheul, próximo de Amiens, e certamente o mais notável continuador de Boucher de Perthes, no início deste século. Breuil ficou impressionado e relatou assim o seu encontro com Commont: “Vi um homem pequeno e débil abordar-me na pedreira Bultel de Tellier, e pedir-me timidamente para ver várias belas peças acheulenses do siltes vermelhos, que eu tinha acabado de obter; era Commont, e sem o saber, eu acabava de lhe ‘subtrair’ objectos importantes; falámos, e ele expos-me o seu paciente trabalho de estratigrafia atenta, sempre presente. A sua paixão sincera, os brilhantes resultados já alcançados, a modéstia penetrante do seu espírito metódico e reflexivo, mostraram-me, em poucos instantes, que ele estava bem longe do amador interessado em belas peças, era um sábio admirável. A sua amizade valia mais do que os meus objectos, por mais bonitos que eles fossem, e dei-lhos com alegria, feliz por poder ajudá-lo em alguma coisa. Se eu era o homem das cavernas da Idade da Rena, acabava de encontrar o homem das aluviões; gostava dele, admirava-o mais e mais em cada ano que passava, esse modesto pequeno professor sem sorte, filho das suas obras e que, verdadeiramente, criava uma ciência, com os seus olhos e o seu espírito de profundo observador” (Breuil, 1937a, p. 61). Infelizmente, com a interposição da 1.ª Grande Guerra e a morte de Commont no seu final, os mistérios do Somme teriam de ficar à espera pelo terceiro regresso de Breuil à região, do qual falaremos adiante.

Na ordem do dia, encontravam-se entretanto as grutas do Périgord, a sua arte parietal e as suas ocupações humanas. Integrado na equipa de Capitan e Peyrony, Henri Breuil torna-se nos anos imediatos o porta-voz mais combativo das novas observações de campo que todos iam fazendo. Em 1905 apresenta já ao Congresso Pré-histórico de França, de Perigeux, nada menos do que 8 comunicações, entre as quais uma, sozinho, sobre a sequência cultural do Paleolítico Superior: “Essai de stratigraphie des dépôts de l’Âge du Renne”. Em 1906, enche o 13.º Congresso Internacional de Arqueologia e Antropologia Pré-históricas, no Mónaco, com a sua força telúrica e o saber de novamente 8 comunicações, entre as quais uma que deu origem a grande controvérsia: “Les gisements présolutréens du type d’Aurignac”. Estava lançada a “batalha do Aurinhacense”, na qual teria como aliados Cartailhac, Rutot e Peyrony e como opositores Mortillet-filho, Girod, Rivière e Massénat. Tratava-se de saber se antes da época solutrense haveria na “Idade da Rena”, ou seja depois da Época de Moustier, algum outro

estádio intermédio. Gabriel de Mortillet, começara por aceitá-lo em 1869, mas negara-o em 1872. Breuil vinha agora reafirmar a sua existência, aproveitando para realizar toda uma nova sistematização das culturas do Paleolítico Superior: criava uma “idade inferior da rena” ou pré-solutrense (mais tarde chamar-lhe-ia Aurinhacense), subdividida em três horizontes cronológicos sucessivos: o Eburniense, segundo a terminologia de Piette, actual Castelperronense, nível com utensílios feitos sobre lascas de grandes dimensões; o nível de Aurignac propriamente dito, com numerosas pontas em osso, alisadores e pérolas de marfim, utensílios em sílex com buris, raspadeiras espessas e carenadas, lâminas estranguladas; e um nível com peças de dorso abatido (que hoje chamamos Gravetense); decompunha a “idade média da rena”, ou Solutrense, em dois momentos evolutivos: nível com pontas de pedúnculo lateral e nível com as chamadas folhas de loureiro; subdividia a “idade superior da rena”, ou Madalenense, em três horizontes sucessivos: sem arpões, o inferior, com arpões geralmente de uma só sequência de barbelas, o médio, e com arpões de duas sequências de barbelas, o superior; uma “idade final da rena” era enfim considerada, para a passagem aos tempos pós-glaciários, caracterizada por arpões planos perfurados, seixos coloridos, pequenas raspadeiras e pequenas pontas de dorso, conjunto que Piette designara já por Azilense (nome derivado da gruta de Maz-d’Azil, onde trabalhava).

A polémica sobre toda esta construção e especialmente sobre a pretendida existência da “idade inferior da rena” continuar-se-ia nos anos seguintes. Em 1907, Breuil publica novo texto de combate: “La question aurignacienne: étude critique et stratigraphie comparée”. Em 1908, na discussão sobre o tema no Congresso de Clermont-Ferrand, um dos opositores de Breuil, Girod, falece em plena sessão, tal o calor da discussão. Em 1909, Breuil considera a questão já encerrada e pretende colocar uma pedra sobre o assunto ao escrever “L’Aurignacien pré-solutréen, épilogue d’une controverse” (Breuil, 1909). Mas só em 1912, no Congresso Internacional de Genève, o assunto fica definitivamente arrumado, com a apresentação por Breuil da magistral comunicação sobre “Les subdivisions du Paléolithique supérieur et leur signification” (Breuil, 1913) – síntese que passará a constituir o elemento de referência de toda a investigação na primeira metade deste século. Em 1937, ao pronunciar o discurso de conclusão do seu primeiro mandato como Presidente da Sociedade Pré-histórica Francesa, Breuil fará o balanço de toda esta polémica, com o rasgo de visão e a confiança que só o tempo podem dar: “a batalha aurinhacense não era senão um canto da paisagem; a minha finalidade era mais ampla. Tentar agrupar os factos conhecidos em França, na Europa e na sua periferia, enquadrá-los numa série de hipóteses racionais sobre a sua estratigrafia e geografia – porque a Europa não passa de uma modesta península no noroeste do Velho Mundo, onde todas as vagas humanas vieram rebentar. Convinha, para isso, analisar cada civilização sob o quádruplo ponto de vista da fauna, das listas de utensílios em sílex, da utensilagem em osso e da arte. Que 25 anos depois, a minha brochura, apesar das suas imperfeições, dos seus erros até, seja ainda a base de tudo o que se escreve sobre o Paleolítico Superior, testemunha que ela valia alguma coisa e abriu vias de pesquisa novas tanto pelas suas conclusões como pelo seu método” (Breuil, 1937a, p. 55).

Mais uma vez, poderíamos pensar que no meio de disputa tão intensa o Abade Breuil pouco mais teria feito nestes anos. E novamente nos enganaria-

mos. O mero enunciado dos temas tratados nas comunicações apresentadas aos congressos referidos é por si mesmo prova de que assim não sucedia. O Abade Jean Roche observa-o enfaticamente ao analisar a participação de Breuil no Congresso de 1906, no Mónaco: “O simples enunciado dos títulos das comunicações do Abade Breuil – diz Jean Roche – mostra a amplitude da tarefa realizada e a variedade de temas tratados. Os eólitos ou rochas talhadas pelas acções naturais e que podem parecer utensílios ao olhos insuficientemente advertidos. A indústria mustierense do sítio epónimo do Moustier, perto de Les Eyzies. As estações pré-solutrenses do tipo de Aurignac e sobretudo o primeiro esboço de uma evolução da arte parietal das cavernas da Idade da Rena. Também aí encontramos análises sobre as gravuras madalenenses da gruta de Les Eyzies e até um trabalho sobre a passagem da figura à ornamentação na cerâmica pintada de Moussain e de Susa” (Roche, 1966, p. 294).

A tudo isto, poder-se-iam ainda acrescentar outros temas, como o da investigação em matéria de evolução humana, especialmente a partir da descoberta em 1908, na Corrèze, pelos irmãos Bouyssonie, do esqueleto de La Chapelle-aux-Saints. Companheiros e admiradores de Breuil, como já vimos, eles escrevem-lhe de imediato, dando conta do achado: “Meu amigo Breuil, ontem fizemos uma descoberta nas grutas. Em plena jazida mustierense, um esqueleto humano... Pudemos reconstituir a posição do corpo, que estava absolutamente enterrado numa fossa, com a cabeça reclinada contra a parede, as pernas dobradas um pouco e orientado Este-Oeste (a cabeça a Oeste). Estamos já a 4 metros da entrada, e isto continua. O corpo estava sob 40 a 50 cm de camada mustierense sem nenhum remeximento. Sobre a cabeça tinha grandes ossos achatados, como para a proteger” (cit. em Raynal e Pautrat, 1990, p. 17). Breuil desloca-se de imediato ao local, certificando as condições da descoberta e aconselhando que os ossos fossem enviados a Marcellin Boule, paleontólogo, professor do Museu de História Natural em Paris e um dos mais conhecidos especialistas no estudo do Homem pré-histórico. É Boule quem decide: o Homem de La Chapelle, muito semelhante ao de Néander, pertencia efectivamente a um grupo humano anterior ao actual. Por questões de prioridade científica, devia ser classificado como *Homo neanderthalensis*.

Poucos anos depois, entre 1909 e 1910, Breuil haveria de participar também na descobertas de alguns dos restos néandertalenses num outro abrigo, porventura ainda mais importante: La Ferrassie. E esta aproximação aos temas evolucionistas seria aliás reforçada com o primeiro encontro entre Breuil e um outro jovem padre, interessado como ele em Pré-história: Teilhard de Chardin, que conheceu em 1909, no Laboratório de Paleontologia do prof. Marcellin Boule. Diz Breuil: “Era então, o Padre Teilhard, um jovem noviço, jesuíta, de espírito vivo e acolhedor, extremamente simpático. Desde essa época, as nossas relações mantiveram-se sempre, tanto quanto as nossas carreiras científicas o permitiram. Tanto um como outro, pensávamos – quando das nossas conversas sobre as perspectivas da Ciência e sobre as perspectivas filosóficas – que o método científico, aplicado a todas as realidades, de qualquer espécie, desenvolvendo-se no tempo, é em si mesmo o próprio princípio da Evolução” (Breuil, 1956, p. 29).

Todavia, os temas evolucionistas e filosófico-religiosos estavam longe de constituir, nesta fase da vida, o centro de interesse de Breuil, que era acima de tudo um homem de terreno e de reflexão sobre documentos materiais. A arte

pré-histórica representava talvez o seu principal motivo de interesse nos anos que antecederam a Primeira Grande Guerra e, de certo modo, ao longo de toda a vida. No caso da arte das cavernas franco-cantábricas, Breuil dedica-se esforçadamente ao estabelecimento da sua evolução interna, afirmando a propósito de Font-de-Gaume: “Pode-se, portanto, entrever a sucessão das técnicas pictóricas: desenhos lineares negros ou vermelhos; desenhos modelados negros; frescos em tinta unida negra, por vezes parda; frescos pardos ou vermelhos, debilmente modelados ou pouco policromos; frescos policromos propriamente ditos, geralmente vermelhos e negros com os tectiformes. Tudo está sobreposto com frequência e amplas tintas vermelhas difusas que se estendem às superfícies de certos recantos” (Breuil, 1910, p. 115-116; v. também, por exemplo, Breuil, 1952, p. 88). A partir deste paciente trabalho de registo conclui pela existência de dois grandes estádios evolutivos na arte das cavernas: o ciclo aurinhaco-perigordense e o ciclo solutreo-madalenense.

Em termos interpretativos, Breuil deve também ser saudado por ter posto em evidência as ingenuidades das hipóteses meramente lúdicas, do tipo “arte pela arte”, ainda vigentes nos finais do séc. XIX, salientando ao invés o profundo sentido mágico-religioso destas representações – o que, tal como observaria mais tarde Raymond Lantier, significava conferir nova dignidade humana aos seus autores: “colocando os caçadores da idade da rena no lugar que a que têm direito na mais antiga história, o senhor (dirigia-se a Breuil, em cerimónia laudatória) restituiu-lhes essa dignidade humana que lhe confere a amplitude das suas concepções religiosas e morais, atingindo um desenvolvimento tal que os testemunhos da sua civilização material não deixa antever” (Lantier, 1957, p. 19).

É certo que mais tarde, com novos argumentos, haverá quem sugira outras periodizações e outras motivações para a arte paleolítica, mas curiosamente nos últimos tempos, mercê de descobertas como Chauvet e Cõa, algumas das ideias de Breuil voltam a ser reconsideradas e de novo merecer aceitação. Afinal, como em 1983, ao receber no Instituto de Paleontologia Humana a “medalha Breuil”, dizia aquele que, depois dele, foi o mais notável pré-historiador francês até à actualidade e muitos teimaram erradamente em opor-lhe, André Leroi-Gourhan, o Abade foi, pela sua obra, a base a partir da qual todos os que vieram depois construíram os seus saberes. Vale a pena citar Gourhan, ele próprio: “Henri Breuil possuía um talento de narrador e um humor às vezes mordaz, a sua erudição em ciências naturais era considerável e as horas passadas a caminhar escutando-o contam-se entre as minhas melhores recordações. A minha última conversa com ele, alguns meses antes de nos deixar, foi para mim muito emocionante. Ele tinha aceite receber-me para que lhe expusesse a minha teoria sobre as localizações dos animais nas cavernas. Fiz-lhe uma apresentação das similitudes da situação dos conjuntos de animais. Não se pode dizer que nos pusemos de acordo, mas retorquiu-me: ‘No fim de contas, talvez haja alguma coisa em tudo isso’. Foram as últimas palavras que trocámos. Não queria deixar passar esta ocasião solene para render homenagem a quem escrevia que se considerava como o escabelo para a geração seguinte, o que para os seus discípulos, como para mim, continua a ser estritamente verdade” (cit. em Perelló, 1994, p. 210-211).

Porque falámos do Instituto de Paleontologia Humana, importa neste ponto referir uma outra felicidade que decisivamente contribuiu para o sucesso da carreira científica de Breuil, especialmente no domínio da arte pré-histórica.

Referimo-nos ao conhecimento e relação de crescente amizade que lhe dispensou o Príncipe Alberto do Mónaco. Príncipe liberal, que em 1911 tinha conferido a primeira Constituição ao Principado, Sua Alteza Sereníssima Alberto I do Mónaco, era um amante da ciência, especialmente nos domínios da oceanografia, botânica e pré-história. Em 1882 e 1883 iniciara ele mesmo escavações nas grutas de Grimaldi, apoiando depois a sua continuação, a ponto de a maior delas vir a ser chamada mais tarde de “Gruta do Príncipe”. Fundador de museus e instituições científicas, depois de em 1909 visitar Altamira e outras grutas próximas toma a iniciativa de criar um centro de pesquisa sobre temas pré-históricos: o Instituto de Paleontologia Humana, inaugurado em 1910, sob a direcção de Marcellin Boule e três cátedras distribuídas respectivamente pelo veterano que era Verneau (Antropologia), pelo investigador de provas dadas que era Breuil (“Etnografia pré-histórica”) e pelo promissor Hugo Obermaier (Geologia Quaternária), sacerdote alemão, geólogo discípulo de Albrecht Penck (o instituidor do chamado sistema glaciário alpino), que em 1904, quando era docente da Universidade de Viena, se descolara a Paris para conhecer os pré-historiadores franceses e passaria a ser um companheiro de Breuil para toda a vida, especialmente nas suas andanças por terras espanholas.

Ao referir Espanha, chegamos, enfim, a um outro enorme domínio da actividade de Breuil: as suas deambulações pelos campos da meseta e litoral mediterrâneo espanhóis, onde Juan Cabré y Aguiló tinha realizado em 1903 as primeiras identificações de arte em abrigos da região aragonesa, abrindo os horizontes para a descoberta de uma nova província artística que tanto entusiasmou Breuil, a ponto de logo em 1909 lhe dedicar um primeiro trabalho, conjuntamente com Cartailhac, explorando as possibilidades do seu relacionamento com a arte franco-cantábrica (“Nouvelles cavernes à peintures découvertes dans l’Aragon, la Catalogne et les Cantabres”).

Novamente aqui o destino faz com que Breuil seja o “homem certo, no local certo”. Desencadeado em Julho e Agosto de 1914 o conflito bélico, o Abade é meses depois colocado por Poincaré no Serviço de Informação Naval da Embaixada de França em Madrid. Encarregado de missões de observação dos movimentos das tropas inimigas no Mediterrâneo, chegando a localizar na costa levantina um esconderijo de combustíveis para abastecimento da frota de submarinos alemães, Breuil aproveita as suas constantes deslocações para exploração de numerosas grutas e abrigos, terraços fluviais e outros sítios de interesse arqueológico. Era um tempo de grandes privações. E o Abade conta-nos no seu *Journal d’Espagne* como se deslocava de terra em terra (“De terra em terra”, será também o título de uma das obras de outro pioneiro, José Leite de Vasconcelos, ao passar a escrito as suas deambulações pelo nosso país), a cavalo, mula ou burro, como passava as noites, em tendas ou nos próprios abrigos e cavernas, como mais tarde começou a fumar apenas para meter conversa nos cafés e tabernas das aldeias por onde passava, enfim, como até aprendeu a falar espanhol entre jornaleiros e contrabandistas. Em Madrid, conheceu algumas dificuldades. As mais divertidas eram as do escândalo que o seu vocabulário simples e vernacular, aprendido nas profundezas da província espanhola, provocava entre a *intelligentzia* da cidade, quando se lhe dirigia em conferências (cf. Boyle, 1963, p. 16). Mas as mais nefastas eram as que a corrente germanófila lhe criava, principalmente através de prosas agressivas publicadas no *Deutsche Zeitung für Spanien*, a ponto de Breuil chegar a ser ameaçado de prisão. Não admira, por-

que ele nunca se dispensou de tomar partido, quando necessário, sendo conhecidas as palestras onde estigmatizava o “idolatria da força” reinante na Alemanha (cf. Balout, 1963, p. 14).

De resto, neste périplo do Abade Breuil por Espanha, durante a Primeira Grande Guerra, encontramos numerosos incidentes e histórias que, vistas à distância do tempo, nos podem fazer sorrir. Lionel Balout, recorda-nos algumas delas: “foi tomado por membro do exército alemão, por refugiado francês que acompanhava imaginárias mulheres ‘mui guapas’, acusado de entrar a cavalo numa igreja, em Badajoz teve problemas alfandegários com um saco vazio, em Albuquerque foi levado ao tribunal para explicar a sua presença e as suas actividades” (Balout, 1963, p. 17)... Tudo isto e mais uma extraordinária detenção sob a acusação de espionagem, que constitui o primeiro contacto do Abade com o território português.

A história é já conhecida em linhas gerais: proveniente justamente de Albuquerque e conhecedor da existência de um abrigo com pinturas rupestres em Arronches, descoberto por Aurélio Cabrera, professor da Escola de Artes e Ofícios de Toledo e referenciado por Hernández-Pacheco (e dado a conhecer entre nós por nota de Vergílio Correia, publicada na “Terra Portuguesa”, de Junho de 1916), Breuil, munido aliás de passaporte regular, entra em Portugal, dirige-se às autoridades locais e pede-lhes a colaboração para localizar o dito abrigo em Vale de Junco – a Lapa dos Gaivões, mais exactamente. Acompanhado ao sítio por um cabo da guarda, este virá depois a dar-lhe voz de prisão, sob o argumento de que o Abade fazia fotografias de interesse estratégico, sendo por isso um espião. Após quatro dias de detenção, acaba por ser libertado, sendo-lhe apresentadas as desculpas da praxe, havendo uma intervenção de José Leite de Vasconcelos junto do Ministro do Interior.

A partir do legado de Leite de Vasconcelos, conservado no Museu Nacional de Arqueologia, pudemos aceder à correspondência epistolar recebida de Breuil. Reproduzimos nesta ocasião pela primeira vez alguns dos espécimes registados, cuja importância histórica se nos afigura evidente.

O mais antigo espécime epistolar recolhido no arquivo indicado é um cartão do Instituto de Paleontologia Humana, datado de 6 de Setembro de 1913 e expedido por Breuil para Londres, onde em casa de Bragança Cunha se encontrava então Leite de Vasconcelos, preparando-se para visitar os locais paleolíticos clássicos do vale do Somme (fig. 1). Nele, o Abade informa Leite de Vasconcelos, que já conhecia de anteriores encontros casuais nos congressos pré-históricos em que ambos tinham participado, de não poder recebê-lo devido às escavações que entretanto iria realizar em Gargas, conjuntamente com Émile Cartailhac. Sugere-lhe em todo o caso de se dirija a Victor Commont, “que tem a mais instrutiva colecção da Picardia et lhe mostrará St. Acheul e Montières” (“Abbeville não vale a visita, salvo a casa da Boucher de Perthes”). Leite de Vasconcelos tê-lo-á feito, como testemunham alguns dos exemplares daqueles locais, que ainda hoje se conservam no Museu de Belém.

Este testemunho epistolar permite melhor compreender o apelo que Breuil viria a dirigir a Leite de Vasconcelos aquando do episódio acima referido. Dizia Breuil, em carta datada de “Arronches (Portalegre), 17 de Junho de 1916 (fig. 2): “Caro Senhor e Confrade, Em missão científica em Espanha na fronteira da Estremadura, penetrei, munido de passaporte diplomático, visado pela Legação Portuguesa em Madrid, na Esperança, onde o Prof. Pacheco tinha assinalado

uma rocha pintada. Ainda que não tenha feito nada, senão depois de autorizado pelo chefe do posto e na presença dos aduaneiros enviados para me acompanhar, fui convidado a deslocar-me a Arronches, onde o mesmo ‘cabô’ que me tinha autorizado a desenhar e fotografar a rocha fez contra mim declarações falsas e tendenciosas, declarando que eu tinha tomado fotografias de posições estratégicas (uma rocha com 1 metro de comprimento num pequeno vale sem nenhuma vista sobre a serra vizinha). O administrador não pôde senão telegrafar ao governador e este a Lisboa, e aqui espero desde há três dias, enquanto toda a minha expedição permanece em Espanha à espera do meu regresso, para continuar a viagem. Mas estou convencido que tudo se resolverá”. A carta prossegue depois dando conta de uma descoberta interessante: “Aqui, sou livre de circular e aproveitei a minha presença para examinar os barreiros e cascalheiras quaternárias que existem no perímetro da cidade. Eles contêm em muito grande abundância uma indústria paleolítica antiga, chelense e acheulense (sobretudo acheulense); os instrumentos são em quartzito, e por consequência, bastante grosseiros. Recolhi um grande número deles, *coup-de-poings* e lascas e discos. Levarei comigo uma série e deixarei o resto aos cuidados do administrador da Alfândega, a quem você pode fazer o pedido do envio desta interessante série para o Museu de Lisboa.” Finalmente, a moral da história: “Ainda que a primeira incursão em território português seja acompanhada para mim de circunstâncias pouco agradáveis, espero que isto seja o começo de uma série de investigações interessantes, logo que as condições melhorem. Creia, caro Senhor e amigo, na minha cordial lembrança e no prazer que terei de nos voltarmos a ver em breve.”

De imediato, Leite de Vasconcelos toma a iniciativa de, junto do Ministro da Administração Interna, reclamar pela libertação do Abade – o que parece não ter chegado a ser necessário, a avaliarmos pelas datas: a carta de Breuil é datada do dia mesmo da sua libertação; a resposta de Vasconcelos, sob a forma de telegrama (v. o respectivo rascunho, fig. 3), dirigido a “Padre Breuil, Francês, Arronches” e dizendo “Lettre reçue retard. Ministre arrangea tout. Répondez Musée Ethnologique Belém combien longtemps resterez Arronches. Pourrai y aller.”, data de 20 de Junho, quando o Abade se encontraria já novamente em Espanha. Mais tarde, em 29 de Junho, é o próprio Administrador Concelho de Arronches, António Pereira Manuças (?), quem se sente na obrigação de se dirigir a Leite de Vasconcelos, para envio da “senha de caminho de ferro relativa às pedras que aqui deixou o reverendo e sábio Breuil” – e mais tarde publicadas pelo próprio director do Museu Etnológico Português (Vasconcelos, 1920), num apêndice ao artigo de Henri Breuil em *O Arqueólogo Português*, a que nos referiremos adiante – lamentando os incômodos causados (“devido ao nosso estado de guerra”), mas garantindo que o mesmo “foi sempre tratado com amabilidade e atenções que afinal muito o penhoraram e que reconhecidamente agradeceu”.

Afinal, de substantivo, aquilo que ficava deste incidente era a confirmação da existência de um abrigo com pinturas pré-históricas e a descoberta de uma estação arqueológica paleolítica, a primeira no interior do nosso país, achado fortuito quando o Abade passeava acompanhado por um guarda na zona do cemitério de Arronches, à procura de borboletas, dando satisfação ao seu velho passatempo da juventude. Em carta (fig. 4) muito interessante pelos detalhes dados sobre o sítio paleolítico (de que junta um esboço de localização) e pelas confidências sobre o ambiente político em Madrid e as suas relações pessoais

com Cabré e o Marquês de Cerralbo, carta datada de “Madrid, 4 de Julho de 1916”, Breuil diria depois que o incidente “não deixa na minha lembrança mais do que um traço pitoresco”. Assim se encerrava o incidente, ficando prometida a realização de um estudo sobre a estação paleolítica descoberta, para a revista do Museu, *O Arqueólogo Português*, que pelas dificuldades de transporte das peças para Paris e por causa das funções de Breuil no aparelho de propaganda Aliado (diz Breuil na carta: “aceito com prazer publicar na vossa revista ‘O Archeologo Português’ a descrição do meu achado; somente, como não podia trazer isso comigo até Guadalupe e pelas Serras, enviei-o ao Instituto de Paleontologia Humana em Paris, onde não sei quando regressarei, porque sou obrigado a permanecer em Madrid durante todas as férias, para substituir o sr. Paris no depósito do correio da propaganda aliada e na expedição das respostas. Por isso, trata-se de um assunto que deverá esperar alguns meses”), só viria a ser publicado anos mais tarde, já depois da segunda passagem de Breuil pelo nosso país, em 1918, conforme veremos mais à frente. Mas, entretanto, já Breuil pudera publicar no nosso país dois outros artigos, ambos da revista *Terra Portuguesa*, a convite de Vergílio Correia, dedicados à arte rupestre estremenha, dos quais o primeiro sobre o abrigo pintado de Arronches, cuja procura tantos dissabores lhe ocasionara (Breuil, 1917a e 1917b) e onde voltaria já no final da vida (Ferreira, 1965).

Globalmente, os resultados das deslocações do Abade por Espanha durante a Primeira Grande Guerra são realmente notáveis, como o próprio assinalava mais tarde, falando apenas da arte rupestre: “267 rochas pintadas encontradas e estudadas; 90 na Estremadura, 76 na província de Cádiz, 48 na Serra Morena, 22 na província de Almeria, 13 na de Salamanca, 4 na de Málaga, 4 na de Múrcia e 2 na de Granada. Elas exigiram-me milhares de quilómetros a cavalo, ao longo de 250 dias” (Breuil, 1937a, p. 60). Com o mesmo entusiasmo com que antes tinha desvendado a arte paleolítica (cerca de 73 cavernas, das quais 19 na Dordonha, 12 nos Pirinéus, 24 na Cantábria, 5 no Lot, 4 no sudeste de França), Breuil dedicava agora a maior atenção à arte levantina e à arte esquemática pós-glaciária. Também nisto foi precursor: quando todas as atenções convergiam para a “arte das cavernas”, o Abade ajudou, com a sua actividade e o seu prestígio, a fazer ver outras manifestações artísticas, tão belas e dignas de atenção como as primeiras. E as obras impressas falam por si: numerosos estudos parcelares sobre as pinturas e gravuras rupestres espanholas publicados em actas de congressos e revistas, designadamente na *L'Anthropologie*, e sobretudo as magníficas monografias que lhe consagrou em 1929 (“Rock paintings of Southern Andalusia. A description of a Neolithic and Copper age group”, volume editado em Oxford, dadas as dificuldades por que no pós-guerra passava o Instituto de Paleontologia Humana) e entre 1933 a 1935 (“Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique”, série em 4 volumes, respectivamente sobre a zona ao Norte do Tejo, a Bacia do Guadiana, a Serra Morena e o Sudeste e Este de Espanha).

É claro que nem tudo nas interpretações de Henri Breuil sobre estas várias províncias artísticas merece hoje aceitação. A sua insistente reclamação de uma antiguidade paleolítica (ou leptolítica, como preferia, admitindo já a sobrevivência para épocas ulteriores, embora basicamente dominadas pelo mesmo tipo de instrumentais líticos sobre lâminas e lamelas e por um idêntico modo de vida baseado na caça e recollecção) da Arte Levantina ibérica, foi particularmente contestada pela nova geração de pré-historiadores espanhóis, constituída aliás na

quase totalidade por discípulos que muito o admiravam. Mas ainda aqui houve uma evolução no pensamento do Abade. Na sua grande obra de síntese, "Quatre siècles de l'art pariétal: les cavernes ornées de l'Âge du Renne", publicada em 1952, a Arte Levantina surge já sugestivamente excluída. E, em 1960, no Congresso de Burg Wartenstein, onde pela última vez se encontrou com os seus amigos, e contestatários científicos neste ponto particular, admite enfim que pouco os divide: a Arte Levantina desenvolver-se-ia principalmente em época pós-paleolítica, como pretendiam os espanhóis, mas teria raízes no Paleolítico e mais exactamente no Aurinhacense: "É provável – dizia o Abade – que a arte oriental espanhola, em parte autóctone nas suas manifestações muito simples do começo, hesitantes entre o esquematismo e um naturalismo incipiente, tenha injectado fortemente a arte aurinhacense superior franco-cantábrica onde a silhueta humana tinha já o seu lugar. Depois, logo que sobreveio o período mais frio do solutrense e do madalenense antigo, a travessia das cadeias pireneó-cantábricas tornou-se difícil, e durante esta fase, até à chegada das invasões tarde-noisenses e neo-eneolíticas a arte esquemática ou semi-naturalista, a arte oriental espanhola, isolada do Norte, continuou a desenvolver-se pelas suas próprias vias" (cit. em Skrotzky, 1964, p. 60-61).

A arte dos abrigos e cavernas foi, portanto, o grande motivo de atenção do Abade Breuil nas suas deambulações por Espanha. Dedicou-lhe tanto tempo que chegou a comentar: "Se agora, no final desta parte activa da minha vida, adicionasse os dias, as semanas e os meses que passei no escuro, com a minha lamparina, a decifrar, a decalcar ou a copiar a cores as imagens das cavernas, chegaria a um total ultrapassando 700 dias" (Breuil, 1937a, p. 57); ou ainda: "Desde Altamira quem sabe quantos milhares de figuras pintadas ou gravadas eu já levantei?" (cit. em Skrotzky, 1964, p. 44). Mas, sendo o mais importante motivo, a arte não era de modo algum o seu único tema de interesse. Quem sabe quantas horas não passou o Abade no estudo de outro tipo de sítios, como o de Arronches ou os do vale do Guadiana, estes últimos abordados naquele que foi o primeiro estudo sobre indústrias paleolíticas de bacias hidrográficas com interesse para Portugal – "Glanes paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiane" (Breuil, 1917c)? E quantas mais horas consumiu na observação de sítios de períodos mais recentes (monumentos megalíticos, estelas das primeiras idades do metal, entre as quais a de Arronches, já referida)? Tudo isto sem falar na descoberta de locais em que não pôde desenvolver investigação, por falta de tempo, e no futuro iriam revelar-se fundamentais para a Pré-história peninsular e mundial: o abrigo de Devil's Tower, por exemplo, detectado em 17 de Fevereiro de 1917, quando Breuil foi enviado a Gibraltar como correio militar, sítio que confiou a Miss Gorothy Garrod, discípula que ali encontraria em 1926 um crânio de néandertal, levando-lho a Paris e convidando-o a participar com ela na escavação do local.

Terminada a Primeira Grande Guerra e atingido um estatuto científico de grande renome internacional, Breuil passa nas duas décadas seguintes a colher os frutos institucionais da sua actividade. Logo em 1918, durante uma segunda vinda a Portugal, para proferir algumas palestras e visitar locais nos arredores de Lisboa, de que dá nota num curto, mas incisivo trabalho publicado na revista *Terra Portuguesa* ("Impressions d'un voyage paléolithique à Lisbonne", 1918), Breuil recebe a Medalha de Ouro da Sociedade de Geografia de Lisboa e a Comenda de Cavaleiro da Ordem Militar de Santiago da Espada.

Vale a pena fazer um longo parêntesis no acompanhamento cronológico linear da vida e obra de Breuil, para referir em maior detalhe, a partir da correspondência recebida por Leite de Vasconcelos, algumas circunstâncias que sobrevieram à primeira passagem do Abade por Lisboa e ao contacto com as principais instituições e personalidades da arqueologia da capital e seus arredores. Em carta datada de 18 de Janeiro de 1919, expedida de Paris, em papel timbrado do Instituto de Paleontologia Humana, Breuil começa por agradecer o “acolhimento amigável” que lhe dispensara o destinatário alguns meses antes, que afirma não ter esquecido, tal como a “promessa de enviar um trabalho sobre a estação paleolítica de Arronches”. Diz que o enviaria por correio separado, havendo registo de uma remessa de Breuil ter chegado em 12 de Março seguinte e conservando-se ainda hoje no Museu o original entregue para publicação, que viria a ter lugar logo depois, em *O Arqueólogo Português* de 1920 (Breuil, 1920). Mas o Abade pretendia, talvez sobretudo, dar outro tipo de informações a Leite de Vasconcelos (a quem se dirige por “caro senhor e amigo”), informações que certamente sabia serem do seu interesse (e mesmo agrado, tendo em vista o tipo de relações pessoais que durante a sua passagem por Lisboa não terá deixado de notar). Dizia que Mesquita de Figueiredo lhe escrevera “uma carta registada, muito pouco amável, para me interditar de falar” nos seus materiais, enquanto durante a sua estadia em Lisboa lhe tinha permitido o contrário. Secamente o Abade acrescenta: “não lhe respondi”. Dizia ainda que tinha escrito a Vergílio Correia “para o repreender amigavelmente das suas violências na revista – refere-se sem dúvida à *Terra Portuguesa* – contra o sr. Fontes, que não podem aproveitar a ninguém e menos ainda aos bons trabalhos científicos”. Como não recebeu qualquer resposta, conclui que “ele deve ter-se zangado com a minha carta, no entanto cordial”. E de seguida acrescenta: “Lamento-o, mas agi lealmente com ele e com todos, e agiria novamente assim, se tivesse de recomeçar. É difícil contentar toda a gente, neste mundo! Mas quando se faz aquilo que se pode, o resto não importa muito”. Por curiosidade, anote-se que a lealdade de Breuil era tal que, não obstante estes desencontros, haveria em anos seguintes de registar, e mesmo elogiar em recensões críticas na *L'Anthropologie* (v., por exemplo, o tomo 33, de 1923), textos de Vergílio Correia e de Mesquita de Figueiredo.

A partir desta carta, pode dizer-se que se inicia um segundo momento na correspondência a que nos temos vindo a referir. Em 22 de Outubro de 1920, em cartão postal comum, Breuil solicita a Leite de Vasconcelos (que apenas refere como “caro senhor”) a realização de 100 separatas do seu artigo e, certamente como resposta a alguma observação anterior do seu interlocutor, que desconhecemos, por não possuímos a correspondência expedida por este, refere-se pela primeira vez a uma questão sensível, que irá ocupar grande parte da correspondência em anos seguintes: a estela de Arronches, de que Breuil, como dissemos, publicara ainda antes da sua estadia em Lisboa, na *Terra Portuguesa* (Breuil, 1917a). Nesta ocasião Breuil é ainda muito lacónico e algo evasivo quanto à matéria, dizendo: “A estela da Esperança está depositada no Instituto de Paleontologia Humana; se você vier a Paris um dia, nós poderíamos trocar impressões, tal como em relação aos objectos de Arronches”. É compreensível que referência tão vaga não satisfizesse o director do Museu de Belém e que nova insistência tivesse sido feita, reclamando porventura explicitamente a devolução da estela. Tal é o que se pode depreender da carta seguinte de Breuil,

datada de apenas um mês e meio depois, onde se alude a uma insistência de Leite de Vasconcelos (como se o anterior cartão não tivesse chegado ao destinatário) e se repetem, desta vez com maior detalhe, os dois assuntos então abordados: as separatas pedidas passam agora a ser apenas 50; e relativamente à estela, afirma claramente: “a minha opinião é que ela ficaria melhor no seu museu; quanto aos calhaus podemos dividi-los. Penso que uma troca amigável poderia ser estabelecida entre os nossos museus: um molde da estela chega-nos, e bem desejaria alguns moldes ou objectos originais portugueses” de que dá como exemplos “objectos de arte dos dólmenes” e alguns “dos mais típicos objectos estranhos em granito finamente esculpidos e gravados, de que discutimos a autenticidade” (por certo, referência às pedras esculpidas e gravadas do Alvão, que, por associação com as de Glazel, tanto intrigaram os meios científicos na época, a ponto do conde Henri Bégouen, que inicialmente negara a autenticidade das segundas, ter mudado de opinião, depois de ter sido, segundo diz enfaticamente, “o primeiro prehistoriador francês a quem foi dado estudar” os achados portugueses, no Museu de Belém, a cujo director agradece, e na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, onde o próprio Pe. Brenha, descobridor das peças, se deslocara para lhe mostrar outros exemplares: Bégouen, 1929).

Uma vez aberta a possibilidade da devolução da estela de Arronches, os contactos prosseguem, em ritmo crescente. Em postal ilustrado com as escavações de Hauser no abrigo de Longueroche (“Madalenense, estação 45”), datado de 7 de Outubro de 1921, Breuil informa Leite de Vasconcelos que o poderá receber no Instituto de Paleontologia Humana, no dia 11 seguinte, de tarde. Ainda desta vez, não terão sido alcançados os objectivos do director do Museu de Belém, pois que em novo cartão, de 8 de Fevereiro de 1922, o Abade o informa que transmitiu ao “sr. Boule, com parecer favorável [sublinhado no original], os seus lamentos relativamente aos objectos e às publicações”. Acrescenta ainda: “avisá-lo-ei do resultados dos seus pedidos”.

O aviso prometido surge logo dois dias depois (em 10 de Fevereiro de 1922), através de carta do maior interesse a diversos títulos (fig. 5.1). Breuil entra directamente no assunto, sendo agora definitivo e voltando a dirigir-se ao seu correspondente por “Caro Senhor e Amigo”: “Escrevi ontem ao sr. Boule uma carta pedindo-lhe que me autorizasse a fazer chegar ao seu Museu Etnológico Português os objectos, fragmento de estela e quartzitos de que nos falava na sua carta. Tendo-me o sr. Boule deixado completa liberdade de agir neste assunto como me parecesse justo, nós podemos considerar a questão resolvida. Pedir-vos-ia somente para inscrever estes objectos, em catálogo e, se houver lugar, em etiqueta, como recolhidos por mim e doação do Instituto de Paleontologia Humana”. Depois, o Abade refere-se aos cuidados a ter no transporte destes objectos para o Museu de Belém, pedindo a Leite de Vasconcelos que providencie junto das autoridades portuguesas para que o mesmo seja realizado por via diplomática, para acabar solicitando que “em troca desta doação [possa] dar ao nosso Instituto alguns moldes [sublinhado no original] de objectos úteis ao nosso ensino: por exemplo: o ‘coup-de-poing’ clássico da caverna da Furninha, alguns triângulos, trapézios e lâminas das jazidas tardenoisenses do Tejo (estes, em originais), e uma série de moldes de placas ídolos e outros objectos cuja lista incluo, a título indicativo”. Em anexo (fig. 5.2), segue uma lista onde se incluem “ídolos placas dos dólmenes”, báculos e objectos votivos em calcário, lista profu-

samente anotada pelo punho de Leite de Vasconcelos com indicações como as de não pertencerem alguns ao acervo do Museu de Belém.

Na continuidade do mesmo ano de 1922, a correspondência recebida de Breuil dá bem conta do evoluir da questão. Em 22 de Maio, o Abade informa Leite de Vasconcelos de que “enviei para a morada que me indicou uma caixa contendo a maior parte das pedras da jazida de Arronches. Fico apenas com 4 ou 5 exemplares típicos”, acrescentando ainda que “logo que me tenha acusado a recepção, procederei do mesmo modo em relação à pedra da Esperança”. Através da correspondência trocada entre Leite de Vasconcelos e o livreiro M. Aillaud, arquivada no Museu Nacional de Arqueologia, percebe-se qual a morada a que se refere Breuil e qual a sequência dos acontecimentos. Em 4 de Abril de 1922, M. Aillaud escreve a Leite de Vasconcelos, informando-o de que “já escrevi para Paris a dar ordem de receberem a caixa do Père Breuil et [sic] de a mandarem pelo caminho de ferro pela nossa companhia que faz os transportes sem mudança de carros, da forma a não haver o menor perigo na viagem”. Nesta carta, o mesmo Aillaud adverte Leite de Vasconcelos quanto aos cuidados a ter no desalfandegamento, lembrando-o que “já mandámos uma vez alguns objectos de arqueologia que elles [os agentes alfandegários] tiveram a pouca vergonha de classificar como *ustensilios* [sic] *de cosinha* [sublinhado no original]”. Em cartão, datado de 22 de Maio seguinte, o mesmo Aillaud informa que a sua casa de Paris o avisara de que o Padre Breuil tinha aí depositado uma caixa. Finalmente, em 27 de Junho seguinte, Aillaud dirige-se novamente a Leite de Vasconcelos: avisa-o de que chegara a caixa remetida por Breuil, queixando-se novamente dos emolumentos alfandegários (“é um nunca acabar”, desabafa), e informa-o que remetera já para a “Legação de França o pacote de que V.^a Ex.^a nos encarregou de enviar ao Padre Breuil” (certamente os moldes de peças a seguir referidos), pacote que deveria partir pela “valisa [sic] diplomática”.

Em 10 de Novembro seguinte, Breuil informa que “um destes dias, a pedra da Esperança, cujo molde foi feito pelo Museu de St. Germain, será entregue à Livraria Aillaud para lhe ser endereçada para o Museu Etnológico de Belém. Estou feliz por ter conduzido a bom fim este assunto, e de ter podido dar satisfação ao seu país reunindo um belo objecto àqueles que você já agrupou”; na mesma ocasião Breuil confirma ter recebido um conjunto de “excelentes figuras de placas dos dólmenes”, mas assinala que deveria ainda receber outros moldes. A não recepção dos moldes em falta, assim como das separatas pedidas do artigo publicado em *O Arqueólogo Português*, alimenta o envio de cartões em 26 de Novembro e 20 de Dezembro, nos quais o Abade afirma desconhecer um tal sr. Delaignes, dos Negócios Estrangeiros, que teria recebido os ditos moldes. Em 7 de Março de 1923, Breuil acusa a recepção das separatas, agradece “sinceramente a substituição do envio perdido” (referir-se-á provavelmente à remessa de novos moldes) e adverte, enfim, Leite de Vasconcelos para que “reclame a estela da Esperança ao seu livreiro, ao qual ela foi enviada já há coisa de um mês”. Finalmente, a última peça epistolar recolhida no acervo que temos vindo a seguir é constituída por um cartão do Instituto de Paleontologia Humana, datado de 17 de Março de 1923 (fig. 6) e no qual Breuil se afirma “feliz em saber que a estela se encontra em suas mãos”. Mais acrescenta: “Meta isto sobre a inscrição, ou mais ou menos: descoberta e doação do sr. Abade Breuil, em nome do Instituto de Paleontologia Humana”, justificando: “com efeito, o meu Director deixou-me liberdade de agir, mas sem querer envolver-se; a peça foi conside-

rada por ele como uma propriedade pessoal, proveniente dos trabalhos feitos pelo I.P.H.". Sem data explícita, mas seguramente entre 7 e 17 de Março de 1923, o livro de entradas do Museu Etnológico Português regista, pelo punho de Leite de Vasconcelos, sob o n. 6875 o seguinte: "Estela da Esperança (escultura proto-histórica), concelho de Arronche. Descrita pelo Pe. Breuil em um opúsculo, separata de um jornal lisbonense" (referência claramente sarcástica à revista *A Terra Portuguesa*, onde o Abade tinha publicado em 1917 o trabalho a que aludimos anteriormente, com referência à estela). À margem, em anotação a lápis, o mesmo Leite de Vasconcelos, acrescenta: "vinda do Instituto de Paleontologia Humana". Assim se concluiu um episódio que tivera início em 1916, durante a atribulada incursão de Breuil em Arronches, se continuara em 1918, durante curta estadia do Abade em Lisboa e permitira aos meios arqueológicos portugueses, especialmente a Leite de Vasconcelos, um feliz aprofundamento das relações com o eminente pré-historiador francês.

Encerrado o longo parêntesis sobre os primeiros contactos de Breuil com o nosso país, depois das homenagens aqui recebidas em 1918, importa regressar ao acompanhamento do seu percursos pessoal, assinalando a sucessão de honorarias de que foi alvo nos anos subsequentes, de tal sorte que se torna impossível enumerar todas: doutor *honoris causa* pela Universidade de Cambridge (Faculdade de Letras), ao lado do Marechal Douglas Haig e do Almirante Jellicoe, em 1920; Grande Medalha de Ouro da Sociedade Arqueológica do Sul, França, no mesmo ano; membro da Academia Real irlandesa, no mesmo ano ainda; Comendador da Ordem da Coroa, Roménia, em 1924; Grande Medalha de Ouro da Sociedade Arqueológica Nacional de Ciências, Washington, no mesmo ano; doutor *honoris causa* pela Universidade de Oxford (Faculdade de Ciências), em 1926; doutor *honoris causa* pela Universidade de Edimburgo, em 1927; doutor *honoris causa* pela Universidade da Cidade do Cabo, em 1929; presidente da Prehistoric Society of East Anglia, Grã-Bretanha, em 1934; pela primeira vez Presidente da Société Préhistorique Française, em 1934 (viria a ocupar o mesmo lugar mais tarde, em 1954); medalha "Flinders Petrie", de Londres, em 1935; medalha de Ouro da Sociedade dos Antiquários de Londres, em 1937; medalha "Georg Schweinfurth", Francoforte, Alemanha, no mesmo ano; grau de Cavaleiro da ordem de Leopoldo, da Bélgica, em 1938; etc., etc. Neste conjunto de distinções, aquelas que certamente mais o terão emocionado foram sucessivamente a nomeação para o Colégio de França, em 29 de Maio de 1929, instituição onde leccionaria até 1947 (passando depois à categoria de professor-honorário); a eleição para membro da Academia das Belas Letras, em 13 de Maio de 1938; e para o Instituto de França, em 14 de Fevereiro de 1939, no decurso de uma homenagem onde lhe é entregue uma medalha especialmente cunhada, com a sua efígie gravada.

A simples observação da diversidade nacional das instituições acabadas de citar dá já alguma ideia de como neste período o Abade não apenas não diminuiu, como aumentou sensivelmente o ritmo das suas viagens. Andou por quase toda a Europa, realizando entre 1923 e 1925 um vertiginoso périplo pelas regiões centrais e orientais: Viena, Praga, Brno, Predmost, Cracóvia, Varsóvia, Budapeste, Bucareste, Trieste, Zagrebe (gruta de Krapina), Belgrado... Mas não chega falar na Europa. É preciso esclarecer as circunstâncias da afectuosa ligação de Breuil ao continente africano e das suas viagens pelo continente asiático.

Quanto a África, visita-a inicialmente em 1922, quando vai observar os sítios de arte rupestre do Sahara, aos quais depois regressará diversas vezes, na companhia de dois discípulos chegados: Lionel Balout e Henri Lothe. Mas o verdadeiro encanto vem mais tarde. Em 1929, Breuil ruma pela primeira até à África do Sul. Será uma deslocação que o há-de tocar profundamente, até ao final da vida. Nela pôde observar directamente duas coisas extraordinárias: os *Australopithecus*, que Raymond Dart e Robert Broom lhe mostram e o levarão mais tarde a repetir a frase bem humorada segundo a qual “a origem da humanidade está sobre rodas” (cit. em Skrotzky, 1964, p. 31); e a magnífica arte rupestre, cheia de motivos insólitos, que imediatamente classifica, agrupando-os em 16 épocas, escalonadas desde a Middle Stone Age até à subactualidade. Regressa ao Sul de África em 1935, a tempo de ver instituído um Serviço de Arqueologia Sul-Africano, dirigido por quem ele próprio sugerira, Van Riet Lowe, e remete para França quase quatro toneladas de material arqueológico, que o Instituto de Paleontologia Humana, a atravessar as dificuldades que sucederam à morte do seu mecenas e fundador em 1922, não pôde receber e acabam por dar entrada no laboratório de Paul Rivet, na rua Buffon, vindo depois a constituir a secção de Pré-história Exótica do futuro Museu do Homem, quando este é criado.

Quanto à Ásia, o olhar de Breuil é atraído por algo de singular que um velho amigo do tempo de Altamira, que já não via há muito, lhe põem um belo dia em cima da mesa de trabalho. Conta Breuil: “Em Outubro de 1930, o Padre Teilhard de Chardin, chegando da China, depositava no meu escritório do Instituto de Paleontologia Humana, sem me dizer a proveniência, uma pequena haste de veado jovem; pedia-me que a examinasse e lhe dissesse quais as minhas reflexões” (Breuil, 1932b, p. 1). A resposta foi que: 1., tinha estado no fogo; 2., era afeiçoado por mão humana; 3., tinha provavelmente sido arrancado por utensílio cortante, cujas marcas eram visíveis na base. “O Padre Teilhard informou-me então – continua Breuil – que esta haste de veado vinha da jazida de Chu-Ku-Tião e mais precisamente das camadas que tinham fornecido os restos do *Sinanthropus* e que as minhas afirmações, que eu mantive por inteiro, eram tão importantes que ele muito desejava que eu pudesse deslocar-me aos locais a breve prazo” (*id.*, *ibid.*, p. 1-2).

Um ano depois, o Abade parte para a China no Transiberiano; demora um mês e regressa absolutamente convencido da justificação das observações de Chardin, quer quanto à existência de instrumentos em pedra lascada e osso, quer quanto à ocorrência do domínio do fogo, ambos produzidos pelo “homem de Pequim” – questão que na altura provocou grande controvérsia. Mais tarde, o Abade comentaria, com fina ironia, as reservas de alguns contemporâneos seus, sobretudo eclesiásticos: “Não se encontrou em Chu-Ku-Tião restos de outro homínide que não fosse o *Sinanthropus*, e ele encontra-se desde a base até ao topo da jazida. O pensamento mais natural seria portanto o de lhe atribuir o uso do fogo e o fabrico dos utensílios de pedra e osso. Mas alguns espíritos críticos, e não menos sabedores, levantam uma objecção enorme de princípios que me parecem discutíveis: eles supõem que um parente tão próximo do pitecantropo de Java não poderia possuir capacidades suficientes para tais realizações, e que um verdadeiro homem, mais evoluído, que ainda não foi encontrado, seria o seu autor. Eu não posso senão lamentar que nesses tempos recuados não estivesse ainda no uso assinar as obras feitas e contentar-me-ei em recordar que o homem de Néandertal e a sua raça foram tratados, não há muito tempo, como pobres

idiotas apenas capazes de utilizar sílices naturais e de servir de escravos, de bestas de carga ou de comida ao *Homo sapiens*, autor exclusivo da bela indústria mustierense” (cit. em Skrotzky, 1964, p. 104).

Na mesma época, Breuil teve aliás de tomar posição junto da Cúria Romana, como nos conta em 1954, aquando da sua “Homenagem aos Mortos” no Congresso da União Internacional de Ciências Pré e Proto-históricas, reunido em Madrid: “Um dia (em 1935), os dois grandes senhores espanhóis (referia-se ao Duque de Alba e ao Conde Vega del Sella), o Conde Bégouen e eu estávamos reunidos na meseta de Altamira. Posso dizer-vos que tivemos ali um ‘conciliábulo’. Eu tinha ouvido dizer que alguns prelados com mais zelo que ilustração tinham inspirado desconfiança para com a Pré-história e esforçavam-se em obter do soberano pontífice uma acta que tivesse deixado bem atrás a famosa condenação de Galileu pelo Santo Ofício. Sentados sobre a erva, por cima da abóbada pintada, redigimos um memorial para o Santo Padre, enviando uma cópia dele ao grande cardinal Mercier, já anteriormente avisado por mim. Ele dignou-se apoiar a nossa humilde exposição, e o perigo ficou afastado” (Breuil, 1954a, p. 18-19).

1935, ano decisivo para o combate pela adequação entre Ciência e Fé. Breuil tomou nele um papel activo, como aliás nos conta numa outra passagem, referindo o seu encontro com o papa Pio XI, depois de ter descoberto um segundo crânio néandertal próximo de Roma, nas pedreiras de Saccopastore: “Participei pessoalmente na exumação de vários destes documentos (referia-se a fósseis humanos): La Ferrassie (Dordonha), Saccopastore (Roma), Diredaoua (Etiópia); vi quase todos os sítios onde eles foram recolhidos, por vezes alguns dias ou semanas depois dos seus descobridores. Senti com as minhas mãos os restos de quase todos esses velhos antepassados de França, Itália, Alemanha, Gibraltar, África do Norte, do Este, do Sul, de Java, da China... Quando mostrei, em Julho de 1935, a Sua Santidade Pio XI a primeira fotografia do homem de Saccopastore, encontrado por mim e pelo barão Blanc nos dias precedentes, com toda a sua sabedoria e firmeza, o papa disse-me: isto é um facto, não é uma hipótese; é preciso compará-lo com os outros factos conhecidos que venham a encontrar-se, e daí se retirará uma conclusão que deveremos ter em conta” (Breuil, 1958, p. 12-13). E a verdade é que foram tidos em tal conta que prepararam o terreno para as encíclicas papais de Pio XII, nos anos 40 (“*Mystici corporis*” e “*Humani generis*”), fazendo com que homens como Breuil nunca sentissem qualquer dificuldade em conjugar a sua condição de prelados e pré-historiadores. A propósito importa citar a declaração do Abade em sucessivas ocasiões, inclusive numa memorável conferência que proferiu na Faculdade de Letras de Lisboa, em 13 de Fevereiro de 1957, quase no final da vida, quando terminou dizendo: “o amor sem limites pela verdade é uma disposição fundamental do espírito, sem a qual nenhuma vida humana, tanto religiosa como científica, é digna desse nome. Tal é o princípio que conduziu os meus passos e que nunca tive de infringir, nem para permanecer um cristão convicto, nem para servir a Ciência com todo o entusiasmo que mantenho ainda” (Breuil, 1958, p. 14).

Tudo o que foi dito seria bastante para avaliar da intensíssima actividade e do contributo ímpar do Abade Breuil para o progresso dos conhecimentos sobre Pré-história no período que medeia entre as duas Grandes Guerras. Mas falta ainda acrescentar algo mais: a sua actividade numa outra frente de investigação em que, precisamente ao longo dos anos 30, realizou um trabalho de fundo tão

notável como o que antes já fizera a propósito das indústrias líticas do Paleolítico Superior. Referimo-nos agora à profunda revisão que operou no modo como até então se entendia a cronologia e a sequência cultural do Paleolítico Inferior e Médio. Encontramo-nos aqui perante o que poderíamos designar por “terceiro regresso” de Breuil ao vale do Somme – um regresso rico de consequências, inclusive naquilo que uma década depois se iria passar também em Portugal.

Vimos já como na primeira década deste século, o Abade se tinha ali maravilhado com as observações feitas por Vitor Commont. Mas Commont morreu sem publicar grande coisa e a verdade é que desde Perthes pouco se tinha avançado O Somme, sendo a pátria da Pré-história, era sobretudo um enorme enigma por desvendar. Ao ali regressar nos anos 30, revendo os apontamentos inéditos de Commont, Breuil apercebe-se disso mesmo, isto é, do profundo estado de ignorância em que todos se encontravam, incluindo ele próprio. Chega a desabafar: “caminhava tacteando sem nada ver, esperando que um dia, à força de tanto me alimentar dessa realidade austera e penosa, acabasse por se fazer luz e eu pudesse arrancar à Esfinge o significado do seu enigma” (Breuil, 1937a, p. 62). Esta luz – alicerçada no trabalho de Commont, é preciso reconhecê-lo – foi principalmente dada a Breuil pelo contacto com L. Koslowski, um jovem geólogo polaco, discípulo de Soergel, que antes tinha defendido a existência de onze fases frias durante a Idade Glaciária.

Os trabalhos conjuntos de Breuil e Koslowski, publicados em continuação na revista *L'Anthropologie*, entre 1931 e 1934, sob a designação genérica de “Études de stratigraphies paléolithique dans le Nord de la France, la Belgique et l'Angleterre” (Breuil e Koslowski, 1931-34), fornecem pela primeira vez um modelo geo-crono-estratigráfico e cultural de referência para o Somme e todas as redes fluviais no Noroeste europeu (quadro que conheceu depois grande divulgação na comunidade científica – v., por exemplo, Breuil, 1939a – e foi aplicado noutras áreas, como a do baixo vale do Tejo, de que trataremos adiante). Esclarecia-se em definitivo o carácter climático dos depósitos de loess, atribuindo-os às fases mais frias (fases glaciárias), contrariamente à suposição de Commont; transpunha-se o conceito de solifluxão, em uso da Europa central e oriental, para a conceptualização da morfogénese das formações fluviais da Europa ocidental; definia-se uma sucessão encadeada de fases frias que obrigavam a considerar a existência de diversas glaciações durante o Paleolítico (e não apenas uma, como se pensava ao tempo de Commont e este, embora hesitantemente, acabou por aceitar), glaciações essas que, por sua vez, se decompunham ainda em períodos estadiais e interestadiais; este desdobramento reflectiu-se nas culturas humanas, reconhecendo-se nelas a ocorrência de uma cronologia longa, contrariamente à doutrina ainda dominante e recolhida em Marcellin Boule, entre outros; fazem-se assim remontar as primeiras indústrias do Somme às fases glaciárias mais antigas, correspondentes à primeira glaciação do sistema alpino de Penck (a glaciação de Günz), e datáveis, de acordo com as tábuas de Milankovitch, de há cerca de 600 mil anos; estabelece-se finalmente a teoria da alternância durante o Paleolítico Inferior e Médio de “indústrias de bifaces” e “indústrias de lascas”, constituídas no primeiro caso pelo Abevilense (o Pré-chelense de Commont), e por diversos estádios evolutivos do Acheulense, e, no segundo caso, pelo Clactonense, o Tayacense, o Levalloisense e o Languedocense – nomes quase todos “inventados” por Breuil, para descrever indústrias que originalmente tinha observado em zonas diferentes: o Abevilense,

a partir do único sítio onde em posição primária se encontram indústrias de bifaces e fauna antiga no alto terraço do Somme, a célebre “marga branca” do areeiro Carpentier, em Abbeville (v. Breuil, 1939b); o Clactonense, a partir de diferentes locais do Sul da Inglaterra e especialmente no que lhe serviu de epónimo, Clacton-on-Sea; o Tayacense, a partir dos níveis ante-mustierenses da jazida de La Micoque, a que Peyrony se preparava para dar também o nome de Mustierense, sendo disso demovido por Breuil que sugeriu-lhe designá-los por termo específico, a partir do nome da localidade próxima, Les Eyzies-de-Tayac; o Languedocense, a partir dos materiais encontrados nos terraços fluviais do rio Garona, no Languedoc. Uma das primeiras sínteses onde Henri Breuil expôs este sistema, porque, segundo diz a abrir, “me pediram frequentemente que expusesse, sob forma resumida, tão clara quanto possível, o estado actual das minhas ideias sobre as indústrias do Paleolítico Antigo e as suas relações entre elas e com os períodos glaciários e interglaciários”, foi um artigo publicado em Dezembro de 1932 no *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Breuil, 1932a; vale a pena confrontar esta primeira síntese com uma outra, já dos anos 50, publicada na mesma revista (Breuil e Kelley, 1954d)

É certo que todo este notável esforço de síntese se encontra em grande parte prejudicado pelas investigações realizadas no Somme, desde o final dos anos 40, por geólogos como Frank Bourdier e François Bordes. Ambos estes autores, e numerosos outros que entretanto lhes sucederam, puderam até ao presente demonstrar inequivocamente que numerosos pressupostos em que se basearam Koslowski e Breuil para a caracterização geo-climática e cronológica das formações fluviais e coluvionares do Somme não correspondem necessariamente à verdade. A interpretação das condições climáticas e mecânicas sob as quais se originaram no Somme os depósitos de vertente, aliás impropriamente chamados solifluxões, por exemplo, foi particularmente modificada, aceitando-se hoje a ocorrência de mecanismos quase opostos aos que nos anos 30 se consideravam mais credíveis (v., por exemplo, Bourdier, 1967, p. 62 e segs.; Bordes, 1984a, p. 34 e segs.). Daqui resultou também a destruição do quadro de referências estratigráficas em que Breuil suportava a sua tese dos dois *filae* industriais paralelos ao longo do Paleolítico Inferior e Médio. Tudo isto é certo. Mas a base de dados reunida mantém o seu poder informativo e há-de continuar ainda a servir de suporte à pesquisa durante muitos anos. Isto para além do impacte que em países como Portugal tiveram as concepções e modelos inicialmente desenvolvidos no Somme.

De resto, no plano da história das ideias, uma palavra adicional impõe-se quanto à concepção da existência paralela de indústrias de bifaces e indústrias de lascas durante as primeiras fases da ocupação humana da Europa. Nunca Henri Breuil, nem os seus contemporâneos, foram totalmente claros na exploração histórica das implicações contidas numa tal tese. Alguns dos seus seguidores, aliás, como justamente assinala François Bordes, empobreceram tanto as concepções iniciais do Abade que chegaram “a declarar – e imprimir – que as indústrias de lascas eram ‘mais adaptadas’ aos climas frios (as de bifaces aos climas quentes). Pergunta-se porquê!” (Bordes, 1984b, p. 68). Breuil, pelo seu lado, tendo iniciado em 1932 um plano de publicação exaustiva das características e significado das indústrias de lascas do Paleolítico Inferior, abordando o Clactonense (Breuil, 1932c), ao qual se seguiriam o Levalloisense e o Languedocense (o que não chegou a acontecer), nunca realmente viria a poder

concluir o seu projecto. Em todo o caso, ele próprio e alguns dos seus mais directos e esclarecidos colaboradores, dão-nos ocasionalmente algumas pistas interessantes acerca do significado histórico da dicotomia industrial em referência. Raymond Lantier, por exemplo, quando mais tarde realizava o balanço da actividade de Breuil neste domínio afirmou: “Ao assinalar na dispersão das indústrias da Inglaterra meridional e da França setentrional uma certa alternância das utensilagens de bifaces e de lascas, estas últimas situando-se antes ou depois das fases climáticas mais frias, aquelas sobretudo no decurso das fases interglaciares, o senhor [dirigia-se a Breuil] esboçou o quadro das migrações humanas, seguindo para Sul e Oeste as deslocações dos animais de caça, passando da arqueologia à mais antiga das histórias e concluindo que os territórios da Europa Central se despovoavam em cada fase glaciária e os portadores das utensilagens de lascas instalavam-se na Europa Ocidental, onde dominavam os bifaces. Mais ao Sul, a confusão e a justaposição frequente dos dois fácies representaria o estabelecimento de tribos que teriam fugido aos rigores da frente glaciária” (Lantier, 1957, p. 21).

Verificamos assim algo porventura insuspeito à primeira vista: a circunstância de que ninguém, nem os que reclamam para a sua pesquisa uma objectividade de campo baseada nas ciências da terra, inversa da suposta especulação humanista elaborada em gabinetes, ou sequer aqueles que não seguem, mas abrem caminho, conseguem fugir aos padrões mentais do tempo em que vivem. Breuil viveu o tempo do difusionismo como modelo global explicativo da mudança cultural. Não pôde fugir-lhe. Insensivelmente talvez, quando falava do Paleolítico Inferior. Explicitamente quando falava do Paleolítico Superior: “o parentesco do Paleolítico superior norte-africano e este-africano com o aurinhacense europeu é certo; pensei outrora que era de lá que ele tinha vindo para a Europa, através da Espanha sobretudo. Mas mesmo se continuo a pensar que existem elementos humanos filtrados nestes dois sentidos, desde essa época, através de Gibraltar, creio que as probabilidades são actualmente mais fortes no sentido de uma origem oriental do aurinhacense; os elementos africanos podem ser um ramo meridional do mesmo movimento, caminhando para Sul e para Oeste, paralelamente ao aurinhacense europeu e reagindo no final do seu percurso, através do estreito de Gibraltar, sobre o Paleolítico da Ibéria, sem que possamos falar de uma reacção apreciável em sentido inverso”.

A propósito, observe-se a firme oposição que no nosso país e, sabemos actualmente, com inegável fundamento, Manuel Heleno levantou a este tipo de teses africanistas, onde se incluía a chamada “questão do Capsense”. Numa época em que, como observou João Zilhão (1987, p. 34-35), era politicamente desejável reivindicar as raízes europeias de Portugal, expurgando-as de possíveis cruzamentos com “culturas inferiores”, Heleno diria designadamente: “nada de africano; ao contrário todas as indústrias da Europa ocidental da época (Paleolítico Superior) têm larga representação no nosso país e por elas pudemos concluir que foram as raças europeias – a de Cro-Magnon, Combe-Capelle e Chancelade – que, eliminando o homem de Néandertal, constituíram o primeiro e mais importante estrato da nossa etnogenia” (Heleno, 1956a, p. 15-16). Voltaremos a referir mais adiante os pressupostos difusionistas contidos em diversos aspectos do pensamento e da obra de Henri Breuil. Entretanto, porque citámos a reacção de um autor português a um aspecto particular da obra do

Abade, é chegada a hora de passar a relatar os passos da sua maior permanência entre nós, justamente no final do período que até aqui acompanhámos.

Com a aproximação da Segunda Grande Guerra e a deterioração das condições de permanência em França para todos os que, de algum modo, fossem suspeitos de convicções anti-nazis, Henri Breuil sentiu cada vez mais a necessidade de distanciamento em relação aos centros do poder. Inicia então um percurso que o leva a leccionar sucessivamente em Poitiers, Bordéus e Toulouse. Em 17 de Setembro de 1940, quando se encontrava retirado em Brive, na casa dos amigos Boussonie, dão-lhe notícia do achado de uma gruta pintada magnífica, a gruta de Lascaux. Dirige-se ao local e aí participa nos primeiros trabalhos de levantamento, procurando manter a descoberta na maior discrição, dada a conjuntura política da altura. Impossível. Os jornais falam do assunto e numerosos curiosos acorrem diariamente ao local. Breuil dirá mais tarde: "Uma multidão de visitantes já aí ia... e foi preciso que eu, ao sair da gruta, pronunciasse ao ar livre uma conferência improvisada, que Laval [um dos descobridores da gruta], sempre cheio de verve, chamou o meu 'Sermão da Montanha'" (cit. em Leroi-Gourhan e Allain, 1979, p. 25). Em 11 de Outubro ainda consegue realizar uma primeira apresentação da gruta em comunicação à Academia das Inscrições e Belas-Letras, de Paris. Mas decididamente não gosta do que vê em França. De Toulouse, onde junto de Henri Vallois se refugiara para ensinar, escreve uma carta ao Governo de Vichy protestando contra o tratamento que vinha sendo dado aos judeus. Em consequência cresce sobre ele a ameaça de prisão e toma por isso a decisão do exílio. Depois de, em Fevereiro, ter acordado com Marcellin Boule, agonizante, a substituição deste à frente do Instituto de Paleontologia Humana por Henri Vallois, doutor em medicina e excelente falante do alemão, que também substituiria Paul Rivet no Museu do Homem, e efectivamente conseguiria poupar ambas as instituições aos desmandos da ocupação germânica, Breuil resolve aceder ao convite que recebera do Instituto Francês de Lisboa para aqui proferir algumas conferências. Em 18 de Abril de 1941, parte para Portugal, munido de passaporte visado pelo Governo de Vichy.

Inicialmente, não estaria no espírito de Breuil ficar em Portugal mais do que algumas semanas. Tinha já estabelecido contactos com os colegas e governantes sul-africanos e desejava vivamente ir aí parar, enquanto durasse a Guerra. Todavia, Portugal, a sua Pré-história e as suas gentes, obrigaram-no a mudar de intenções. A estadia de poucas semanas acabou por ser de 18 meses. E se mais não foi, isso deveu-se principalmente aos perigos de uma eventual invasão de Portugal pelas tropas do Eixo, somados aos problemas de visão que sentia, acentuados pelas longas sessões de trabalho passadas a descrever materiais líticos, às saudades africanas e ao seu espírito de viajante infatigável... factores que o levariam a empreender nova viagem nos finais de Setembro de 1942. Vejamos o que se passou nestes 18 meses, que nos atreveríamos a qualificar de verdadeiramente loucos, no sentido em que durante esse período Henri Breuil sacudiu violentamente o indolente torpor da nossa pacatez, trazendo até aqui a vertigem de toda a sua vida científica, arrastando à sua passagem a comunidade científica e deixando indelével marca na nossa sociedade.

Ao chegar a Lisboa, Henri Breuil realiza uma descoberta extraordinária, mais um desses providenciais achados que em diversos momentos ao longo da vida fizeram do Abade "o homem certo, no lugar certo". Tal como anteriormente a Providência lhe tinha colocado no caminho Du Mesnil, Piette, Cartailhac,

Peyrony, Commont ou Koslowski, cabia agora a vez de acrescentar um novo nome, alguém que já o visitara em 1931, em Paris, quando ainda era estudante e tinha apenas 22 anos de idade, mas só agora viria a tornar-se um colaborador precioso: o Doutor Georges Zbyszewski, geólogo formado na excelente escola do Prof. Jacques Boucart, russo de nascimento, francês de nacionalidade e já então, como hoje, português pelo coração. Já noutra ocasião escrevemos que a obra de Henri Breuil em Portugal, nos anos 40, nunca teria sido o que foi sem o contributo de Zbyszewski (v. Raposo, 1996b). Fazemos agora questão em reafirmá-lo, porque manda a verdade e a justiça científica que, ao falar de Breuil e Portugal, se interponha obrigatoriamente a figura de Zbyszewski, o qual, na procura e levantamento de formações sedimentares plio-pleistocénicas, vinha desde 1935 frequentando com regularidade cada vez maior o território nacional, e acabava em Janeiro do ano anterior (1940) de aceitar o lugar de funcionário do Estado português, como geólogo dos Serviços Geológicos de Portugal.

Era um tempo de pioneirismo, esse, que se vivia em Portugal, no domínio da Geologia, à data da chegada de Breuil. Qualquer deslocação a sítios onde hoje se chega com facilidade, no litoral ou nos vales fluviais do interior, obrigava a penosas deslocações a pé; as amostras expedidas demoravam semanas a chegar ao destino (a título de exemplo, refira-se que o resultado da recolha realizada em 1942 na costa alentejana, acabou por ser enviada para Lisboa por barco, a partir de Vila Nova de Milfontes, porque tal era então mais praticável do que pelas vias terrestres...). Havia pouquíssimos profissionais, os quais quase dividiam entre si o país (v. Teixeira, 1984): Carlos Teixeira, o “Sultão do Norte”; Mariano Feio, o “Bei de Beja”; António Medeiros-Gouvêa, o “Paxá do Algarve”; Orlando Ribeiro, o “Aga-Kan da Beira”; e Georges Zbyszewski, o “Sápatra do Sado”, em francês ironicamente traduzido por “sapatre sadique”, precisamente porque nele se reconheciam capacidades de trabalho e de esforço físico verdadeiramente lendárias (capaz de percorrer a pé, todos os dias, até 45 km, a sua equipa de trabalho de campo vem a ser conhecida como a “brigada de choque”).

Zbyszewski, ao aceitar um posto remunerado ao serviço do Estado, ao começar “uma vida nova” em que “já não era suficiente cantar óperas no campo”, mas sim “compôr óperas novas e mesmo vivê-las” (Zbyszewski, 1984a, p. 50), deu início a um levantamento sistemático das formações plio-quadernárias do Baixo Tejo, terreno quase inexplorado até aí: “Quando em 1940 começámos o estudo dos terraços do Tejo – diria mais tarde – experimentávamos o sentimento do explorador que entra pela primeira vez num terreno virgem, que não fora ainda percorrido por nenhum homem”. Passados seis anos, o mesmo Zbyszewski poderia dizer com justificado orgulho: “No momento actual, o impulso está dado. O trabalho de equipa que sempre preconizámos organiza-se enfim graças à colaboração de geógrafos, geólogos, paleobotânicos e pré-historiadores. Assim pensamos que num próximo futuro, Portugal poderá alinhar-se, ele também, ao lado dos países que mais contribuíram para o estudo e o conhecimento dos tempos quadernários” (Zbyszewski, 1946, p. 146-147).

Os levantamentos geológicos de Zbyszewski, as recolhas de objectos pré-históricos que já fizera e os modelos de interpretação geo-crono-climática que ensaiava, constituíram, a sólida base de dados de que partiu Henri Breuil, dando-lhe depois o revestimento interpretativo e a integração cultural que a sua grande experiência permitia. Repetia-se no Tejo, aquilo que dez anos antes se

passara no Somme, com Koslowski. Depois de crescerem na aprendizagem dos lugares clássicos da Picardia, os quaternaristas e pré-historiadores portugueses viam finalmente chegar a hora do “ajuste de contas”: agora era o Somme que descia ao Tejo.

Portugal teve então ensejo de apreciar as reputadas grandezas do Abade Breuil. Mesmo as grandezas mais banais, as que decorriam do seu trato simples, da sua quase irreverente informalidade, quando estudava materiais ou andava pelo campo. A sua secretária, Miss Mary Boyle, chamada pelo Abade do Canadá, onde se encontrava, a fim de o acompanhar no seu regresso à África do Sul, de que falaremos adiante, conta, por exemplo, o seguinte episódio: “Ele era perfeitamente indiferente às roupas. Quando eu cheguei a Lisboa para me juntar a ele, o seu grande amigo lá, Maxime Vaultier, veio ter comigo e disse: ‘Graças a Deus que chegou. Ele anda por aí vestido de cor de rosa, com um chapéu azul pálido, de tipo feminino, na cabeça’. Eu fui ver o que se passava e dei-me conta de que o fato de ‘khaki’ que ele trouxera de África tinha debotado e adquirido tonalidades cor de rosa. Perguntei-lhe então o que se passava e ele apenas respondeu vagamente: ‘Nunca pensei que os chapéus tinham sexo’” (Boyle *et al.*, 1963, p. 16).

Desconcertantemente simples. Mas também sólido no seu saber e infatigável na sua capacidade de trabalho: em Coimbra, durante uma conferência proferida na Universidade, pediu que lhe vendassem os olhos para assim identificar e descrever algumas peças paleolíticas que nunca antes tinha visto; no Porto, onde fora receber tratamento à vista (e aproveitou para observar uma estela decorada pré-histórica no Museu Soares dos Reis, de que viria mais tarde a dar nota no *Bulletin de la Société Préhistorique Française*: Breuil, 1949b), após uma recaída de um acidente que tivera em Lascaux, estando praticamente cego momentaneamente, apenas cuidava de discutir com os colegas presentes as novidades decorrentes das últimas prospeções realizadas no litoral minhoto (v. Cardozo, 1942, p. 74); mais tarde, durante as suas últimas deslocações ao nosso país, tornava-se notado pelas horas passadas a ditar a descrição de objectos que realizava em grande parte apenas por tacteamento.

Não sabemos se por efeito da sua desconcertante simplicidade ou – o que nos parece bem mais plausível – em razão das suas convicções anti-ditatoriais, a verdade é que, cumprida nos primeiros meses a justificação inicial da deslocação ao nosso país – a realização de uma série de conferências – o Abade Breuil passou a ser vigiado pela Polícia Política do regime (a Polícia Internacional de Defesa do Estado), chegando a ser ameaçado de expulsão. Na circunstância, chega a considerar a hipótese de evacuação para Inglaterra, tanto mais que a evolução da Guerra não era tranquilizante. Intervém na oportunidade o então Director do Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, o Prof. Manuel Heleno, que dirige a Breuil o convite para reger um curso na Faculdade de Letras de Lisboa (ao tempo a funcionar no mesmo edifício da Academia das Ciências e dos Serviços Geológicos de Portugal), curso que teria também um seminário a realizar nas instalações do Museu, nos Jerónimos. A própria Universidade de Lisboa, vem depois a conferir-lhe o doutoramento *honoris causa*. Nestas condições, ficava resolvido o problema administrativo-legal da não ocupação e sustentação autónoma do Abade.

A sua vida passa a dividir-se entre as aulas, a classificação de materiais nos Serviços Geológicos e a realização de prospeções de campo. O curso, frequentado por estudantes e jovens licenciados como Virgínia Rau ou Orlando Ribeiro,

foi um êxito. Dele fez o Abade uma preciosa sebenta policopiada, mais tarde utilizada como texto de base para o seu livro em conjunto com Lantier, publicado depois da Guerra (1951): "Les Hommes de la pierre ancienne (Paléolithique et Mésolithique)". Entregue nas mãos de Zbyszewski e Orlando Ribeiro, em vésperas da partida para a África do Sul, para que dela se fizesse uma edição portuguesa, esta sebenta nunca veio infelizmente a ser editada, convertendo-se actualmente numa elemento bibliográfico raro. Recorrendo ao exemplar de Virgínia Rau, o qual hoje pertence a Mário Varela Gomes, a quem agradecemos tê-lo facultado, vale a pena citar as passagens do prefácio em que Breuil se refere ao acolhimento recebido entre nós: "Aqueles que neste país me ajudaram, pela sua simpatia e pelo seu apoio no meu trabalho de exilado, a descobrir os vastos campos inexplorados, que outros continuarão a decifrar, recebam a minha profunda gratidão. Graças a eles, pude manter elevada a bandeira espiritual da Ciência e dos métodos franceses; esta ciência, como eu próprio, não conhece inimigo no exterior, em matérias onde todos, ingleses, alemães, italianos, russos, chineses, escandinavos, espanhóis e americanos, são forçados a colaborar nesta obra humana da descoberta da Verdade."

Durante estes tempos, realizou o Abade deslocações a numerosos locais, como foi o caso da jazida da Mealhada, visitada na companhia de Vergílio Correia, e dos sítios do Paleolítico Superior de Rio Maior, que Manuel Heleno ali vinha identificando e escavando desde a segunda metade dos anos 30. No arquivo do Museu Nacional de Arqueologia guarda-se uma interessante colecção de provas fotográficas de uma destas visitas, anotadas no verso pelo punho do próprio Manuel Heleno e de que aqui reproduzimos quatro imagens (figs. 7 a 10). E quanto às actividades de pesquisa propriamente ditas, elas iniciaram-se pela análise e reclassificação das colecções reunidas até à altura no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. Como conta Georges Zbyszewski, pretendeu-se, num primeiro momento, que Henri Breuil, com todo o seu saber, pudesse realizar um reordenamento dos elementos existentes, de modo a construir-se um quadro de referência crono-cultural susceptível de ser depois utilizado em novas descobertas. Zbyszewski relata-nos a decepção inicial do Abade relativamente às colecções antigas: "Ele examinou-as com cuidado e ficou desiludido". Na sua expressão divertida – e citamos em francês para melhor apreender o sentido divertido da frase – diria a Zbyszewski: "Mon ami ce matériel ne présente pas d'intérêt. Les gens qui l'ont taillé, travaillaient comme des cochons!" (Zbyszewski, 1962, p. 45).

Mas, ainda assim, Breuil executou nos primeiros meses da sua estadia a revisão deste material, especialmente o dos arredores de Lisboa e, dentre ele, do sítio do Casal do Monte, em Loures, ao qual aplicou uma metodologia de análise baseada no duplo critério da tipologia das peças e das alterações do seu estado físico superficial. Esta metodologia, conhecida simplificada por "método das pátinas" ou "método dos séries", viria a revelar-se um deslumbramento para os investigadores portugueses que, até à data, se tinham sentido incapazes de "pôr ordem" nos muitos milhares de objectos em sílex, quartzito e quartzo que pacientemente tinham recolhido em dezenas, senão centenas, de locais em toda a área do chamado "manto basáltico de Lisboa". Na ocasião, Jean Ollivier, por exemplo, em casa de quem, na Amadora, Henri Breuil tanto gostava de permanecer, exclamava que "há um método novo, mais seguro e com o qual se pode conseguir a classificação, simultaneamente racional e objectiva, do Paleolítico

dos arredores de Lisboa: é o método do sábio pré-historiador Padre H. Breuil, membro do Instituto, professor do Colégio de França e do Instituto de Paleontologia Humana de Paris. Este método, aplicado pelo autor, 'in loco', tanto a várias colecções de museus da capital portuguesa, como a colecções particulares, permite, enfim, entrever a solução de um problema há muito proposto" (Ollivier, 1941, p. 375). Antecipando talvez algumas críticas ao método, Ollivier dava mais à frente o argumento decisivo para a sua aceitação, o argumento da autoridade: "seria um erro supor que tal método se pode aplicar sem uma vasta experiência e muita prática, isto é, sem longos anos de observação e estudo de tudo o que diz respeito à arqueologia pré-histórica. Tal experiência e prática ninguém as possui, em mais alto grau que o eminente membro da Academia das Inscrições e Letras de França" (*id.*, *ibid.*).

Não cabe nesta ocasião analisar os fundamentos, as virtualidade e as limitações de tal método e dos resultados a que conduziu, certamente discutíveis, como tudo em ciência. Antes da sua aplicação em Portugal, já ele era objecto de controvérsia, como decorre da curiosa nota que, a pedido de Roger Lantier e como resposta a um anterior artigo deste, Breuil publica em 1937 na *L'Anthropologie*, "A propos de la patine des pierres taillées". Nela defendia com inegável argúcia o "método das pátinas", dava exemplos práticos da sua aplicação útil, criticava explicitamente autores como Louis Leakey pela radicalidade com que o rejeitavam, mas aceitava também os seus limites, afirmando em síntese: "O exame das pátinas é pois a primeira necessidade para evitar graves erros, ele é primordial no exame das recolhas de depósitos de ar livre, mas ele não dispensa o conhecimento dos sítios, a geologia dos arredores, os termos de comparação com objectos *in situ*, se existem, etc. Manipulado com prudência, é um excelente instrumento de análise e de discriminações, que só os espíritos preguiçosos ou pouco experimentados se dispensam de empregar" (Breuil, 1937b, p. 215).

Sem, como dissemos, entrar em detalhes e reconhecendo a justificação de muitas das observações de Breuil, seja-nos em todo o caso permitido recordar duas ideias fundamentais: em primeiro lugar, o princípio de que a classificação tipológica, tal como salientava o próprio Breuil, deve sempre prevalecer sobre a seriação em pátinas; em segundo lugar, a ideia de que a classificação por pátinas pode constituir um elemento de diagnose precioso, indispensável mesmo, desde que seja aplicado a conjuntos de peças numerosos, situados no interior de um sítio arqueológico ou de sítios sujeitos aos mesmos mecanismos de alteração pós-deposicional, próximos uns dos outros. Fora destes requisitos precisos, o método perde validade – e importa reconhecer que, entre nós como no estrangeiro, ele foi indevidamente utilizado por quem, abusivamente, se considerava seguidor e executante das metodologias iniciadas por Henri Breuil. No fundo, poderíamos concluir subscrevendo o comentário que Vaufrey também na altura fez à nota de Breuil acima citada: "Certamente, nem eu próprio, nem os meus colaboradores involuntários, tivemos a intenção de negar *todo* o valor à pátina. Pelo contrário, os exemplos que citámos (no artigo publicado anteriormente e que dera origem à resposta de Breuil) tendem a provar que as pátinas são a marca indelével do passado e testemunham, para cada espécime considerado, as vicissitudes da sua história. O único ponto em que diferimos do nosso eminente interlocutor, é que ele crê ser geralmente possível reconstituir esta história, enquanto nós nos sentimos menos levados a recomendar o emprego habitual de

um método que deixa bastante lugar à intuição. Confessemos-lo humildemente (sem no entanto nos resignarmos a figurar entre 'os espíritos preguiçosos ou pouco experimentados'), isso deve-se sem dúvida à nossa insuficiente clarividência" (Breuil, 1937, p. 216). No fundo, ressaltados todos os cuidados na aplicação desta metodologia, aliás extensivos a idênticas precauções a ter relativamente ao glácio-eustatismo, pode ainda hoje subscrever-se aquilo que Manuel Heleno, na sua reconhecida exigência, escrevia em 1956, fazendo o elogio académico de Breuil: "Pode-se argumentar que o seu critério de classificação, baseado nas pátinas e no desgaste, nem sempre fornece segurança; pode-se alegar que, faltando uma fauna característica, os caracteres altimétricos das praias quaternárias não são suficientes para uma base cronológica. Mas não se pode negar que a grande soma de observações e materiais colhidos convergentes e concordantes, dão ao edifício uma estrutura segura e racional e um amplo horizonte" (Heleno, 1956b, p. 246).

Depois dos primeiros meses passados na revisão dos materiais recolhidos nos museus e colecções particulares da capital e arredores, Breuil inicia em 18 de Julho de 1941 a actividade de prospecção dos terraços fluviais do Tejo e das praias marinhas do litoral da Estremadura. Conta Zbyszewski que foi nesta fase que Breuil verdadeiramente se entusiasmou com a nossa Pré-história. Durante uma visita às formações geológicas e horizontes arqueológicos que Zbyszewski já tinha identificado em Alpiarça, recolheram ambos, num só dia, mais de 80 bifaces (Zbyszewski, 1966, p. 361)! E todos os que nos dedicamos ao estudo do Paleolítico português sabemos bem de que qualidade, especialmente no caso das magníficas peças micoquenses do Vale do Forno, que na Península Ibérica só encontram paralelo em certas indústrias do vale do Manzanares, na região de Madrid, mas com uma diferença assinalável: as de Madrid são feitas em sílex, matéria-prima em que mais frequentemente se vêm atingidos altos padrões de elegância morfológica, e as de Alpiarça são em quartzito, rocha que normalmente se considera de mais difícil lascamento.

Nestas andanças pelas formações quaternárias portuguesas, estendidas progressivamente a Norte, até ao litoral minhoto, e a Sul, até à costa ocidental algarvia, reúne-se uma equipa ampla, onde, para além de Breuil e Zbyszewski, participavam frequentemente Maxime Vaultier (o único que, pela sua condição de próspero industrial, dispunha de viatura própria...), Orlando Ribeiro, Jean Ollivier, Afonso do Paço, entre outros. Os resultados dos trabalhos efectuados, dados a conhecer em mais de uma dezena de comunicações a congressos ou artigos em revistas da especialidade, constituem a principal contribuição do Abade Breuil para a Pré-história portuguesa. De todos, seja-nos permitido salientar a monumental obra conjunta que Breuil e Zbyszewski modestamente chamaram de "Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire", publicada entre 1942 e 1945, em dois volumes das *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, num total superior a um milhar de páginas impressas (Breuil e Zbyszewski, 1942-45).

Mais uma vez, torna-se impossível no âmbito da presente evocação proceder a uma análise desenvolvida dos temas tratados no decurso das actividades de campo citadas. Limitamo-nos por isso a enunciar alguns tópicos mais essenciais:

a) *os eólitos da Ota*, velho problema da nossa Pré-história que Henri Breuil bem conhecia, porque já havia ele próprio, desde a juventude, dedicado diver-

tos estudos a achados do mesmo tipo. Como se sabe, nas últimas décadas do séc. XIX, depois abertos os espíritos para a verosimilhança da grande ancestralidade do Homem, comprovadamente contemporâneo das glaciações e de espécies animais extintas, houve diversos autores, em Inglaterra, na Bélgica, em França e também em Portugal que pretenderam encontrar provas de uma antiguidade ainda superior, remontando até à Era terciária. Estavam neste caso os achados e as conclusões de Carlos Ribeiro, que já tinham constituído um dos principais motivos de discussão durante o Congresso de Lisboa de 1880. Ao proceder à revisão de todo o material antigo, Breuil conclui, fazendo o balanço que ainda hoje mantemos: nas colecções de sílices da Ota existiam peças verdadeiramente trabalhadas pelo Homem e pseudo-utensílios, lascados por forças mecânicas puramente naturais; apenas estes últimos tinham sido encontrados *in situ* nas camadas terciárias; os verdadeiros artefactos humanos, situavam-se à superfície do terreno e eram de diferentes épocas do Paleolítico ou mesmo de períodos ulteriores. Não havia, pois, lugar a considerar a existência de um "Homem terciário português", ou um *Homosimius ribeiroi*, como em 1880 houve quem chegasse a chamar-lhe, por deferência para com Carlos Ribeiro;

b) *a inexistência de indústrias asturienses no vale do Tejo*. À data da chegada de Breuil ao nosso país, devido à importância histórica dos concheiros de Muge, tinha havido quem pretendesse existirem na região indústrias líticas de época e tipologia idênticas ao Asturiense do litoral das Astúrias, da Galiza e do Minho. Mais uma vez, procedendo à revisão de todas as colecções antigas, Breuil conclui que as afinidades pretendidas não passavam de uma deficiente avaliação tipológica da componente de utensílios bifaciais (bifaces, unifaces e triedros) das indústrias acheulenses da zona;

c) *a identificação de níveis de ocupação do Paleolítico Superior em algumas grutas da Estremadura portuguesa*, escavadas no séc. XIX. Deve notar-se que já em 1918, aquando da sua primeira deslocação a Lisboa, o Abade Breuil tinha identificado nas colecções conservadas no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal alguns objectos líticos e ósseos atribuíveis ao Paleolítico Superior, mais exactamente ao Madalense, provenientes das escavações antigas de Nery Delgado na gruta da Casa da Moura, no planalto da Cazareda. Durante esta nova estadia, realiza em conjunto com Zbyszewski um estudo mais detalhado da gruta da Furninha e também aí identifica ocupações do mesmo período (as quais atribui ao Solutrense, invocando explicitamente para efeitos comparativos as descobertas entretanto feitas por Manuel Heleno na zona de Rio Maior e no litoral estremenho e que ele, Breuil, tinha podido visitar, conforme aludimos anteriormente). Ao Paleolítico Superior seriam também atribuídas algumas séries de utensílios, em diversos sítios de ar livre, em todas as regiões percorridas;

d) *províncias culturais no Paleolítico Inferior e Médio português*. Passada a primeira desilusão quanto ao carácter primitivo, pouco interessante, de grande parte das indústrias que lhe foram mostradas, especialmente as provenientes do litoral da Estremadura, assim como a diversidade assinalável das matérias-primas empregues nas diferentes áreas da região envolvente de Lisboa, Breuil passou de imediato, como era próprio do seu superior espírito analítico, a colocar uma série de questões: porque não existiam no litoral as belas séries acheulenses clássicas, de bifaces e machados, que ocorriam no vale do Tejo; porque haveria

uma utilização tão abundante do sílex na região de Lisboa e uma quase ausência no Ribatejo; porque seria tão diversa, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo, a ocupação da margens Sul e Norte do Tejo, em todo o seu curso inferior; porque existiriam diferenças morfológicas tão marcadas, na mesma margem Sul, entre as indústrias da zona de Alpiarça e Almeirim e as da zona de Benavente e Alcochete? Existia obviamente aqui abundante motivo de pesquisa, não sendo preciso grande reflexão para imaginar que estas foram as principais razões pelas quais o Abade se prendeu a Portugal muito mais do que as poucas semanas que inicialmente contava dedicar-lhes. No seu relatório de trabalhos efectuados entre Julho e Outubro de 1941, apresentado à entidade que o convidara, o Instituto Francês de Lisboa, ele dá-nos já conta da visão que começava a construir sobre cada uma destas questões. O carácter rudimentar das utensílagens do litoral, dominadas por conjuntos de seixos sumariamente talhados, levaria à construção do conceito de “estilo lusitaniano”, ou “estilo micro-lusitaniano” no caso do formato dos seixos ser muito pequeno. E num artigo que em 1941 começou por constituir um texto em língua castelhana, apresentado à Sociedade Espanhola de Antropologia, Etnografia e Pré-história – publicado na revista *Atlantis* (Breuil *et al.*, 1941a), e foi depois vertido em francês, utilizado como comunicação à Academia das Inscrições e Belas Letras, em Abril de 1942, e artigo de revista nos *Anais da Faculdade de Letras do Porto*, no *Bulletin de la Société Préhistorique Française* e nos *Proceedings of the Prehistoric Society*, Henri Breuil, em colaboração com Vaultier e Zbyszewski, expunha ao mundo a sua visão daquilo que ocorria no litoral português: “A vida de colectores de conchas não exigia nada de semelhante [às utensílagens de bifaces e machados do vale do Tejo]; ela parece ter paralisado a engenhosidade industrial dos que se contentavam com ela e isso, em cada período, imprimia ao conjunto do velho Paleolítico das costas portuguesas, um aspecto inesperado, que qualificaremos como ‘fácies lusitaniano’: ou seja, português. Os seus grupos mais antigos são uma variante litoral do Abevilense, os seguintes, do Acheulense, depois do Mustierense, até mesmo, de todo ou parte do Paleolítico Superior, enquanto não chegava o Asturiense já conhecido” (Breuil *et al.*, 1942, p.25). Mais tarde, o Abade alargará ainda um pouco mais este “fácies”, fazendo-o recuar no tempo até uma época pré-Abevilense (v., por exemplo, Breuil, 1959). Para tanto tinha por certo em mente os estudos que Pierre Biberson vinha realizando no Norte de África, onde definia uma espécie de “civilização do seixo afeiçoado” – a mais antiga ocupação humana da região; mas devia também lembrar-se dos “pebble-instruments” que ele próprio vira em 1941 (v., por exemplo, Biberson, 1965), durante uma rápida visita que ali efectuara, juntando-se a Neuville e Ruhlmann, para dar uma conferência que não chegou a proferir por não possuir texto escrito a submeter à censura prévia das autoridades locais;

e) a *sequência crono-cultural do Paleolítico Inferior e Médio do Baixo vale do Tejo*. Como se disse, o vale do Tejo, com as suas magníficas indústrias acheulenses, representou um dos principais pólos de atracção do Abade. Com o apoio dos rigorosos levantamentos geológicos de Zbyszewski, trabalhou profundamente na datação e posicionamento estratigráfico das indústrias da zona. A sequência de terraços do Baixo Tejo – terraços superiores, altos, médios, baixos e aluviões de fundo de vale – foi posta em paralelo com a sequência do vale do Somme. A região da Alpiarça, os vales do Forno e da Atela designada-

mente, converteram-se em pedra angular do primeiro e até hoje único sistema de periodização geo-crono-cultural do Paleolítico Inferior e Médio português: as indústrias de bifaces viam-se aí evoluir desde fases clactono-abevilenses, situadas na base do chamado “terraço médio” e datáveis da glaciação de Mindel pelo recurso a modelos fluvio-eustáticos, passando por sucessivos estádios acheulenses, até atingirem um desenvolvimento extraordinário durante a glaciação de Riss, quando se origina o Micoquense, ou Acheulense Final; a coroar toda a sequência, viriam as indústrias de tipo languedocense antigo e mustierense (este raro em Alpiarça), datáveis do interglaciário Riss/Würm, e o Languedocense recente, Mustierense e Paleolítico Superior, datados da última glaciação, Würm. Novamente diremos que não cabe no presente texto fazer um comentário crítico deste modelo, que pelo menos para o caso das indústrias micoquenses, conduzia ao seu excessivo envelhecimento e, admitimos, também fazia recuar demasiado no tempo as primeiras indústrias de bifaces do local. O que importa aqui salientar é o gigantismo do esforço feito por Breuil e Zbyszewski, o qual se mantém hoje incólume em todos os aspectos relacionados com a descrição objectiva das bases documentais disponíveis, mesmo se algumas apreciações interpretativas possam suscitar reserva. De igual modo, merecem destaque as observações que realizaram acerca da variação geográfica das indústrias: a atenção que puseram nos condicionalismos impostos pela natureza das matérias-primas disponíveis, conjugando-os com a própria cronologia dos terraços. Assim, procederam a uma explicação muito satisfatória das características das indústrias da margem Sul situadas mais próximos do estuário, dominadas por quantidades imensas de núcleos discóides, geralmente de pequenas dimensões. Quanto à diferença entre as indústrias de ambas as margens do Tejo, enveredaram por uma explicação de outro tipo, certamente mais discutível: para além dos condicionalismos da matéria-prima, haveria também “diferenças etnográficas importantes. Visivelmente, o pequeno mar interior que era o estuário do Tejo separou completamente as populações destas duas margens, que evoluíram independentemente” (Breuil, 1941b, p. 78);

f) *o Paleolítico dos arredores de Lisboa*. Deixando de lado a referência ao tipo de sítios e às metodologias de estudo utilizadas na maior parte dos locais desta área, estações de superfície, situadas no interior do chamado “manto basáltico de Lisboa” – questão a que aludimos anteriormente – interessa em todo o caso referir duas outras ocorrências do maior interesse: as observações de Henri Breuil sobre os achados do vale da ribeira de Alcântara; e o estudo da jazida de Sto. Antão do Tojal e sítios envolventes. No primeiro caso, trata-se de descobertas que Breuil já tinha rapidamente visto durante a sua passagem por Lisboa, em 1918. Então como em 1940, considera que muitos deles, designadamente os de Santana, não seriam paleolíticos, mas muito provavelmente neolíticos, comparáveis com o Campinhense francês, que ele próprio tão bem conhecia dos seus trabalhos de juventude nos locais originais. É este o momento e o local adequado para dizermos que muito mal andamos nós, os das gerações seguintes, quando não tomamos na devida conta as advertências dos Mestres. Aqui assumimos agora pessoalmente um dos nossos maiores erros científicos (um daqueles de que já tomámos consciência, porque muitos outros haverá ainda envolvidos no espesso manto da nossa ingénua ignorância), o de não termos dado suficiente atenção aos escritos do Abade Breuil, pretendendo em infeliz comunicação que

ele se enganara e a dita colecção de Santana seria paleolítica. Que o Abade, lá onde esteja, nos possa perdoar o atrevimento: a indústria de Santana é essencialmente pós-paleolítica, neolítica ou calcolítica; o dia virá em que nós próprios ou alguém pela nossa parte o demonstrará com o rigor que só os estudos tecnológicos aprofundados e a realização de novas escavações no local hão-de permitir. Quanto aos sítios do Tojal, “país do Paleolítico” como lhe chamaram Breuil e Zbyszewski, também eles esperam o dia em que os seus elefantes ganhem vida nova e às portas da capital possamos construir a nossa Torralba. Nessa altura, haverá quem novamente se debruce sobre os estudos dos Mestres passados, como nós próprios já o fizemos, ao confirmar por métodos de datação absoluta as cronologias que eles sugeriram e ao rever as suas descrições tipológicas, na óptica do estudo integrado do local, relativamente ao seu contexto próximo (sítios dos planaltos circunvizinhos, como Casal do Monte; grutas, como Correio-Mór) e distante (sítios do “manto basáltico”, do vale de Alcântara e da bacia ribatejana do Tejo);

g) *as indústrias líticas do litoral minhoto*. Não obstante surgir em sétimo lugar no nosso enunciado, este constituiu um dos primeiros e principais tópicos a que Breuil deu atenção durante a sua permanência entre nós. Infelizmente, a sua principal campanha de campo na região foi bruscamente interrompida pela doença da vista que já assinalámos. Ainda assim, para além dos elementos referentes à descrição e publicação de abundantes materiais – sendo o estudo mais extensivo dos mesmo publicado já depois da sua morte, por colaboradores e amigos que, reunindo as suas notas, assim decidiram prestar-lhe derradeira homenagem (Breuil *et al.*, 1962) – o Abade deixou-nos desta área uma visão histórica da maior importância, que resumiu nas seguintes palavras, escritas logo nos primeiros tempos da sua estadia: “Será no Norte do país que se pode esperar, sobre o litoral entre o Minho e o Douro, encontrar a sequência desta indústria que referimos (falava antes do Languedocense do Baixo Tejo), e assim estabelecer talvez a passagem à indústria asturiense antiga desta região, antepassada do Asturiense mesolítico das Astúrias. O exame das séries deste litoral faz-nos com efeito pensar que, neste país sem grutas nem sílices, os paleolíticos superiores não penetraram de todo, e que as populações languedocenses, na zona desde o nível alto de mar do Riss-Würm, assistiram à descida do seu nível de mar durante o Würm e se transformaram, antes de nova subida do mar até ao nível actual, em asturienses antigos; estes, batendo em retirada diante da subida do mar, não atingiram o estádio desenvolvido nas Astúrias senão na época do nível alto de mar correspondente ao *optimum* mesolítico... Não nos devemos admirar de descobrir, nesta finisterra que constitui o litoral ocidental, prolongamentos e relíquias de antigas técnicas e de antigas populações até uma época relativamente tardia” (Breuil, 1941, p. 79). Curiosamente, esta ideia de uma evolução original, autónoma, das indústrias e das populações do litoral galaicominhoto, desde os bifaces do Acheulense, passando pelos seixos talhados do Languedocense, até chegar aos proto-picos do Camposanquiense/Ancoreense e aos picos do Asturiense, ideia que muitos investigadores de gerações posteriores, incluindo nós próprios, viemos a considerar insuficientemente fundamentada do ponto de vista das evidências disponíveis e inconsistente do ponto de vista histórico, parece hoje ganhar novos adeptos, por parte de autores que têm dedicado maior atenção ao problema. O futuro dirá em que ficamos;

h) *as indústrias líticas da costa do Sudoeste*. Uma das últimas regiões a merecer a visita de Breuil, enquanto esteve entre nós, foi o litoral alentejano, até à embocadura do Mira (v., por exemplo, Breuil *et al.*, 1943a) e algarvio (Breuil *et al.*, 1943b). Para além da identificação de indústrias de bifaces do Paleolítico Inferior, o resultado mais assinalável foi a descoberta nesta zona de um horizonte arqueológico mais recente, a que se atribuiu uma cronologia correspondente ao Paleolítico Médio e parte do Paleolítico Superior, horizonte situado na base das coberturas dunares modernas, caracterizado por quantidades imensas de seixos talhados e lascas, aparentemente idênticas ao Languedocense, mas detentoras de um tipo de peça emblemática, a que o Abade sugeriu chamar “machado mirensê”, por ser na zona da foz do Mira que se encontravam os exemplares mais evoluídos do ponto de vista tipológico. O machado mirensê é uma peça em grauvaque, a rocha mais comum na região, talhada e bojardada, com uma parte distal mais larga (a cabeça) e uma parte proximal mais estreita (o cabo). Desconhecemos em rigor para que servia e se era usada na mão ou encaçada. Mas era e continua a ser um dos mais emblemáticos instrumentos líticos da nossa Pré-história. Pode ser, como aliás nós próprios temos sugerido, que se tenha prolongado até épocas relativamente recentes (Calcolítico ou Idade do Bronze); pode até ser que ele extravase o horizonte a que deu nome – o Mirensê – e ambos não tenham sequer existido antes do final do Paleolítico. Seja assim ou não (e continua a haver quem admita uma datação paleolítica para ambas estas realidades, machado e Mirensê), a verdade é que também aqui o Abade e os seus colaboradores abriram um tema de pesquisa para muitas gerações, que está longe de considerarmos esgotado;

i) *os concheiros de Muge* constituíram um derradeiro motivo de investigação do Abade Breuil, que aí se deslocou diversas vezes e designadamente em Abril e Maio de 1942, sendo magnanimamente recebido pela Senhora Marquesa do Cadaval, Dona Olga di Robilant Alvares Pereira de Melo, a qual, para evitar perdas de tempo, fazia questão de oferecer aos arqueólogos almoços campestres, tomados na mais informal convivialidade. Estas visitas foram completadas pela revisão e publicação exaustiva, em 1947, dos artefactos líticos e ósseos contidos nas colecções dos Serviços Geológicos de Portugal.

Muito mais haveria certamente a dizer sobre a contribuição de Henri Breuil para a Pré-história portuguesa, desde os estudos sobre arte móvel e arte rupestre pós-glaciária, passando pela recensão e divulgação internacional de diversos trabalhos feitos por autores nacionais, até à própria utilização de motivos etnográficos numa melhor elucidação da origem ou função de certos objectos pré-históricos – caso do “bastão perfurado” do Paleolítico Superior, cuja utilidade foi sugerida a Breuil pelas observações que Ruy de Andrade lhe transmitira quanto à existência em Portugal de um utensílio em madeira, igualmente furado, e empregue no fabrico de cordas com crinas de cavalos, os “torteirais” ou “torneirais” (Breuil, 1954c). Todavia, porque o nosso objectivo é acompanhar genericamente a totalidade da sua carreira científica, vejamos qual a sequência da estadia do Abade no nosso país nos anos 40. Como já se disse, rumou em direcção ao sul do continente africano. Tinha muitas e boas razões para o fazer. Os amigos que aí deixara, depois das suas primeiras deslocações, entre os quais Van Riet Lowe e o próprio Marechal Smuths, chefe do Governo sul-africano; e principal-

mente as riquezas arqueológicas que sabia existirem e a falta de tempo nunca lhe permitira estudar aprofundadamente.

De Lisboa, na fase inicial em que a sua permanência se encontrava ameaçada pela polícia política do regime e pela evolução da Guerra na Europa, Breuil escreve ao Marechal Smuths, dando conta do seu interesse em regressar à África do Sul. Fâ-lo, citando poeticamente um dos mistérios que mais o intrigava: “Existe uma linda menina no Sudoeste Africano, que está à nossa espera há cerca de 3 mil anos. Acha que está certo continuar a fazê-la esperar ainda mais?” (Boyle, 1963, p. 17). Era a célebre Dama Branca de Brandberg, na Tsisab Ravine, no Windhoek, descoberta em 1917 por Reinhardt Maack. Após um primeiro período em que a viagem se tornava impossível (o Marechal responderia: “estamos no meio de uma Guerra, mas logo que ela acabe prometo-lhe que poderá ir ao Sudoeste Africano e talvez eu vá consigo”), o convite para a deslocação acaba por chegar em 26 de Janeiro do ano seguinte, 1942. Retido pelos compromissos já assumidos em Lisboa e pelo próprio evoluir positivo das investigações em curso, Breuil adia sucessivamente a partida, até Setembro seguinte. No dia 27 desse mês é-lhe oferecido um almoço de despedida no Hotel Avenida Palace, ao qual comparecem os seus maiores amigos e colaboradores: Georges Zbyszewski, Eugénio Jalhay, Afonso do Paço, Jean Ollivier, Medeiros Gouvêa, Maxime Vaultier, Alves da Costa (v., por exemplo, Raposo, 1986a)... No dia seguinte, embarca no paquete “Mousinho”, em direcção à União Sul-Africana, fazendo escalas sucessivas na Madeira, Tenerife, Luanda, e Cidade do Cabo. Chega a Lourenço Marques em 26 de Outubro, sendo esperado por Lerenó Barradas (sobre as peripécias que antecederam e acompanharam esta viagem, v. Boyle, 1965). Dois dias depois, encontra-se em Joanesburgo, onde é acolhido por Van Riet Lowe e por uma delegação da comunidade francesa local. A África Austral será doravante a sua terra de exílio, de onde apenas partirá em 12 de Junho de 1945, uma vez acabada a Guerra.

Ao chegar, Breuil levava no pensamento a misteriosa “Dama Branca” de Brandberg. Embora só a possa visitar mais tarde, ela constitui a referência essencial que o irá animar numa nova batalha: a da datação, integração cultural e interpretação da arte rupestre sul-africana. Vale a pena citar a seguinte passagem, extraída do seu prefácio aos “Quatre cents siècles d’art pariétal”, escrito na ressaca do impacte que lhe causara a “Dama Branca” e publicado em 1952: “Pois é, caros amigos e leitores, aquele que vos faz chegar às mãos esta obra regressa do fundo da África onde o esperava, pintada nas cavidades de uma rocha desde há milénios, uma antiga menina. Eternamente em marcha, jovem, bela e leve, de um aspecto quase aéreo. Nos dias antigos, todos, entre os seus, lá se deslocaram também para contemplar a sua imagem adorada, e todos eles continuaram a caminhar desde aí, no decurso dos séculos seguintes; todos eles e não apenas os homens, mas também os orix, as gazelas, as avestruzes, as girafas, os elefantes e os rinocerontes que a sua magia orientava. Pelo meu lado, procurei por ela desde o dia em que, por meio de um pobre desenho do seu descobridor, conheci a sua imagem... Através dos desertos, caminhei na sua direcção, ao lado dos meus amigos e dos meus guias; cativo da sua incomparável graça, tentei fixar-lhe os traços; voltei duas vezes para a ver. Levei lá companheiros e falei dela ao mundo dos vivos depois de ter uma vez mais sonhado aos seus pés com o infinito mistério da história das migrações antigas; a ela, ao seu povo, de que nos falam também outros frescos, consagrei vários dos anos preciosos que me

restam. Lá aprendi uma espécie de evangelho maravilhoso que me parece oportuno repetir neste mundo conturbado: o evangelho da importância, para viver, dos esplendores inúteis à vida material, mas essenciais ao espírito... Antes que ao Mestre das nossas vidas aprouver chamar-me para junto Dele, levando-me até às outras esferas da minha eterna viagem, pareceu-me, caros leitores, que era necessário contar-vos a 'Saga' desta mais antiga arte" (Breuil, 1952, introdução). Difícilmente se pode imaginar texto mais poético e sentimento mais profundo causado no homem de ciência por um bem material, dos muitos que a sua vida lhe proporciona descobrir.

Mas, a par do sentimento, há também a razão. E anteriormente já o Abade nos descrevera o fresco da "Dama Branca", nos seguintes termos: "Ela tem diante de si uma espécie de flor de lótus branca e atrás um arco tenso com uma flecha pronta a disparar. O vestuário é muito colante, muito decorado, tal como os seus cabelos vermelhos. Na mão trás um guante de prata, tal como diversos dos seus companheiros; estes trazem arcos e flechas e o guante, mas nenhum deles está em posição de disparo, excepto um adolescente com um arco muito pequeno, espécie de pajem precedendo a Dama Branca; ele mostra correias de suspensão egípcias e possui o tipo físico dessa raça numa cor escura. Atrás da Dama, seguem perto de vinte e oito personagens mascaradas, homens com a cabeça de orix, de crocodilo ou de babuíno, outros homens ainda de tipo semita e outros carregadores negros" (cit. em Skrotzky, 1964, p. 136).

No quadro de uma periodização complexa da arte rupestre da região, o Abade afirma que a "Dama Branca" dataria do 2.º milénio a.C. e corresponderia a uma época de contactos com, ou até de invasões, de povos mediterrâneos. Qualquer destas apreciações motiva grande controvérsia, inclusive da parte de amigos chegados, como Van Riet Lowe, que não admitem quer o carácter racial ("branca") ou cultural ("mediterrânea"), quer a antiguidade daqueles motivos. Alguns, mais radicais, chegavam a dizer que é mais provável a "Dama Branca" datar de 1500 d. C. do que, como pretendia Breuil, de 1500 a.C. Invocavam a propósito argumentos tão enganadores e inconsistentes como os que há poucos meses ouvimos serem apresentados por quem, reclamando-se cientista (curioso termo, que se quis opor ao suposto diletantismo dos pré-historiadores e arqueólogos), pretendeu recusar a possibilidade de uma datação antiga para as gravuras do vale do Côa. Diziam, por exemplo, que os suportes graníticos onde as gravuras eram feitas não resistiriam à erosão mais do que algumas décadas ou poucos séculos. A todos o Abade Breuil respondeu em diversas ocasiões e nomeadamente numa conferência que pronunciou na Academia das Ciências de Lisboa, em 15 de Fevereiro de 1957 ("L'Occident, patrie du grand art rupestre"): "Os teóricos de gabinete que definem *a priori* as relações entre níveis de *habitat* e frescos, em nome da degradação supostamente ultra-rápida do granito ou da suposta destruição das paredes pelos fogos, enganam-se pesadamente. De resto, os edifícios em granito do Egipto, ainda de pé, mostram que esta descamação não os afectou assim tanto, apesar dos milénios. Não vale a pena perdermos mais tempo com estes argumentos..." (cit. em Skrotzky, 1964, p. 137-138). É caso para dizer que bastante falta nos fez o Abade há poucos meses para com a sua autoridade pôr no devido lugar os vendedores de falácias, como aliás aconteceu em 1956 quando pela última vez foi chamado a confirmar a autenticidade paleolítica das pinturas e gravuras da gruta de Rouffignac, desmentindo firmemente as razões pseudo-científicas dos que se lhes opunham.

De resto, é curioso notar que ulteriores datações pelo método do radiocarbono de níveis de ocupação situados na base dos rochedos pintados de Brandberg confirmaram em grande medida as suposições do Abade. E mais recentemente, existem suspeitas fundadas de que alguns dos motivos da arte rupestre da região podem efectivamente remontar até fases muito antigas da Pré-história, incluso até épocas correspondentes ao Paleolítico Superior europeu (entre parêntesis, saliente-se o vigor e exemplaridade do raciocínio pelo qual o Abade Breuil explicou nos anos 50 a reacção que teve em relação às primeiras aplicações do método do radiocarbono em temas da sua especialidade (v. Breuil, 1954d): aceitava umas, quando tinha argumentos de contexto que o aconselhavam, e rejeitava outras, quando considerava mais fortes o mesmo tipo de razões contextuais; afinal, qualquer datação absoluta apenas data a amostra utilizada, cabendo ao arqueólogo garantir e discutir os critérios da sua relação contextual com objectos, camadas, sítios e unidades culturais). Importa dizer mais uma vez, é claro, que nem todas as ideias do Abade neste domínio da arte rupestre sul-africana se encontram ainda hoje válidas. Em muitos aspectos, ele foi aqui também traído pelos arquétipos mentais difusionistas a que, provavelmente sem se dar conta, estava sujeito, como todos os da sua época. Mas o seu trabalho arqueográfico de base, assim com o vigor das suas análises, continuam a constituir alicerces que ninguém pode ignorar.

Durante os anos de estadia na África do Sul, onde se tornou professor na Universidade de Joanesburgo, Henri Breuil visita por diversas vezes territórios circunvizinhos, entre os quais as antigas colónias portuguesas de Angola e Moçambique. Tinha como principal motivação a procura do contexto cultural da “Dama Branca”, mas não enfeitava dar atenção outro tipo de dados, designadamente às indústrias líticas, como foi o caso das séries descritas nas terras das Lundas, no Noroeste de Angola. Em 1944, realiza em uma visita mais prolongada a Moçambique, a convite do Presidente da Comissão dos Monumentos e Relíquias Históricas. E é neste território, mais exactamente nas margens do Limpopo, onde se deslocara para observar algumas pinturas rupestres, que toma conhecimento do fim da Segunda Grande Guerra, através dos ruídos quase inaudíveis do rádio da viatura em que seguia.

Estávamos em finais de 1944. Na véspera de Natal, para se distrair, Breuil começa a desenhar um conjunto de cenas de vida durante a Pré-história, que mais tarde viriam a conhecer grande sucesso editorial – “Beyond the Bounds of History” (Breuil, 1949a) – e nas quais inclui duas retiradas de sítios arqueológicos portugueses: “os consumidores de marisco da costa”, com um quadro de fundo “inspirado no contorno da Serra de Sintra, perto do Cabo da Roca”, vendo-se em primeiro plano “um sítio não muito afastado do Guincho”, atribuível ao Paleolítico Superior ou ao Mesolítico (fig. 11); e “as ocupações mesolíticas perto do estuário do Tejo”, que representam os locais de Muge onde “esta gente formou enormes montes [de conchas]... que também contém ossos de coelho, veado, bois selvagens e cavalos, porco selvagem, lobo, raposa, urso pardo, lince, castor, algumas focas e bastantes pássaros” (fig. 12). Nos meses seguintes, empreende a viagem de regresso à Europa, por Moçambique, Uganda, Cartum e Cairo. Chega a Paris no dia 25 de Junho de 1945. Tinha já a respeitável idade de 68 anos. Vallois oferece-se para deixar o lugar de Presidente do Instituto de Paleontologia Humana, que “por direito histórico” considera pertencer ao Abade. Este recusa, delicadamente. A sua vida tinha adquirido outros rumos. Paris já

não era a mesma. Tão-pouco a França. E Breuil, nos anos que lhe restam de vida, para além de voltar a leccionar no Colégio de França, quer acima de tudo pôr em ordem a numerosa documentação que reunira e não publicara, sem contar com o seu permanente desejo em conhecer mais e mais sítios, nos locais por onde anteriormente passara.

É nesta fase que publica obras de síntese fundamentais: “Les hommes de la pierre ancienne”, com R. Lantier, em 1951; “Quatre cents siècles de l’art pariétal”, em 1952; “Les roches peintées du Tassili-n-Ajjer”, com H. Lothe e o coronel Brenans, em 1954; “The White Lady of Brandberg”, com Miss Boyle e E. R. Scherz, em 1955; etc. Recebe novas honrarias: medalha “Joseph Prestwich”, da Sociedade de Geologia de Londres, em 1948; medalha da Real Sociedade Belga de Geografia, de Bruxelas, em 1949; medalha “Geoffroy Saint-Hilaire”, da Sociedade de Aclimação de Paris, em 1952; comenda da Grã-Cruz da Ordem de Afonso-o-Sábio, de Espanha, em 1954; medalha Albrecht Penck da “Deutsche Quatar Vere Vereinigung”, Alemanha, em 1958; comenda da Ordem das Palmas Académicas, França, e oficialato da Ordem da Legião de Honra, França, em 1958. Regressa por mais duas vezes à África do Sul, durante dois anos, entre 1947 e 1949 – altura em que finaliza o levantamento das pinturas da “Dama Branca”, visita pela última vez Angola e executa alguns trabalhos de investigação em conjunto com António Almeida (Breuil e Almeida, 1964) – e em 1950. Participa em reuniões científicas: os recém criados Congressos Pan-africanos de Pré-história, nas sessões de Nairobi, em 1947, e de Alger, em 1952; o congresso da igualmente recém constituída União Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas, realizado em Madrid, no ano de 1954; o primeiro simpósio organizado em Burg Wartenstein pela Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, no ano de 1960. A Sociedade Pré-histórica Francesa, de que já fora Presidente em 1936, como dissemos, reserva-lhe novas honrarias: elege-o pela segunda vez para Presidente, em 1954, e promove-lhe por ocasião do seu 80.º aniversário natalício uma das mais comoventes homenagens que recebeu em toda a vida.

É altura de fazer um balanço da riquíssima obra do Abade, a qual viria aliás ainda a ser enriquecida nos anos seguintes, até ao final da sua vida e mesmo depois, pela publicação de trabalhos anteriores inéditos. No total, inventariam-se quase oito centenas e meia de referências bibliográficas, sem que nunca, desde 1898 até 1961, Henri Breuil tenha passado um ano sem publicar pelo menos um trabalho, mesmo nos anos dramáticos das guerras (v. fig. 13). Anos houve em que produziu mais de 20 trabalhos: os anos iniciais da descobertas das grutas pintadas e da “batalha do Aurinhacense”, 1902 e 1905; os anos do pós-Primeira Grande Guerra, 1921 a 1923, quando pôde dar à estampa as numerosas descobertas e observações que fizera durante a Guerra; e o ano de 1954, verdadeiro “ano de ouro” da sua última consagração, já na qualidade de veterano. Desta totalidade, os cerca de 40 trabalhos publicados em Portugal ou sobre temas portugueses, atingem a sua maior expressão precisamente nos anos da Segunda Grande Guerra, durante os quais permaneceu entre nós e desenvolveu os estudos sobre indústrias paleolíticas que constituem a maior parte da sua contribuição para a Pré-história portuguesa (v. fig. 14). Anteriormente, assinalam-se os estudos realizados ainda durante a Primeira Grande Guerra, na sequência do episódio de Arronches a que fizemos referência e um curioso pico de referências a Portugal, no ano de 1931, quase exclusivamente composto por recensões

bibliográficas, prova de que o Abade já nesta altura seguia muito de perto a produção científica nacional.

A decomposição da produção bibliográfica global de Henri Breuil segundo diversos critérios de análise mostra-se também bastante eloquente de outros aspectos da sua vida e obra. Assim, do ponto de vista das áreas geográficas objecto do seu interesse (figs. 15 e 16), verifica-se uma progressiva diminuição das referências aos países europeus, especialmente nos anos das guerras, e um correspondente aumento dos estudos sobre regiões extra-europeias. Vistas em maior detalhe estas duas grandes unidades geográficas, observam-se elementos adicionais do maior interesse: na Europa, passada a fase inicial de quase concentração absoluta em temáticas do território francês, a Espanha constituiu no final da Primeira Grande Guerra o principal foco de produção bibliográfica; só a grande distância encontramos Portugal (especialmente nos primeiros anos da Segunda Grande Guerra, como dissemos), a Grã-Bretanha, a Itália e outros países. Em relação aos países extra-europeus, é patente o peso dos estudos sobre a África Subsahariana, seguidos de um pico de trabalhos sobre a Ásia Continental nos anos 30 (muito ligados à problemática do *Sinanthropus* e de Chu-Ku-Tião).

No plano da análise das temáticas que foram objecto da atenção de Henri Breuil, verifica-se que os trabalhos sobre arte pré e proto-histórica (fig. 17) constituíram a sua maior ocupação, sendo neles de notar o seguinte: o estudo da arte paleolítica europeia, verdadeiro ponto de partida do Abade, que entre 1905 e 1909 lhe chega a dedicar quase 40 artigos, mantém ao longo da vida o seu peso, embora muito diminuído durante os anos das guerras. Inversamente, os estudos sobre a arte extra-europeia, começam por ser diminutos e aumentam progressivamente, até atingir o seu apogeu nos anos subsequentes à Segunda Grande Guerra. Dos trabalhos sobre períodos históricos tradicionais (fig. 18), são obviamente os do Paleolítico que atingem valores mais elevados e igualmente constantes ao longo da vida de Breuil, com uma única quase interrupção durante a Primeira Grande Guerra (durante a Segunda Grande Guerra, em razão do exílio em Portugal, Breuil pôde continuar a realizar, e até intensificar, a sua produção de estudos neste domínio). Seguem-se-lhes, a grande distância, os trabalhos que versam temáticas da Idade do Bronze (especialmente significativos logo no início da carreira de Breuil, dada orientação científica que recebera de Du Mesnil, como vimos), do Mesolítico e do Neolítico (qualquer destes em ligeiro aumento ao longo da sua vida). No plano dos chamados trabalhos metodológicos (fig. 19), para além de se verificar uma menor representação desta vertente na obra geral de Breuil, é curioso registar um certo crescendo de interesse pelas questões relacionadas com o processo de hominização. Naquilo que se poderia designar por “temáticas diversas” (fig. 20), as recensões bibliográficas constituem o elemento dominante, especialmente durante os anos seguintes à Primeira Grande Guerra – o que por certo se deve quer à intensa actividade de actualização bibliográfica do Abade, após um período em que compreensivelmente tinha perdido contacto com numerosos colegas, quer às dificuldades sentidas em matéria de deslocação a regiões distantes, nesta fase de privações e de crise no Instituto de Paleontologia Humana, órfão do seu inicial mentor e mecenas, o Príncipe Alberto do Mónaco, falecido em 1922. Neste âmbito ainda, deve notar-se a linha ascendente das conferências, lições e prefácios, cujo crescimento, iniciado no período entre-guerras, se acentua sobretudo depois da Segunda Grande Guerra.

Finalmente, poderíamos ainda observar a evolução da obra de Henri Breuil em dois outros planos: a autoria dos trabalhos produzidos (fig. 21) e os locais privilegiados para publicação (fig. 22). No primeiro caso, assinala-se uma ampla predominância da situação de autoria única. Nitidamente, com exceção dos primeiros tempos da sua carreira, em que o jovem Breuil surge frequentemente na condição de autor-júnior, dando a primazia de assinatura a Capitan, Cartailhac e outros, ao longo de toda a vida, o Abade foi um investigador que publicou muito mais sozinho do que em colaboração. Nem de outro modo poderia ser para quem, como ele, circulou por tantos locais e reuniu tanta informação que, no momento da síntese, outros dificilmente poderiam partilhar. No segundo caso, para além da participação em congressos, colóquios e simpósios, especialmente importante nos anos que precederam a Primeira Grande Guerra, o dado mais curioso a destacar é a inversão do ritmo de publicação respectivamente na *L'Anthropologie* e no *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Ao longo do tempo diminui claramente a escolha da primeira, em benefício do segundo, provavelmente devido a razões históricas circunstanciais: a maior ligação de Breuil à Sociedade Pré-histórica Francesa, desde que pela primeira vez foi eleito para a sua presidência; inversamente, o distanciamento que a Segunda Guerra e a maior ligação a África provocaram relativamente à vetusta revista que Breuil se habituara a folhear desde os tempos do Seminário, a qual entretanto se modificara, possuindo novos chefes de redacção e novos colaboradores.

Mais de oito centenas de trabalhos publicados, um total acumulado de dois a três anos passados dia e noite dentro das cavernas, quase uma vida a percorrer os campos de dois continentes, com importantes incursões num terceiro, tal poderia ser em brevíssimas palavras o balanço da obra de Henri Breuil. Resumo pobre, já se vê, porque é seguramente mais difícil ao leitor, por atento e especializado que seja, fazer o balanço da obra do Abade, do que a ele foi executá-la. Mais problemático ainda seria pretender realizar idêntica síntese, já não da obra, mas do homem que a executou. A modéstia, de mistura com a firmeza de convicções, a informalidade no trato e na indumentária de campo, conjugadas com o mais escrupuloso respeito das vestes sacerdotais, sempre que se encontrava na cidade ou que, de algum modo, tal era aconselhável, a dedicação à ciência e simultaneamente a celebração da missa nos mais recônditos lugares escarpados do Sudoeste-africano, a afabilidade e o espírito combativo, o bom-humor e a irritação com que terminava uma discussão, com violento e sonoro golpe da sua famosa bengala sobre a mesa de trabalho mais próxima... eis o Abade, nas palavras de quem o conheceu. Tudo isto e mais dois traços adicionais, que fazem unanimidade: a memória, uma memória prodigiosa que guardava dezenas de milhar de pinturas e gravuras, uma por uma, e que era capaz até de recordar uma simples pedra, vista décadas antes em qualquer parte do globo, como por exemplo nos informa Maxime Vaultier ao contar como numa das últimas estadia entre nós, o Abade lhe perguntou sobre determinada peça que nos anos 40 considerara sem interesse, mesmo não trabalhada por mão humana, mas agora gostaria de rever... (Vaultier, 1966, p. 345); e a caligrafia fechada, "uma das mais difíceis caligrafias da Europa", segundo confessava Miss Boyle: "As cartas costumavam ser devolvidas para mim das embaixadas e pessoas importantes com ríspidas observações de que não deveria deixá-las passar, de que eles não tinham uma semana livre para passar a aprender aquela letra e que era totalmente impossível saber o que ele queria" (Boyle, 1963, p. 16).

Assim era Henri Breuil, Abade sempre, como gostava de ser tratado, mesmo quando no final da vida foi feito cónego. Um homem “de mediana estatura, ligeiramente curvado, sobranceiras espessas, olhos vivos” (Lopes, 1962, p. 14). Homem simples, afinal, como todos os homens grandes. Um homem que passou uma vida a procurar fragmentos da Verdade, fazendo sua a consigna que dava aos outros: “Perseguir tudo o que se pode razoavelmente levar a cabo, considerar como razoável toda a inspiração harmonizada com as nossas forças, adaptando-se à realidade conhecida e susceptível de fazer crescer o conhecimento que dela temos, ser ao mesmo tempo ousado e prudente. Saber ousar, saber ponderar, saber preservar, não será esse o segredo que conduz àquela parcela de verdade que depende de nós conquistar?” (Breuil, 1937a, p. 66).

Um homem que sabia quão provisórias são as Verdades da Ciências e as dele próprio antes de todas: “As nossas classificações estão bem longe de ser dogmas intangíveis; cada uma testemunha os esforços meritórios de um homem ou de um grupo, e vale pelo conhecimento pessoal que adquiriu quem se deu ao trabalho de observar os factos. Cada novo investigador acrescenta-lhes o seu próprio esforço e assim fá-las progredir, na condição de que faça boas observações e tenha o cuidado de utilizar os meios adequados, dos quais o primeiro é o espírito aberto a toda a realidade que lhe tenha escapado anteriormente e de que não tomou conhecimento senão mais tarde em contacto directo com o terreno” (Breuil, 1954b, p. 13). Um homem que soube lutar pelas suas ideias, mas não recusou abrir-se às que se prefiguravam no horizonte, mesmo no final da sua vida: a revolução provocada pelo Carbono 14 ou as novas evoluções de tipologia paleolítica, com a menorização das variáveis puramente morfológicas e o desenvolvimento dos estudos tecnológicos. A este respeito vale a pena recordar a passagem do discurso que pronunciou em 1954, ao tomar posse pela segunda vez do cargo de Presidente da Sociedade Pré-histórica Francesa, quando se referia às limitações da tipologia e, de um modo geral, das metodologias que ele próprio tanto tinha desenvolvido ao longo da vida: “Decididamente a forma não chega e engana frequentemente, se saímos do interior de uma região bem definida. Com materiais análogos, para necessidades idênticas, as diversas raças humanas, dotadas do mesmo espírito inventivo, foram conduzidas a criações comparáveis. Existe alguma coisa mais fundamental do que as formas, em matéria de pedras talhadas, é a técnica, é o método seguido para obter lascas utilizáveis de um bloco de pedra, de um nódulo ou de um seixo” (Breuil, 1954b, p. 9), citando depois Coutier e Bordes como artistas exímios na descoberta das técnicas.

Uma vida assim preenchida, com preocupações científicas e sentido humano, forçoso seria que desse os seus frutos, mesmo após a morte. E a verdade é que o Abade deixou atrás de si toda uma geração. A lista dos autores reunidos em apenas duas das muitas homenagens promovidas após a morte, em Barcelona e Lisboa, é disso sintomática: espanhóis como António Beltrán, Bosch Gimpera, Jordá Cerdá, Almagro Basch, Maluquer de Matos, Barandiarán, Luis Pericot...; franceses, como o Abade Jean Bouyssonie, Marie-Henriette-Alimen, Denise Sonnevillle-Bordes, François Bordes, Raymond Lantier, Paul Wernert, Georges Laplace, Luis Méroc, André Leroi-Gourhan, Henri Lhote, Louis Pradel, Claude Barrière, Doutor Sahly, Abade André Glory, Pierre Biberson, Henri de Lumley, Jacques Blanchard, Henri Delporte, Max Escalon de Fonton, Robert Julien, Abade Jean Roche, André Cheynier, Louis-René Nougier, Romain Robert,

Georges Souville, Yves Coppens, Jean Chavaillon, Denise Ferembach, Jean Arnal, Camille Arambourg, Jacques Blanchard...; italianos, como Emmanuel Anati, Paolo Graziosi, Piero Leonardi...; canadianos, sul-africanos, alemães, chineses, americanos, como Philip Smith, Raymond Dart, Desmond Clark, Von Koenigswald, Pei Wen-Chung, Hallam Movius...; e obviamente portugueses, como Afonso do Paço, Maxime Vaultier, Mário Cardozo, Fernando de Almeida, Octávio da Veiga Ferreira, Jorge de Alarcão, Eduardo da Cunha Serrão... e, é claro, Georges Zbyszewski, que não sendo de nacionalidade portuguesa, o é pelo coração, como já dissemos. Discípulos todos, mais do que alunos: “É verdade que o senhor teve alunos – dizia Lionel Balout, dirigindo-se-lhe, por ocasião do seu 80.º aniversário – tanto no Instituto de Paleontologia Humana e no Colégio de França, como em Bordéus, Toulouse ou Lisboa; mas teve sobretudo discípulos, espalhados pelo mundo, que não puderam senão ouvir de si uma conferência acidentalmente e no entanto se ligam a si porque o senhor veio ter com eles, nas suas escavações, nas suas colecções, porque manteve com eles uma correspondência feita de avisos, de conselhos, de críticas também, mantendo-os liberalmente ao corrente das suas próprias pesquisas. Esta forma de influência é talvez a mais bela, e conheço no mundo inteiro, mesmo na América onde nunca foi, homens que guardam de si um reconhecimento afectuoso” (Balout, 1963, p. 41).

Breuil, o religioso, o homem de ciência, o “globe-trotter” quase diríamos, aproximava-se agora da sua última viagem. Com o passar do tempo, limitava cada vez mais a amplitude das suas deslocações e a frequências das suas participações em actos públicos. Sentia faltar-lhe o tempo e tinha ainda tanto para escrever... Mas podemos dizer que, entre todas as recordações, mantinha Portugal em lugar de destaque. É disso sintomático o relato que o jornalista português Frederico Lopes nos dá da forma com que o Abade o recebeu na sua casa de Isle-Adam no final dos anos 50, em resposta a um pedido de entrevista que lhe endereçara: “Devo dizer-lhe que rarissimamente recebo os jornalistas do meu país, contra os quais defendo o meu tempo a todo o custo. Mas, a sua qualidade de português, lembra-me tudo o que eu devo ao seu país e ao seu Governo, todas as facilidades que me foram concedidas durante a minha longa estadia em Portugal e nas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique. Todas essas recordações criaram em mim um complexo de gratidão a respeito de Portugal, gratidão que mantenho bem viva, e me influenciam a dispensar-lhe o melhor acolhimento, a partir do momento em que recebi a sua carta” (Lopes, 1962, p.11-12). Passando em Portugal todos os invernos dos últimos anos de vida – “nos últimos dois invernos da sua vida passámos um mês cada inverno num laboratório de Lisboa, enquanto ele classificava pedras talhadas. Lisboa era para o Abade Breuil não apenas um refúgio em tempo de guerra, mas um centro de amizade calorosa e interessante trabalho científico” (Boyle, 1965, p. 143); foi nesta altura que, entre outros trabalhos de revisão de colecções antigas, como as do litoral minhoto, pôde também classificar achados recentes entretanto feitos nas colónias portuguesas, como Timor (Zbyszewski, 1984b) – seria entre nós que Breuil realizaria algumas das suas últimas investigações e trocaria alguma da sua última correspondência. O Dr. Sahly, seu discípulo da região do Alto-Garona, que haveria de gravar com ele uma entrevista editada em disco (a única peça sonora da vida do Abade, recolhida para o futuro), não pôde deixar de falar no quase “milagre” que sentiu ao receber dele, com origem em Lisboa e

datada de 25 de Dezembro de 1960, a resposta a uma questão sobre o Languedocense, que o Abade tinha inicialmente definido no vale do Garona e mais tarde aprofundado com base nas indústrias do nosso território (Sahly, 1965, p. 311). Poucos meses depois, às 8,30 horas do dia, em 14 de Agosto de 1961, Henri Breuil viria a falecer em casa, na maior serenidade, quando ainda se preparava para realizar nova visita ao mundo das grutas do Sudoeste. No momento derradeiro, em face da interdição médica de viajar, ainda lamentava a Miss Boyle terem de adiar a ida à Dordonha. Esta, reconfortando-o, ajudou-o a virar-se na cama: “Ça va ?” – perguntou-lhe. “Ele não respondeu e eu percebi que tinha passado a sua última fronteira” (Boyle, 1963, p. 18). No mesmo dia, a muitos quilómetros de distância, um jovem investigador chamado Henri de Lumley descobriria um abrigo sob rocha com ocupações mustierenses no limite geográfico dos departamentos do Var e dos Baixos-Alpes: era o Abrigo Breuil. No Céu da Pré-história e da Arqueologia tinha nascido uma estrela.

Bibliografia de Henri Breuil citada no texto²

1909 – L'Aurignacien présolutréen – Épilogue d'une controverse. *Revue préhistorique*. Paris. 4 (8-9), p. 5-46.

1910 – *La caverne de Font-Gaume aux Eyzies, Dordogne*. Mónaco: Vve. A Chêne. p. 279
De colab. com L. Capitan e D. Peyrony.

1913 – Les subdivisions du Paléolithique supérieur et leur signification. *Compte Rendu du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques – XIV Session*. Geneve: Albert Kündig. t. 1, p. 165-238.

1917a – La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches, Portalegre. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 2 (13-14), p. 17-27.

1917b – Le char et le traîneau dans l'art rupestre d'Estremédure. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 2 (15-16), p. 81-86.

1917c – Glanes paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana. *L'Anthropologie*. Paris. 28, p. 1-19.

1920 – La Station Paléolithique ancienne d'Arronches, Portalegre. *O Archeologo Português*. Lisboa, 24, p. 47-55.

1921 – G. d'Ault du Mesnil. *L'Anthropologie*. Paris. 31, p. 161-162.

1931-34 – Études de stratigraphie paléolithique dans le Nord de la France, la Belgique et l'Angleterre. *L'Anthropologie*. Paris. 41 (5-6), p. 449-488; 42 (1-2), p. 27-47; 42 (3-4), p. 291-314; 44 (3-4), p. 250-290.

1932a – Le Paléolithique ancien en Europe Occidentale et sa Chronologie. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 29 (12), p. 570-578.

1932b – Le feu et l'industrie de pierre et d'os dans le gisement du 'Sinanthropus' a Chou Kou Tien. *L'Anthropologie*. Paris. 42 (1-2), p. 1-17.

1932c – Les industries à éclats du Paléolithique ancien. 1. Le Clactonien. *Préhistoire*. Paris: Ernest Leroux. 1 (2), p. 125-190.

² Relativamente à obra de Henri Breuil, indica-se apenas a bibliografia considerada essencial para a identificação de afirmações ou citações utilizadas no texto; numerosas outras referências indicadas de passagem no texto, podem, por exemplo, ser obtidas na listagem bibliográfica muito completa incluída em Ripol-Perelló, 1995, p. 277-345.

- 1936 – Discours de M. l'Abbé Breuil, Président entrant. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 33 (1), p. 55-58.
- 1937a – Discours. Quarante ans de Préhistoire. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 34 (1), p. 52-67.
- 1937b – A propos de la patine des pierres taillées. *L'Anthropologie*. Paris. 47 (1-2), p. 213-215.
- 1939a – The Pleistocene Succession in the Somme Valley. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge. N. S. (5, 1), p. 33-38.
- 1939b – Le vrai niveau de l'industrie abbevillienne de la porte du Bois, Abbeville. *L'Anthropologie*. Paris. 49 (1-2), p. 13-34.
- 1941a – Las antiguas playas portuguesas entre los Cabos de Espichel y Carvoeiro y sus industrias paleolíticas. *Atlantis*. Madrid. 16, p. 406-411.
- 1941b – Rapport sur les travaux exécutés du 1er. Juillet au 6 Octobre 1941. *Bulletin des Études Portugaises*. Lisboa. 8 (2), p. 77-81.
- 1942 – Les plages anciennes portugaises entre les Caps d'Espichel et Carvoeiro et leurs industries paléolithiques. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge. S. N. 8, p. 21-25. De colab. com M. Vaultier e G. Zbyszewski.
- 1942-45 – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 23, 374, p.; 26, p. 678 De colab. com G. Zbyszewski.
- 1943a – Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Liva Nova de Milfontes. *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 4. Congresso*. Porto: Imprensa Nacional. 8, p. 48-62. De colab. com O. Ribeiro e G. Zbyszewski.
- 1943b – Première prospection paléolithique en Algarve. *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 4. Congresso*. Porto: Imprensa Nacional. 8, p. 63-75. De colab. com M. Vaultier e G. Zbyszewski.
- 1949a – *Beyond the Bounds of History*. Londres: P. R. Gawthorn. p. 100
- 1949b – Miscellanea. 1. Stèle gravée énéolithique portugaise. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 46 (9-10), p. 338-339.
- 1951 – *Les Hommes de la pierre ancienne. Paléolithique et Mésolithique*. Paris: Payot. p. 336. De colab. com R. Lantier.
- 1952 – *400 Siècles d'art pariétal*. Montignac: F. Windels, CEDP. p. 419
- 1954a – La Préhistoire de l'Espagne. Homage aux morts. In *Congresos Internacionales de Ciencias Prehistoricas y Protobistoricas. Actas de la IV sesion – Madrid*. Zaragoza. p. 10-22.
- 1954b – Discours. Prologomènes à une classification préhistorique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 51 (1-2), p. 7-15.
- 1954c – Batons percés paléolithiques supérieurs et torteiras, Portugais. In *Congresos Internacionales de Ciencias Prehistoricas y Protobistoricas. Actas de la IV sesion – Madrid*. Zaragoza, p. 207-209.
- 1954d – Le Paléolithique ancien. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 51 (8), p. 9-26.
- 1954d – Les datations par C14 de Lacaux, Dordogne, et Philip Cave, S.W. Africa. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 51 (11), p. 544-549.
- 1957 – *L'Occident, patrie du grand art rupestre*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. p. 27.
- 1956 – Le Père Theilhard et son 'phénomène humain'. *Bulletin de Littérature ecclésiastique*. Toulouse. 1, p. 29-35.

1958 – Soixante ans de découvertes de fossiles humains et préhumains et leur influence sur le monde des idées. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. S. 3. 2, p. 5-14.

1959 – Contribution à l'étude des terrasses quaternaires au Portugal. I-La pebble culture à Magoito; II-Le Guincho. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 17, p. 9-12.

Bibliografia

BALOUT, L. (1963) – Voyages de l'Abbé Breuil en France, en Europe, a travers le Monde, 1897-1957. *Lybica*. Alger. t. 11, p. 9-42.

BÉGOUEN, C. (1929) – De l'authenticité des objets d'Alvao. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris, p. 3. Separata.

BIBERSON, P. (1965) – L'Abbé Breuil et le Clacto-Abbevillien de Casablanca, Maroc. In *Memoriam do Abade Henri Breuil*. Lisboa: Fac. Letras. vol. 1, p. 95-103.

BORDES, F. (1984a) – *Leçons sur le Paléolithique. Tome 1: Notions de Géologie Quaternaire*. Paris: CNRS. p. 288.

BORDES, F. (1984b) – *Leçons sur le Paléolithique. Tome II: Le Paléolithique en Europe*. Paris: CNRS. p. 459.

BOURDIER, F. (1967) – *Préhistoire de France*. Paris: Flammarion. p. 412.

BOYLE, M. [et al.] (1963) – Recollections of the Abbé Breuil. *Antiquity*. Cambridge. 37, n.º 145, p. 12-18.

BOYLE, M. [et al.] (1965) – Glimpses of the Abbé Breuil's work in Portugal and Portuguese Africa. In *Memoriam do Abade Henri Breuil*. Lisboa: Fac. Letras. vol. 1, p. 139-143.

CARDOZO, M. (1942) – *Breuil em Portugal. Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 10 (1), p. 71-74.

1962 – Les industries paléolithiques des plages quaternaires du Minho. La station de Carreço. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 46, p. 53-131.

1964 – Introdução à Pré-história de Angola. *Estudos sobre Pré-História do Ultramar Português*. Lisboa. 2, p. 157-175. De colab. com A. Almeida.

CARTAILLAC, É. (1902) – Les cavernes ornées de dessins. La grotte d'Altamira, Espagne. 'Mea culpa' d'un sceptique. *L'Anthropologie*. Paris. 13, p. 349-354.

FERREIRA, O. da V. (1965) – Recordação de uma viagem do Padre Henri Breuil ao Abrigo de Vale de Junco, Esperança. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. S. 3. 10, p. 275-277. In *Memoriam do Abade Henri Breuil*, vol. 1.

HELENO, M. (1956a) – Um quarto de século da investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 2. 3, p. 3-19.

HELENO, M. (1956b) – O Professor Henri Breuil. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 2. 3, p. 239-246.

LANTIER, R. (1957) – Préface. In *Hommage à l'abbé Henri Breuil pour son quatre-vingtième anniversaire*. Paris. p. 86.

LEROI-GOURHAN, A. e ALLAIN, J. (1979) – *Lascaux inconnu*. Paris: CNRS. p. 381.

LOPES, F. (1962) – *Encontro com o Padre Henri Breuil – 'Pai da Pré-História'*. Lisboa. p. 28.

PERELLÓ, E. R. (1994) – *El Abate Henri Breuil, 1877-1961*. Madrid: UNED. p. 375.

OLLIVIER, J. (1941) – A classificação das indústrias paleolíticas dos arredores de Lisboa. *Brotéria*. Lisboa. 33 (5), p. 374-376.

PERICOT-GARCIA, L. (1957) – Discours prononcé. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 54 (9), p. 485-48.

- RAYNAL, J-P. e PAUTRAT, Y. (1990) – *La Chapelle-aux-Saints et la préhistoire en Corrèze*. Brive: ARAL. p. 109.
- RAPOSO, L. (1986a) – O 'Papa da Pré-história' em Portugal. In *A Linguagem das Coisas*. Lisboa: Publ. Europa-América. p. 277-280.
- RAPOSO, L. (1996b) – Ser pioneiro no Portugal dos anos 40. In *A Linguagem das Coisas*. Lisboa: Publ. Europa-América. p. 281-284.
- RIPOLL-PERELLÓ (1995) – *El Abate Henri Breuil, 1877-1961*. Madrid: ed. UNED.
- ROCHE, J. (1966) – Souvenir de l'Abbé Breuil. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. S. 3. 10, p. 287-302. In *Memoriam do Abade Henri Breuil*, vol. 2.
- SAHLY, D. (1965) – Essai de synthèse de la civilisation languedocienne. In *Miscelanea en Homenaje al Abate Henri Breuil*. Barcelona: Instituto de Prehistoria y Arqueologia. t. 1, p. 309-317.
- SKROTZKY, N. (1964) – *L'Abbé Breuil et la Préhistoire*. Paris: Seghers. p. 192.
- TEIXEIRA, C. (1984) – Palavras do Professor Carlos Teixeira. In *Volume d'hommage au géologue Georges Zbyszeuski*. Paris: Recherche sur les Civilisations. p. 45-48.
- VASCONCELOS, J. L. de (1920) – Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. Pe. H. Breuil. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 56-58.
- VAULTIER, M. (1966) – Apontamento e recordação. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. S. 3. 10, p. 345. In *Memoriam do Abade Henri Breuil*, vol. 2.
- ZBYSZEWSKI, G. (1946) – Étude Géologique de la Région d'Alpiarça. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 27, p. 145-268.
- ZBYSZEWSKI, G. (1962) – L'Abbé H. Breuil et sa contribution à l'étude de la préhistoire portugaise. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 46, p. 41-51.
- ZBYSZEWSKI, G. (1966) – Adieu l'Abbé Breuil! *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. S. 3. 10, p. 361-373. In *Memoriam do Abade Henri Breuil*, vol. 2.
- ZBYSZEWSKI, G. (1984a) – Palavras do homenageado. In *Volume d'hommage au géologue Georges Zbyszeuski*. Paris: Recherche sur les Civilisations. p. 48-54.
- ZBYSZEWSKI, G. (1984b) – Le paléolithique de Timor et la contribution de l'Abbé H. Breuil à son étude. *Garcia de Orta. Série de Antropobiologia*. Lisboa. 3 (1-2), p. 183-228.
- ZILHÃO, J. (1987) – *O Solutrense da Estremadura Portuguesa: uma proposta de interpretação paleoantropológica*. Lisboa: IPPC. p. 94. (Trabalhos de Arqueologia; 3).

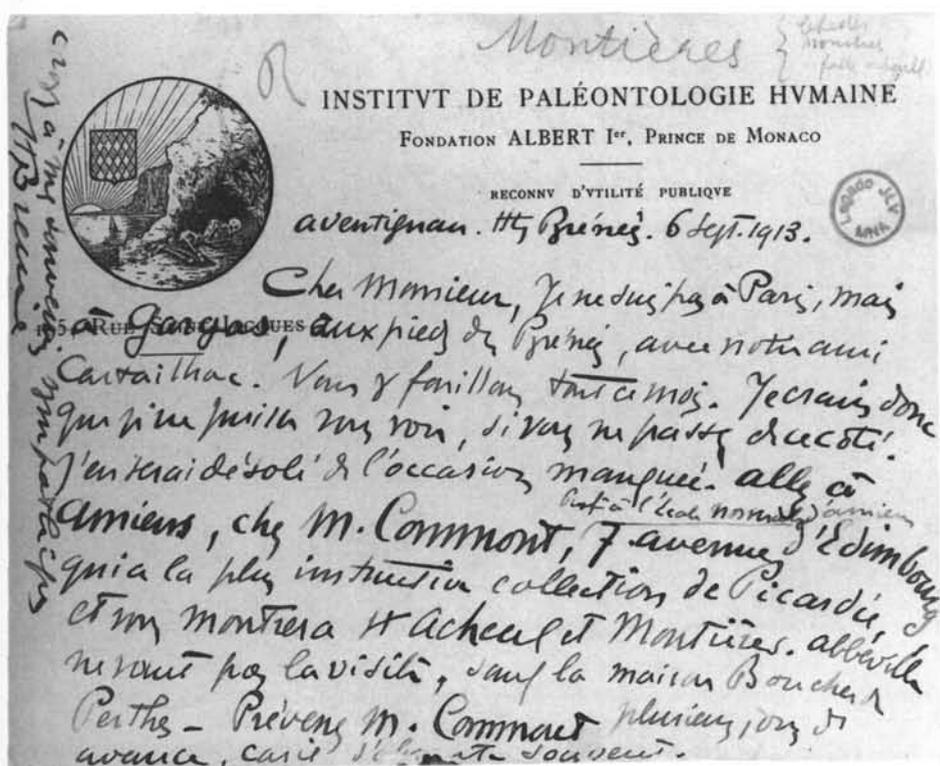


Fig. 1 – Verso do cartão do Instituto de Paleontologia humana (utilizado como postal de correios) enviado por Henri Breuil a Leite de Vasconcelos e datado de "Aventignan, Hts. Pyrénées. 6 Sept. 1913". Na frente, a indicação "carte postale", dois selos de 5c cada, um carimbo de correio da mesma data e localidade e um destinatário, assim identificado: "M. Leite de Vasconcellos, Conservateur du Musée d'Antiquités Portugaises à Lisbonne, aux soins de M. Bragança Cunha, 24. Little Russel Street, London W.C., Angleterre".

Arronches (Portalegre)
17 Juin 1916.

Che Monsieur y Compagnon,

En mission scientifique en Espagne
en la partie d'Estremadure, j'ai
permis, muni d'un passeport
diplomatique, visé par la Légation
Portugaise à Madrid à La Esperanza,
où le Prof. Pacheco avait
signalé une roche peinte.
Bien qu'il n'ayant rien fait
qu'après autorisation du
chef de poste et en présence
des douaniers envoyés pour
m'accompagner, j'ai été
invité à me rendre à
Arronches, où le même "calvo"

Fig. 2 – Primeira página de carta de Henri Breuil para Leite de Vasconcelos, datada de "Arronches (Portalegre) 17 Juin 1916". Carta de 4 páginas.

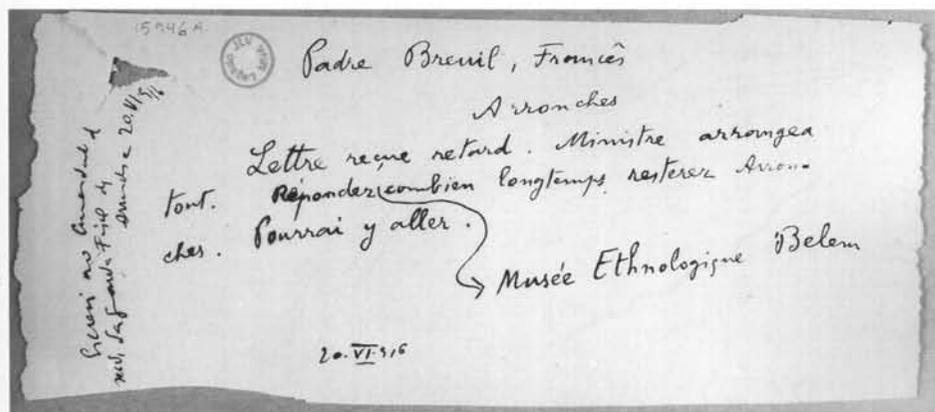


Fig. 3 – Rascunho de telegrama enviado por Leite de Vasconcelos a Henri Breuil em 20 de Junho de 1916 e guardado pelo próprio no interior da carta que recebera três dias antes. Em anotação à margem do texto do telegrama, Leite de Vasconcelos assinala: “Escrevi ao Comandante de serviço da Guarda Fiscal de Arronches em 20.VI.1916”.

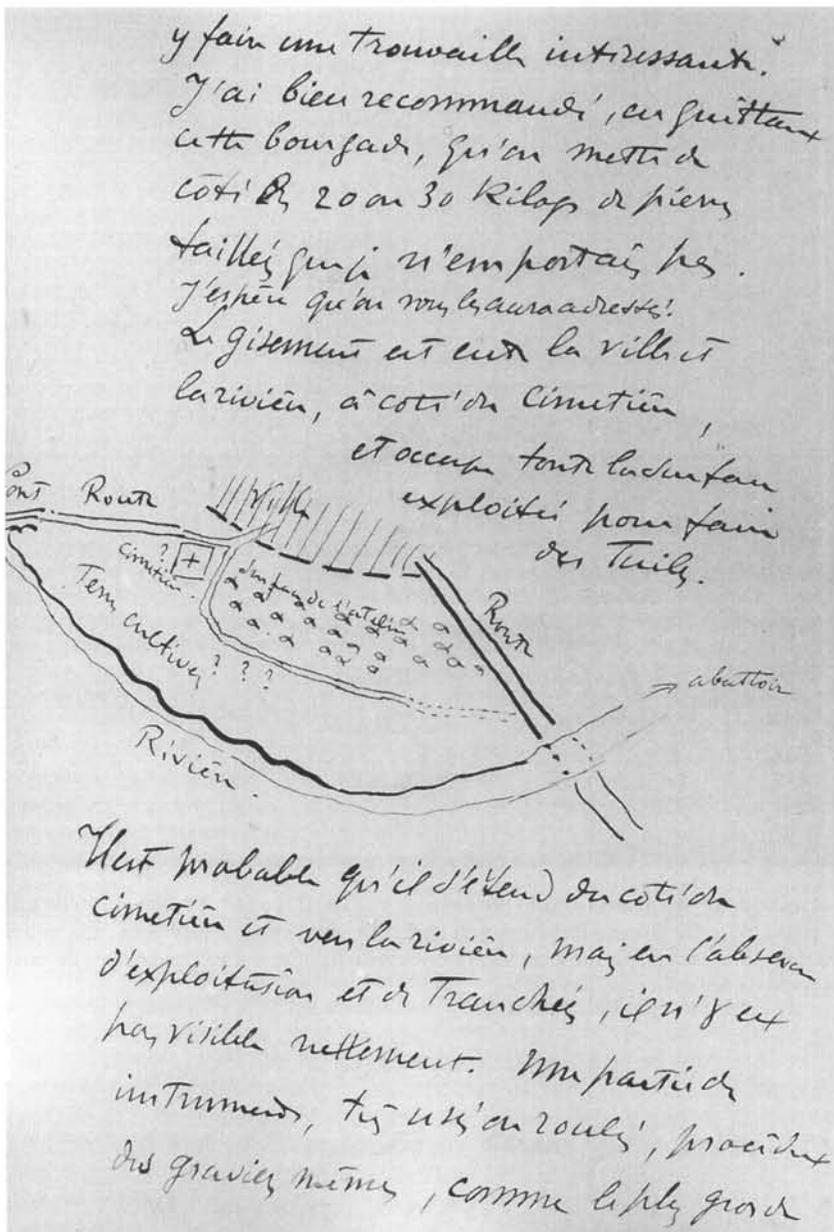


Fig. 4 – Segunda página de carta de Henri Breuil para Leite de Vasconcelos. Datada de “Madrid. Le 4 Juillet 1916”. Carta de 5 páginas. O envelope, comum, com um selo de 10 c. e um carimbo de correio de 5 de Julho, da “estafeta sucursal n.º 1 – Madrid”, é endereçado a “Prof. José Leite de Vasconcelos, Conservador del Museo de Antiguidades, 27, Rua de D Carlos Mascarenhas, Lisboa, Portugal”. À margem, contém anotação pelo punho de Leite de Vasconcelos, indicando “Pe. Breuil – autografo”. A página reproduzida contém esboço da localização da estação paleolítica descoberta por Henri Breuil.

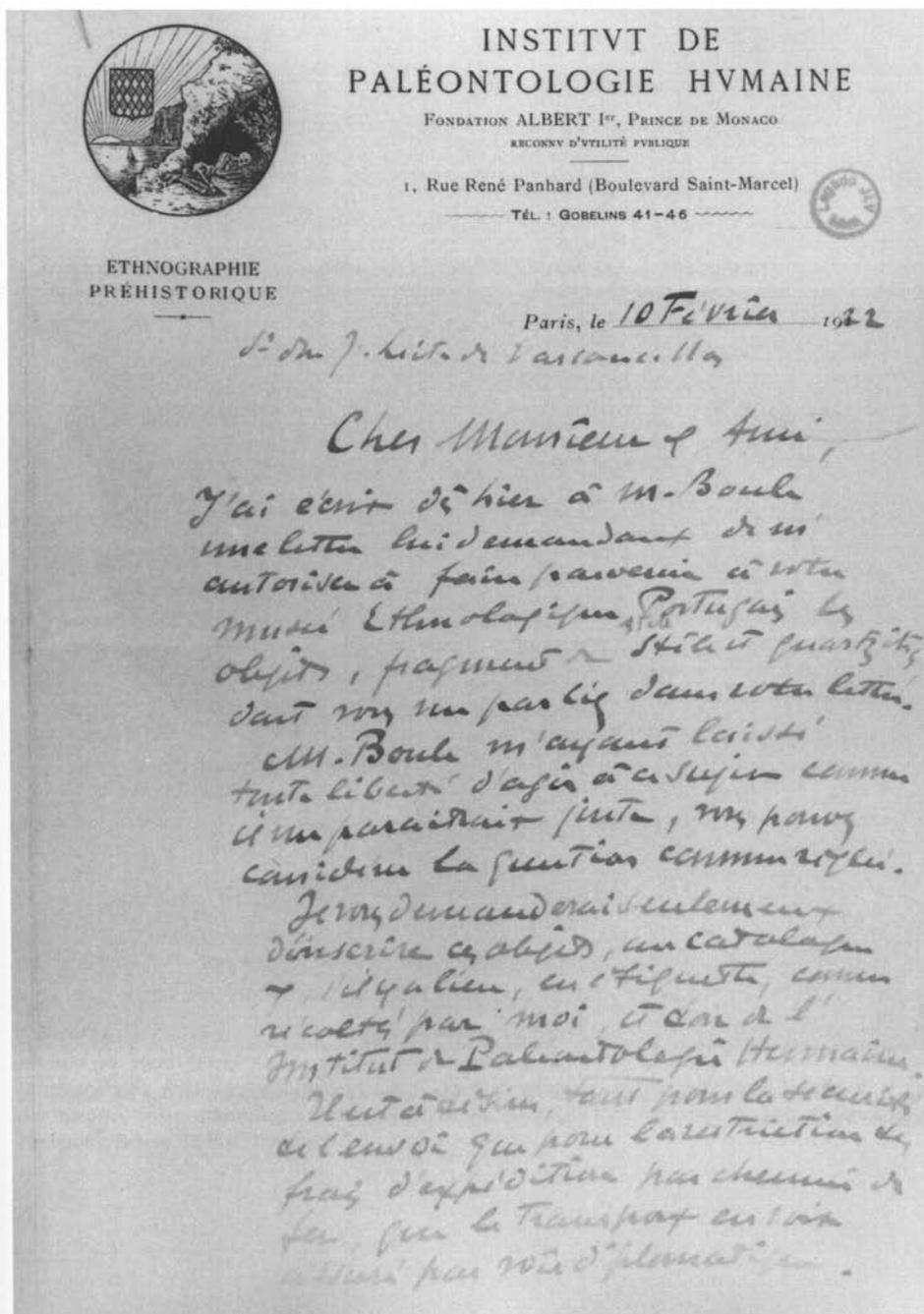


Fig. 5.1 – Primeira página de carta de Henri Breuil para Leite de Vasconcelos, em papel timbrado do Instituto de Paleontologia Humana. Datada de "Paris, le 10 Février 1922". Carta de 2 páginas + lista anexa.

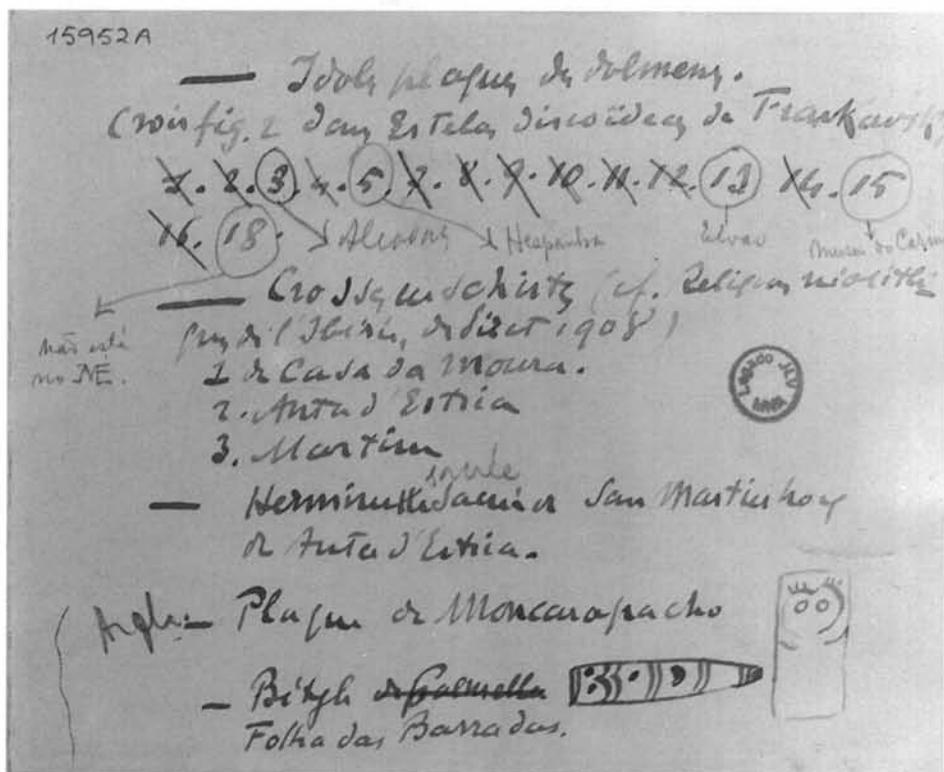


Fig. 5. 2 – Lista anexa à carta referida na fig. 5. 1. De notar as numerosas anotações da autoria de Leite de Vasconcelos.

15956



195, RUE SAINT-JACQUES

INSTITUT DE PALÉONTOLOGIE HUMAINE

FONDATION ALBERT I^{er}, PRINCE DE MONACO

RECONNU D'UTILITÉ PUBLIQUE



17.III.23. Paris -

cher Monsieur, je suis heureux de savoir
 la date de votre voyage - Merci aussi
 de l'inscription que vous m'avez faite : Je con-
 vêts et salue par M. l'Abbé Breuil, un
 nom de l'Institut de Paléontologie Humaine
 de Paris. En effet, son directeur m'a
 laissé libre d'agir, mais j'en voudrais s'en
 mêler ; la pièce a été considérée par
 lui comme une propriété personnelle,
 relevant par conséquent, fait par
 l'J.P.H. J'ai bien reçu le tirage à
 part, très bien : merci ; mais que
 vous dois-je ?

Bien cordialement etc. H. Breuil

Fig. 6 – Verso do cartão do Instituto de Paleontologia humana (utilizado como postal de correios) enviado por Henri Breuil a Leite de Vasconcelos, datado de “17.III.23. Paris”. Na frente, a indicação “carte postale”, dois selos de 15c cada, um carimbo de correio da mesma data e localidade e um destinatário, assim identificado: “M. José Leite de Vasconcellos, Director do Museu Etnologico Português, Belem, Lisboa, Portugal”.



Fig. 7 – Prova fotográfica preto/branco, formato 8x11 cm, sem data, com a seguinte indicação no verso (à lápis, pelo punho de Manuel Heleno): “Estação aurignacense da Sra. da Luz. Breuil estraindo objecto (silex trabalhado)” (a palavra *objecto* surge riscada).



Fig. 8 – Prova fotográfica preto/branco, formato 8x11 cm, sem data, com a seguinte indicação no verso (à lápis, pelo punho de Manuel Heleno): “Na Quinta Nova. Breuil analisando silex”.



Fig. 9 – Prova fotográfica preto/branco, formato 8x11 cm, sem data, com a seguinte indicação no verso (à lápis, pelo punho de Manuel Heleno): “Em Rio Maior. Breuil”.



Fig. 10 – Prova fotográfica preto/branco, formato 8x11 cm, sem data, com a seguinte indicação no verso (à lápis, pelo punho de Manuel Heleno): "Breuil no Vale Comprido".



Fig. 11 – Desenho de Henri Breuil (1949, p. 86-87). Impresso a cores, a partir de original em lápis de cor. Identificado como "The Shell-Fish Eaters of the Sea-Shore". O texto e um pequeno esboço cartográfico explicam que o autor tem por referência a costa ocidental portuguesa, na zona do Guincho, com a Serra de Sintra e o Cabo da Roca ao fundo. Não é inspirado em nenhum sítio arqueológico específico, mas numa ideia acerca do modo de vida costeiro no Paleolítico Superior e no Mesolítico.



Fig. 12 – Desenho de Henri Breuil (1949, p. 94-95). Impresso a cores, a partir de original em lápis de cor. Identificado como “Mesolithic Settlements near the Mouth of the Tagus”. O texto e um pequeno esboço cartográfico explicam que o autor tem por referência a zona de Muge, no Ribatejo. É inspirado nos concheiros mesolíticos aí detectados.

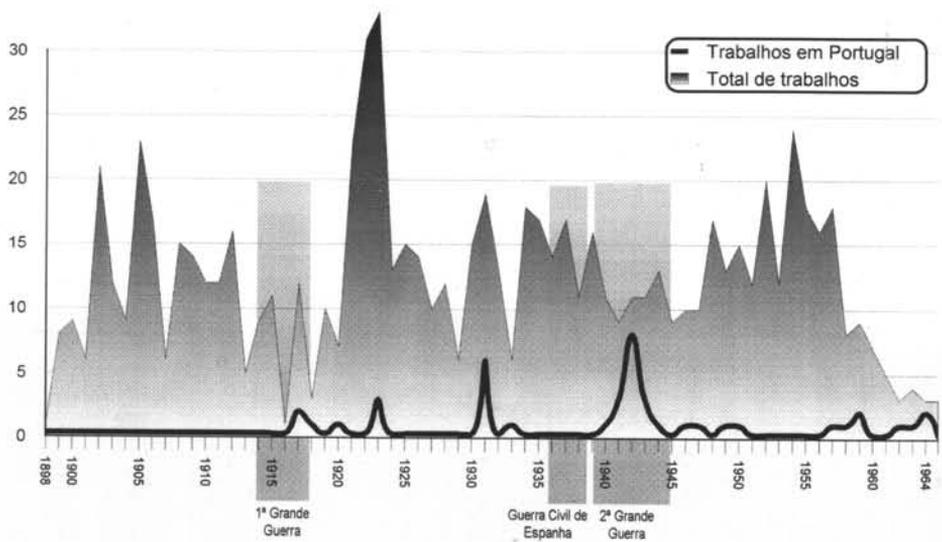


Fig. 13 – Bibliografia de Henri Breuil. Total de trabalhos publicados: 834, no total; 40, em/sobre Portugal.

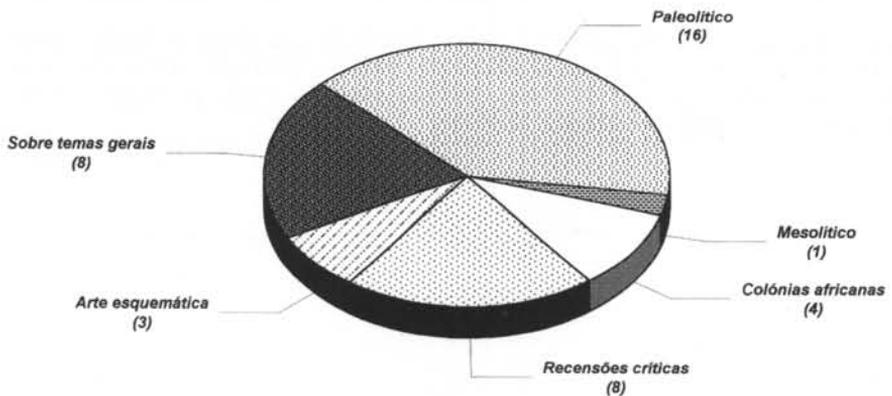


Fig. 14 – Bibliografia de Henri Breuil. Trabalhos publicados em/sobre Portugal (desdobramento por temas).

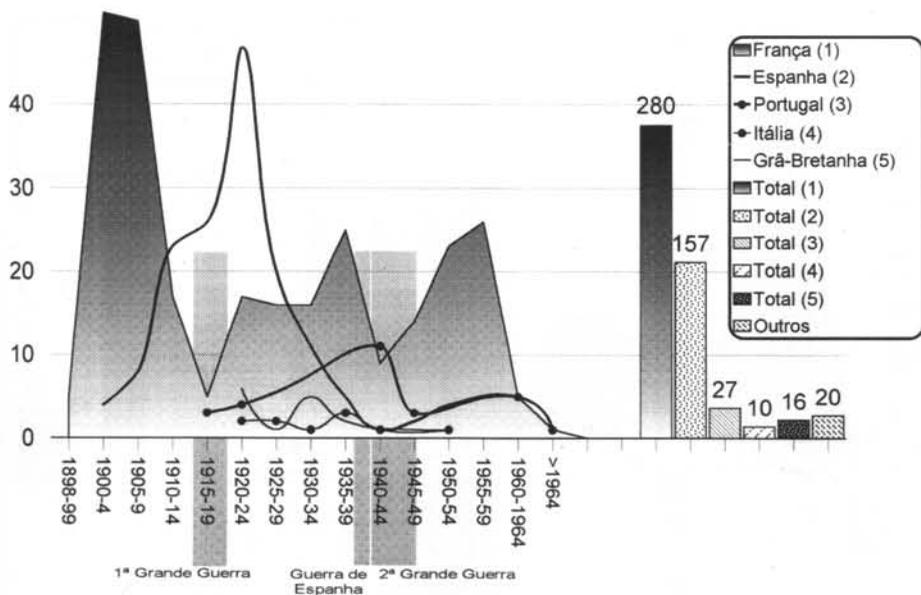


Fig. 15 – Bibliografia de Henri Breuil. Trabalhos sobre países europeus.

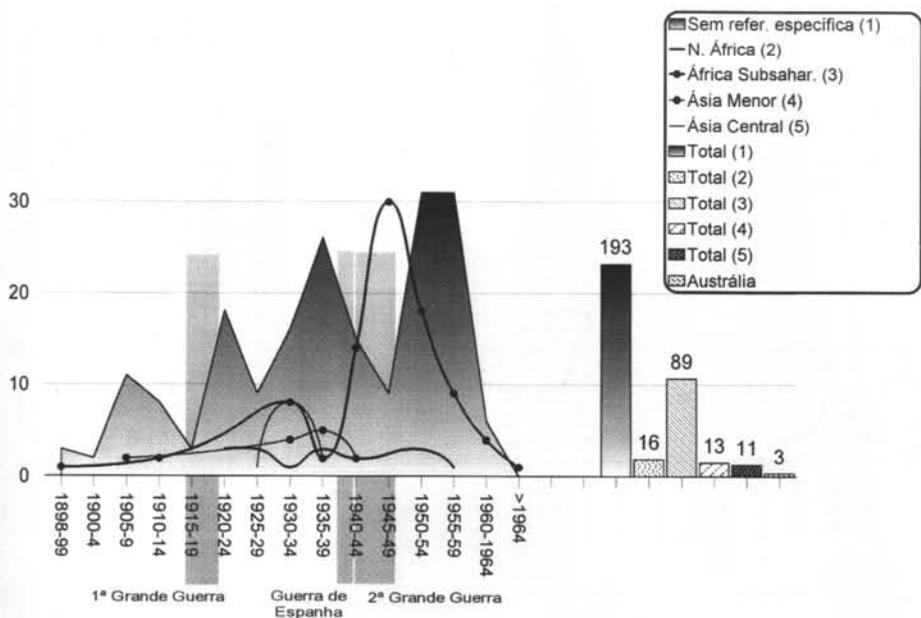


Fig. 16 – Bibliografia de Henri Breuil. Trabalhos sobre países não-europeus.

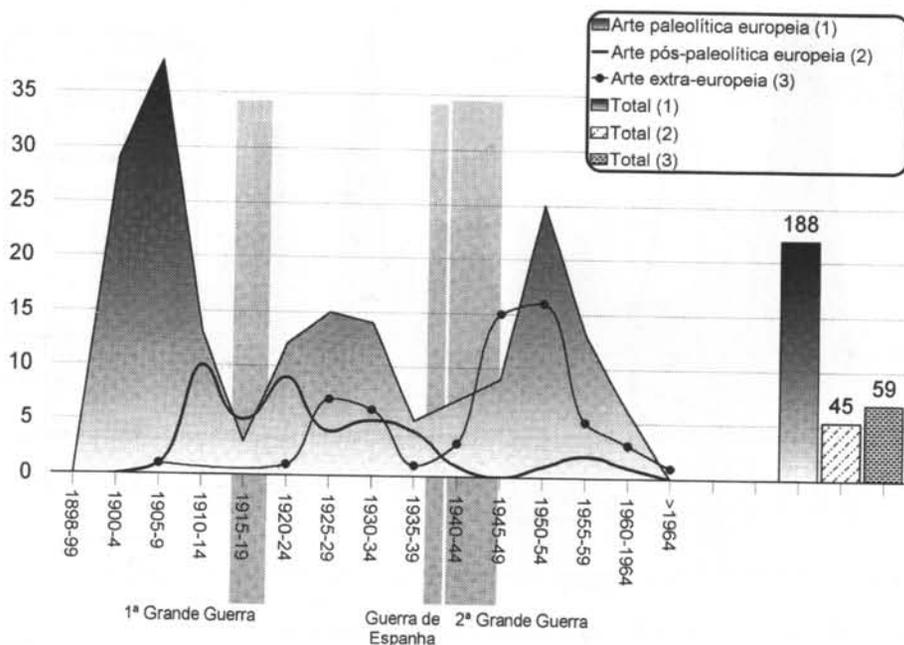


Fig. 17 – Bibliografia de Henri Breuil. Trabalhos sobre arte pré-histórica e proto-histórica.

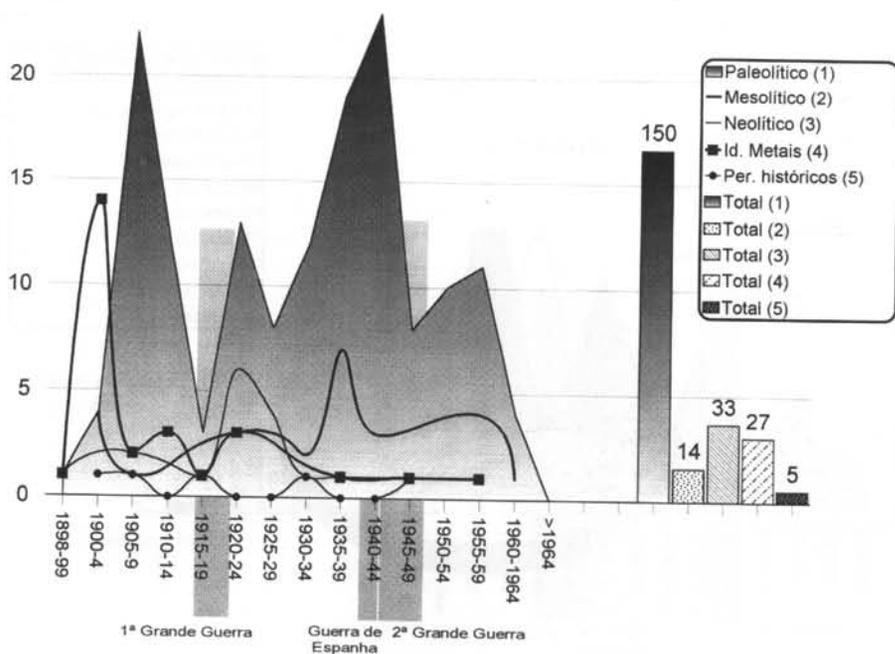


Fig. 18 – Bibliografia de Henri Breuil. Trabalhos sobre períodos históricos.

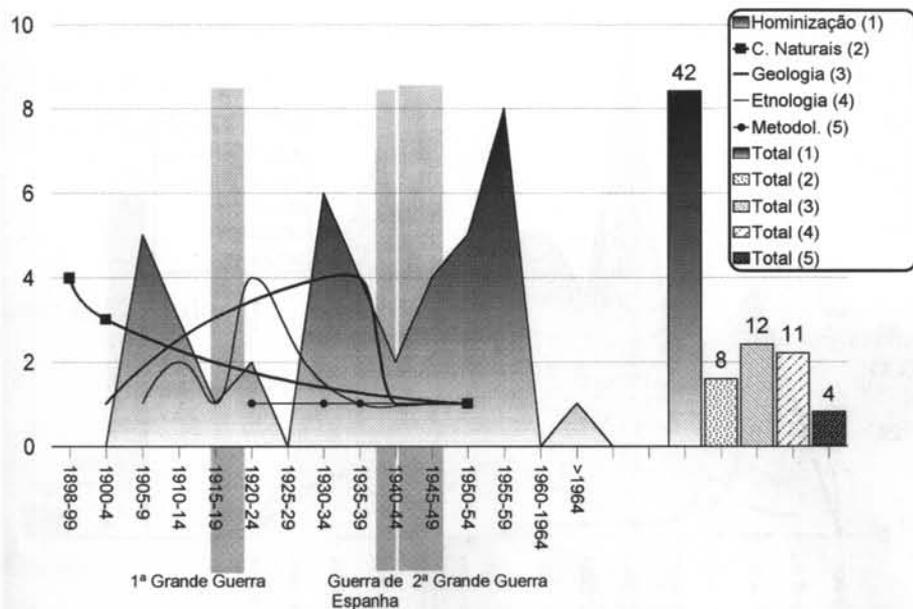


Fig. 19 – Bibliografia de Henri Breuil. Trabalhos sobre áreas disciplinares.

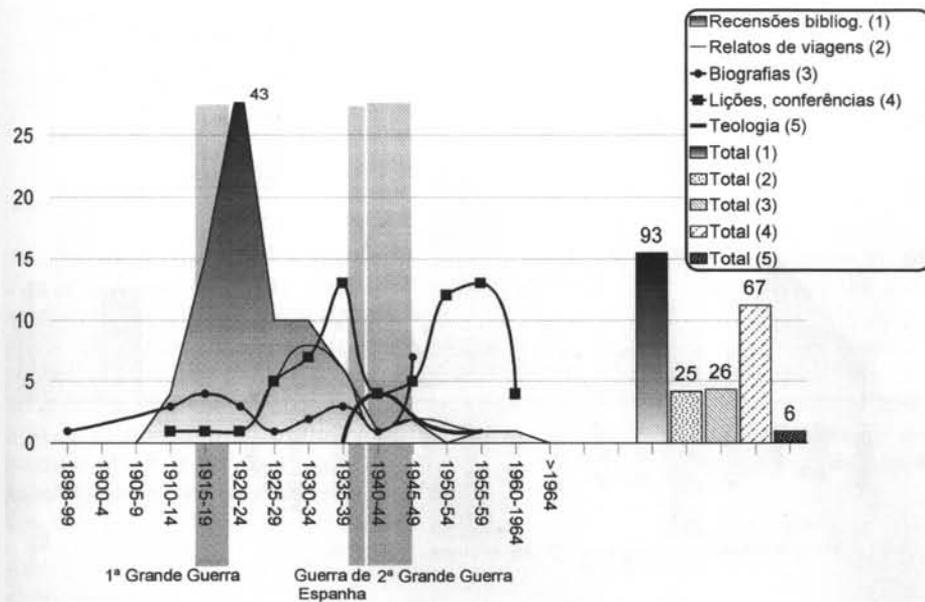


Fig. 20 – Bibliografia de Henri Breuil. Trabalhos sobre temáticas diversas.

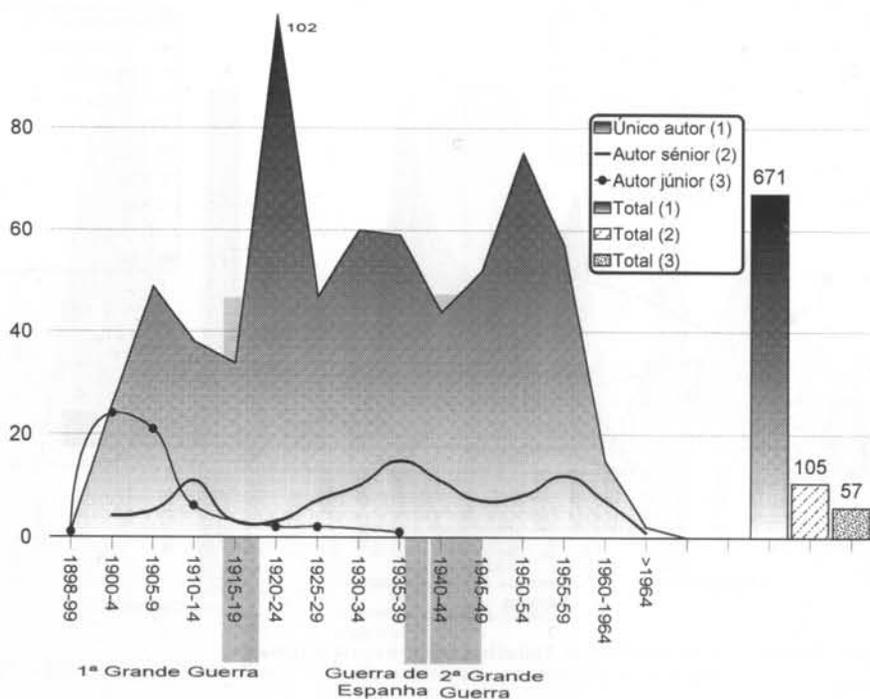


Fig. 21 – Bibliografia de Henri Breuil. Autoria / co-autoria dos trabalhos publicados.

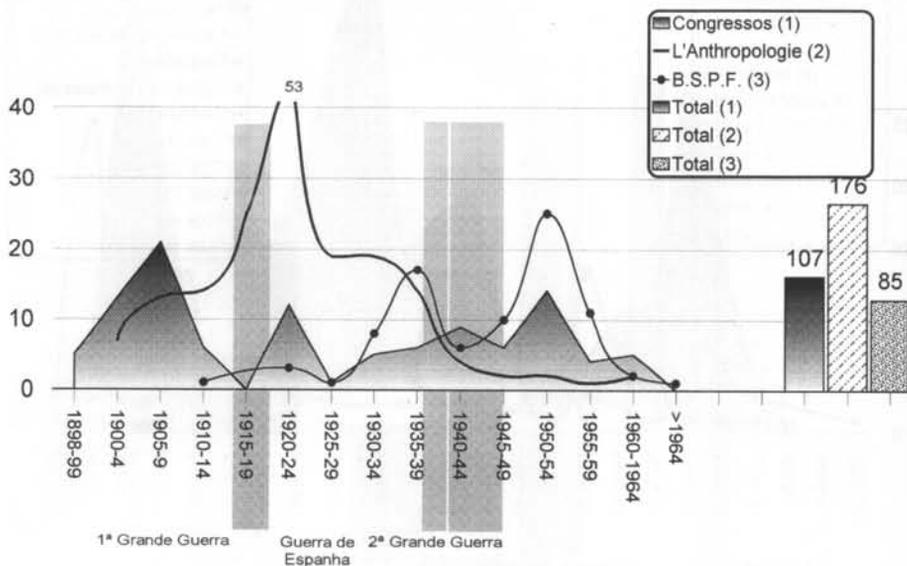


Fig. 22 – Bibliografia de Henri Breuil. Trabalhos publicados em congressos, em *L'Anthropologie* e no *Bulletin de la Société Préhistorique Française*.